ANO 33.º — QUARTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 1953 — N.º 11.108

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

República

Está em vésperas de acabar a propaganda eleitoral em que a Oposição e a União Nacional jogaram, uma contra a outra, as setas mais mordentes e penetrantes de que dispunham, no seu carcaz. Felizmente, não há mortos nem feridos de gravidade e as eleições vão realizar-se, na medida em que os homens bons da política são capazes de obedecer á fórmula—«defesa da Republica e liberdade de voto».

O sufrágio universal tem de mais uma vez demonstrar que os numeros, de que já nos falou Pitagoras, podem operar autênticos milagres, como este, por exemplo—dar ao mais forte o direito de mandar e governar. Entendemos, em perfeito acordo com mestres insignes, que a soberania do Povo possui esta virtude eficaz—ajudar a consciência a despojar-se de miragens.

Um amigo nosso que vive na preocupação de que a felicidade popular é um produto normal, filho legítimo da liberdade e das urnas, disse-nos ontem o seguinte:

—Tenho setenta e dois anos e nunca votei, embora acredite que a Democracia é o regime próprio das Nações que não vivem de quimeras.

Não há duvida que, entre nós, as quimeras são muito poucas e que os paladinos das enormes batalhas não se batem com metaforas, mas com armas ofensivas. Isto honra a raça que não se contenta com ficções, antes com realidades substanciosas.

Alguém que nos escreve de longe refere-se, acidamente, aos nosos tempos de Coimbra:

—Lembras-te ainda das nossas discussões, a horas mortas, sobre o significado que nós atribuiamos á palavra Republica?

Perante o que se tem passado, eu mantenho a mesma fé e a mesma disposição para lutar. A Republica não é sonho que passa, mas estrada que se constrói, através dum espesso e escuro matagal.

(Continua na página seguinte)

O subsecretário da Educação presidindo á reunião

Uma exposição do subsecretário da Educação

sobre os resultados de um ano de trabalho

da campanha empreendida contra o analfabetismo

O sr. dr. Veiga de Macedo, subsecretário de Estado da Educação Nacional, teve esta manhã, no Ministério, uma conferência com os representantes da Imprensa e da Rádio, durante a qual fez uma exposição completa sobre o problema do analfabetismo entre nós, desde 1890 até á data, e resultados obtidos no primeiro ano da Campanha Nacional de Educação de Adultos. A conferência começou cerca das 10 horas e a ela assistiram, também, os srs. dr. José Manuel da Costa, secretário nacional da Informação; dr. Adolfo de Andrade, presidente do Grémio Nacional da Imprensa Diária; dr. Tavares de Almeida, chefe dos Serviços de Imprensa do S. N. I.; e ainda um delegado da Campanha de Educação de Adultos no Norte e funcionários superiores dos Serviços Centrais.

Antes de fazer a sua notável exposição, o sr. dr. Veiga de Macedo esclareceu que, já por várias vezes, importantes órgãos da Imprensa lhe tinham solicitado entrevistas sobre os resultados da execução do Plano de Educação Nacional. Julgara, porém, mais conveniente aguardar o desenvolvimento do plano, e, assim, era-lhe agora possível apresentar um balanço do que se conseguira já e que constituia base sólida para enfrentar o futuro. Com a conferência de Imprensa, explicou ainda, dava-se plena satisfação a todos os jornais, que, por igual, têm demonstrado desejar colaborar neste grande empreendimento do Governo.

Depois, o sr. dr. Veiga de Macedo passou a fazer a leitura da sua exposição. E' um longo documento, que damos na íntegra, dada a sua importancia:

«Tendo-se completado, no passado dia 27 de Outubro, um ano sobre a publicação dos diplomas que instituiram e regulamentaram o Plano de Educação Popular, julgou-se conveniente aproveitar a ocasião para se fazer um balanço á obra realizada e dar conhecimento á Nação dos resultados conseguidos nos primeiros doze meses da vigência do decreto-lei n.º 38.968 e do decreto n.º 38.969, de 27 de Outubro de 1952. Um ano constitui período dema-

(Continua na 6.ª página)

O dr. Albino dos Reis

lamenta o tumulto e a violência de paixões

em que tem decorrido

a campanha eleitoral

O sr. dr. Albino dos Reis ocupa, nos quadros politicos da Situação, um lugar de excepcional relevo. Antigo ministro do Interior, tem presidido durante várias legislaturas á Assembleia Nacional e é presidente do Supremo Tribunal Administrativo e membro do Conselho de Estado. O seu nome encima a lista de candidatos da União Nacional pelo circulo de Lisboa. Vindo de um antigo partido da Republica, compreendeu, em certa altura, que os processos politicos seguidos durante muitos anos de vigência do regime republicano precisavam de ser reformados e não tardou a aderir ás novas ideias politicas defendidas pelo movimento de 28 de Maio.

Quisemos ouvi-lo sobre a campanha eleitoral que está prestes a terminar, tanto mais que veio a publico um documento subscrito pelo seu nome e referente a um facto politico que o sr. dr. Albino dos Reis talvez quisesse esclarecer.

—Certamente V. Ex.ª, pela situação que ocupa, tem acompanhado com interesse a campanha eleitoral que vai no seu termo?—começámos por lhe perguntar.

—Tenho feito o possivel por ler tudo o que se escreve, mormente por parte das oposições.

—E qual a sua impressão da campanha oposicionista?

—A de que tem sido feita num tumulto e

(Continua na 11.ª página)

A resposta

de Moscovo

à nota ocidental

PARIS, 4—Os círculos autorizados indicam que na resposta á nota ocidental de 18 de Outubro, o Governo soviético confirma as propostas contidas na sua nota de 28 de Setembro. A U. R. S. S. propõe a reunião de uma conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros:

1.º—Para examinar, com a participação dos ministros dos Negócios Estrangeiros da França, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da hina Popular e da U. R. S. S., as medidas tendentes a diminuir a tensão nas relações internacionais.

2.º—Para estudar, com a participação da França, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da U. R. S. S., os problemas alemães, incluindo todas as propostas apresentadas no decurso da preparação da conferência.

A respeito da Austria, a U. R. S. S.

(Continua na ultima página)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Uma ideia que paira

O «Diário de Lisboa» fez anteontem uma resenha de factos políticos cuja ordenação, evidenciada através de declarações produzidas durante a actual campanha eleitoral, lhe permitiu a conclusão de que, de um e outro lado do campo onde se tem travado a batalha, a ideia de um entendimento começa a criar corpo.

A ideia em si não terá sido grande surpresa. Surpresa terá sido, ao que parece, que a conclusão fosse abertamente formulada—aliás deduzida da evidência de fenómenos soltos que apenas faltava relacionar—e, mais ainda, que a própria palavra *entendimento* tivesse sido posta, sem o cuidado de a atenuar em metáforas ou de a envolver em discretos rodeios.

Limitou-se o «Diário de Lisboa» a fazer, não uma interpretação, mas uma simples verificação de factos que não

(Continua na página seguinte)

Um novo artigo do Eng. Cunha Leal

O «Diário de Lisboa» publicará amanhã, ultimo dia da actual campanha de propaganda eleitoral, um artigo do sr. eng.º Cunha Leal, intitulado «Epístola aos novos e aos governantes».

A formação do carácter

da gente portuguesa

tem de ser feita num ambiente de confiança

— diz-nos o dr. Câmara Reys

O sr. dr. Luís da Camara Reys não carece de apresentação. Professor, escritor e jornalista, tem atrás de si uma obra que o identifica. No campo das ideias políticas, o dr. Camara Reys, durante tantos anos dirigente da «Seara Nova», tem estado activamente ligado, nos ultimos anos, a todas as campanhas oposicionistas. Actualmente, o seu nome figura na lista de candidatos que a Oposição apresenta por Lisboa. O seu depoimento é, pois, um dos de mais vivo interesse.

Começamos por lembrar que, estando nos ultimos dias da campanha eleitoral, é natural que se pergunte se a Oposição está decidida, em definitivo, a manter as listas da candidatura. O sr. dr. Camara Reys responde-nos que, de facto, é quase certo que todos os candidatos oposicionistas manterão, até final, isto é, até á ida ás urnas, a sua presença.

E, como sabemos que, entre os candidatos oposicionistas, nem todos partilhavam essa opinião, perguntamos quais foram as razões do grupo que prevaleceu. O sr. dr. Camara Reys explica:

—Com efeito, desde o começo da campanha, o problema de irmos até ao fim foi discutido e posto de remissa. Mas, como era de prever, desde que começámos a entrar em contacto com o publico democrata, verificámos que o entusiasmo do eleitorado nos impunha a ida até ao fim, levando a nossa campanha ás ultimas consequências. Além disso, era necessário atender ao problema da educação do eleitorado. Lembro-me de que, entre as dezenas de cartas recebidas nos serviços das nossas candidaturas, apareceu uma, por exemplo, subscrita por um homem de 41 anos que, criado e educado dentro deste quarto de século de política

(Continua na 14.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Uma ideia que paira

(Continuação da página anterior)

podiam deixar de se sentir situados numa linha comum de raciocínios e aspirações.

Um novo elemento a fortalecer a razão da dedução que formulámos apareceu hoje a publico, através da mensagem enviada pelo antigo ministro sr. capitão Teófilo Duarte ao eleitorado de Angola, por onde é candidato a deputado.

Referindo-se á actividade desenvolvida pelos meios oposicionistas, o sr. capitão Teófilo Duarte escreve:

«Pois bem, se os seus elementos não desistem de influir na política do País, e ninguém lhes nega esse direito individual, eles terão de deixar de pertencer a organizações, visando áquilo que atrás classificamos de promotoras do estado de guerra fria tendente á subversão catastrófica do regime. Eles poderiam porém encarar, como tantos de nós outros situacionistas, uma nova forma de actuação politica, através de organizações de classe, em que os seus meritos profissionais tivessem ocasião de os impor, dando-lhes assim a possibilidade de exercerem um papel constdutivo que os valorizasse politicamente. Esta possível aproximação do campo governamental, por parte da oposição, é tanto mais fácil que, sendo ela inicialmente composta apenas de elementos do regime deposto pelo 28 de Maio, congrega hoje muitos dos que criaram esta situação, como Mendes Cabeçadas, dos que a defenderam, como Neto e Pessoa, dos que a serviram, como Quintão Meireles, dos que foram seus precursores, como Cunha Leal, dos que têm enfim muitos conceitos afins dos que nos norteiam, como os monárquicos amigos de Almeida Braga, os sindicalistas de Rolão Preto, os cooperativistas, e tantos outros. A oposição, pois, hoje em dia, quer em virtude dos fracassos sofridos, quer da sua composição cada vez mais heterogenea, está em condições de considerar bastante diminuida a distancia que a separava inicialmente de nós. Ela, numa boa parte, tem sérias possibilidades de nos dar uma util colaboração, mediante uma modalidade a acertar, acabando-se com as diatribes e os doestos que são o pão nosso de cada dia, nestes períodos eleitorais, que só interessam aos amadores de escandalos».

Depois, considerando a própria posição do campo situacionista, diz:

«Tal atitude seria norteada apenas pelo desejo de fazermos, por nossa parte, o possível para se normalizar a vida politica da nação, terminando com a possibilidade da renovação de lutas fratricidas, deixando de afectar ignorancia da existência de numerosos elementos politicos adversos que não abdicam de intervir nos negócios publicos, e retirando-os do ostracismo».

Os métodos que para tanto preconiza o sr. capitão Teófilo Duarte não serão, evidentemente, os mesmos em que poderão pensar os que se encontram do outro lado—e de admirar seria que, apenas ao primeiro sinal, logo se revelasse um acordo geral e generalizado sobre todos os pormenores. Mas a falta de acordo quanto a pormenores, porventura quanto a métodos, não invalida o propósito mais remoto de efectivamente se procurar um entendimento. A ideia aparece claramente posta e, já agora, ainda que a envolva por algum tempo o manto do silêncio, é de crer que não faltará quem se encarregue de ir regando as sementes que de um e de outro lado foram lançadas á terra.

DR. FERREIRA MALAQUIAS
Retomou a clínica

Em 403 prisioneiros sino-coreanos só um quis ser repatriado

PAN-MUN-JON, 4.—Funcionários comunistas utilizaram hoje fotografias de raparigas atraentes para convencer a regressarem á pátria prisioneiros chineses que recusaram a repatriação. Foram mostradas aos prisioneiros fotografias de homens que tinham regressado, a conversar com belas raparigas chinesas. Apesar disso, os «explicadores» comunistas não obtiveram, segundo parece, grande exito. Tiveram de ser chamados guardas indianos para evitar que alguns prisioneiros agredissem os funcionários e outros rogaram-lhes pragas e cuspiram-lhes na cara.

Os alto-falantes comunistas começaram a dirigir apelos aos 403 comunistas chineses que deviam ouvir as «explicações», mas as vozes mal se ouviam no meio dos coros e gritos dos prisioneiros. Depois de ouvidos os argumentos dos oficiais comunistas, por vários grupos de prisioneiros, apenas um chinês quis ser repatriado.—(R. e F. P.).

EM TRÊS LINHAS

Foram reforçadas várias verbas inscritas nas tabelas de despesa dos orçamentos gerais de Cabo Verde, da Guiné, de Angola, de Moçambique, de Macau e de Timor.

///

Em Camarate, concelho de Loures, vai ser inaugurado um edificio escolar com duas salas de aulas.

///

O «Diário do Governo» publicou as contas dos C. T. T., relativas ao ano de 1952. As receitas foram de 433.879 contos e as despesas de 419.925.

///

O pintor espanhol Martin Maqueda está a expor na sede da Comissão Municipal de Turismo da Covilhã.

///

A base de licitação do concurso para a construção da Escola Comercial Patricio Prazeres é de 4.564 contos; e a relativa ao futuro edificio da Caixa Geral de Depósitos em Olhão é de 1.042.

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

CRIADAS GATUNAS—Já há muito tempo que vêm sendo apresentadas queixas na P. J. contra diversas criadas que, após se empregarem um ou dois dias, desaparecem levando consigo objectos de valor. O chefe Graça e o agente Abraão puseram-se em campo e já conseguiram deitar a mão a duas das ladras: Glória de Abreu e Maria de Lourdes Resende Pinto. A primeira confessou que havia furtado de uma casa onde servira, no Estoril, objectos no valor de 5.000 escudos; a outra disse ter roubado á sr.ª D. Clotilde Oliveira, Avenida de Roma, 4, 6.º, diversos objectos no valor de 3.000 escudos. As diligencias continuam.

ANTHRACITE
1.ª qualidade para AQUECIMENTO
Estabelecimentos HEROLD, L.da
Telefs. 24221, 24222, 24223 e 24584

Uma irmã Dionne professou numa ordem religiosa

QUEBEC, 4—Marie Dionne, uma das cinco gemeas do Canadá, que tem agora 19 anos, professou na Ordem das Servas do Santissimo Sacramento, nesta cidade.

Era acompanhada por três das suas irmãs gemeas Yvonne, Annette e Cecile—sua mãe, senhora Oliva Dionne, e duas outras irmãs. A quarta gemea, Emile, ficou num convento em Nicolet, onde está a estudar ciência caseira com Annette e Cecile.

Poucos minutos depois da sua chegada, Marie apareceu atrás de uma grade com as vestimentas pretas e o veu branco de uma postulante da Ordem. A grade foi aberta e Marie conversou por alguns momentos com as irmãs. Em seguida despediu-se delas e da mãe, a chorar.

Marie será postulante durante seis meses e, depois noviça, por dois anos. Se desejar continuar com a sua vida austera, tem de renovar os votos de pobreza, castidade, obediência e silêncio, todos os anos, durante três anos. Depois disso, poderá fazer votos perpétuos e renunciar ao Mundo para o resto da vida.—(F. P. e R.).

ROMAGEM Á CAMPA
de Alexandre Ferreira

Passando hoje o 76.º aniversário do nascimento de Alexandre Ferreira, que foi um trabalhador incansável nos campos da assistência social, do mutualismo e da educação popular, os internados na Casa de Repouso de Inválidos do Comércio, cuja presidência ele exerceu durante vinte e um anos, estiveram, de manhã, no cemitério do Lumiar, onde cobriram de flores a sua campa.

Abastecimento de água
a diversas localidades

Pelo ministro das Finanças foram autorizadas as camaras municipais de Aljustrel, Campo Maior, Sabugal e Vila Nova de Gaia, a contratar, com a Caixa Geral dos Depósitos, para obras de abastecimento de águas, empréstimos nos valores, respectivamente de 1.000.000$00, 500.000$00, 197.000$00 e 2.000.000$00.

República

(Continuação da página anterior)

Assim mesmo: persistir, continuar e romper com os obstáculos que pretendem tolher-nos os movimentos. Na República, cabem quantos sejam desinteressados, honrados, firmes nos suas crenças, magnificos e generosos, no seu espirito de sacrifício. Com os intolerantes e os intoleráveis, pelas suas ideias ou pelas suas acções, não devemos contar. Todo o mal reside em confundir o patriotismo, que é uma virtude da alma e do corpo,—da alma para crer e amar, do corpo para servir até á morte—com os apetites e as cegas ambições que desvirtuam os nossos mais belos sentimentos.

Conhecemos muitos portugueses que não professam os mesmos princípios que nós professamos, sem que deixem de merecer a nossa estima e o nosso respeito.

Não virá um dia a oportunidade de se entenderem, votando-se abnegadamente á mesma causa?

A Pátria há-de ser a casa comum, franca e aberta para garantir a liberdade de todos na liberdade de cada um.

Quem ousará aproveitá-la como propriedade do seu egoismo ou palco do seu desvairado orgulho?

A tolerancia não permite equivocos, quando se funda em palavras bem claras e pensamentos lisos e sem rugas, portanto.

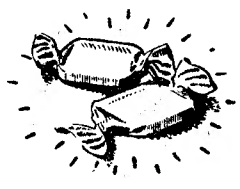
Falando uma vez com Guerra Junqueiro, olhou-nos ele, com expressão simpática e sincera:

—Meu caro, para se fazer frente a um inimigo, é necessário mostrar-lhe que o não tememos.

O conselho funda-se na razão e na experiência. Merece ser seguido. Os nossos adversários, porém, quando não são lobos nem viboras, devemos tratá-los com afectuosa lealdade, dando-lhe a nossa confiança.

ACIDEZ?

As Rennie dão-lhe alívio instantâneo



Ao primeiro sintoma de acidez... Pastilhas *Rennie*, chupe-as lentamente. Os seus ingredientes chegam ao estômago com todo o seu poder. Restabelecem ràpidamente o equilíbrio ácido, removem a dor, e desconforto. Se não conseguir alívio com *Rennie*, procure o seu médico.
À venda nas farmácias em pacotes de 100 e 25.

PASTILHAS
RENNIE

Uma película embacia os seus dentes

Pepsodent elimina-a porque contém Irium

Sobre os seus dentes está-se depositando continuamente uma película de impurezas que lhes rouba o brilho natural. Sòmente a pasta dentífrica Pepsodent é capaz de dissolver essa película porque só ela contém essa substância mágica que se chama Irium. Graças à Pepsodent os seus dentes recuperarão toda a sua brancura natural.

53-PP-21-606

REVELA A VERDADEIRA BRANCURA DOS SEUS DENTES

Indústrias Lever Portuguesa, Lda. – Sacavém

O PORTO pelo telefone

Construção de um cais acostável

PORTO, 4.—Na sede da administração dos Portos do Douro e Leixões, no palácio da Associação Comercial, realizou-se esta tarde a assinatura do contrato de empreitada da construção do cais acostável e obra de regularização da estrada marginal sul do rio Douro (Gaia). O primeiro terá uma extensão de 280 metros e o segundo de 444, devendo a obra importar em cerca de 18 mil contos.

O prazo da sua execução é de dois anos e meio. Estes trabalhos foram adjudicados á Somec (Sociedade Metropolitana e Colonial de Construções) que vai iniciar imediatamente os trabalhos depois da Administração dos Portos do Douro e Leixões ter concluído os seus trabalhos de drenagem que estão em desenvolvimento e quase prontos.

Na assinatura, que teve a assistência de numerosas entidades oficiais e representantes dos mais importantes organismos económicos, intervieram por parte da Administração dos Portos, o presidente do seu conselho, dr. Antão Santos da Cunha, e pela empresa construtora, o sr. Fritz Spies. E' esta a primeira obra que se vai realizar na Metrópole dentro do plano de Fomento, e que há muito era uma legítima aspiração do comércio e dos habitantes de Gaia, um dos mais importantes concelhos do País. Por tal motivo, enorme satisfação vai sentir a população gaiense ao ter conhecimento desta agradável notícia.

Concerto musical

Organizado por alguns organismos corporativos, realiza-se, na próxima sexta-feira, no Teatro Vale Formoso, um concerto pela orquestra do Sindicato dos Musicos, em homenagem ao dr. Valadão Chagas, recentemente nomeado nesta cidade delegado do Instituto Nacional de Trabalho. As entradas são por convites distribuídos pelos organismos promotores.

Desastre no trabalho

No hospital de St.º António, ficou internado o mecanico António Alexandre Ferreira de Oliveira, de 20 anos, morador na Rua do Telhado, 16, em Gaia, que sofreu forte traumatismo craniano, por ter sido colhido pelo eixo de um automóvel, quando se encontrava debaixo do mesmo.

Picheleiro vítima de grave queda

Deu uma queda desastrosa no cais da Estiva, na Ribeira, o picheleiro Diogo Isolino, de 23 anos, solteiro, morador nas Escadas do Roleto, 22, que foi conduzido ao Hospital de Santo António, onde ficou internado devido á gravidade dos seus ferimentos.

O que foi a reunião em Istambul

do Congresso de Medicina Tropical

— segundo o prof. Fraga de Azevedo

CIDADE DE GOA, Outubro,—Desde que o professor dr. J. Fraga de Azevedo chegou a Goa, integrado na missão de mestres metropolitanos que aqui veio fazer um curso de extensão universitária, desejamos ouvi-lo acerca do Congresso de Medicina Tropical de Istambul, em que tomou parte, antes, precisamente, de nos visitar. Mas o ilustre director do Instituto de Medicina Tropical de Lisboa, logo absorvido pelo seu trabalho, que tanto tem agradado, diga-se de passagem, não tinha tempo disponível. Só ao fim da sua oitava lição de Parasitologia médica nos pôde dedicar meia hora de conversa.

—Foi um grande congresso, esse de Istambul, um grande congresso, acentuo, não apenas pelo interesse científico que ele teve, mas também porque nos pôs em contacto com os trabalhos dos investigadores turcos, que tão interessados estão em manter as mais estreitas relações com o mundo ocidental.

—Quais os países que se achavam representados no Congresso de Istambul?

—Cerca de 49: França, Espanha, Bélgica, Inglaterra, Alemanha, Suíça, quase toda a Europa, com excepção da Russia; larga representação da América do Norte, do Canadá, da América Central e da América do Sul, o Egipto, a União Sul Africana, a India, o Paquistão, Ceilão, Austrália, Indonésia, etc.,

—Quais foram as memórias mais destacadas apresentadas ao congresso?

—Entre os trabalhos apresentados nas nove secções, destacarei, por exemplo, algumas excelentes memórias como a de E. S. Jones, da Inglaterra, sobre «Aspectos fisiológicos do Parasita da Malária»; a de Pinotti, do Brasil, sobre a «Chemoprofilaxia da Malária pela associação duma droga antimalárica ao Cloreto de Sódio»; a de H. Bonnin e G. F. Moretti, da França, sobre o «Choque no acesso pernicioso palustre»; as de Cadgil e Shah, da India, sobre a «Chistomiase humana na India», a de M. K. Afridi, do Paquistão sobre a «Epidemiologia da Malária» e ainda outros trabalhos interessantes de Aldo Castellani, de J. B. Alkinson, dos Estados Unidos da América, os quais foram largamente discutidos nas sessões plenárias do congresso.

—E a participação portuguesa?

O prof. dr. Fraga de Azevedo, prontamente, diz-nos:

—Todos os representantes de Portugal ao Congresso de Istambul, apresentaram trabalhos que ficaram incluídos nas respectivas secções científicas. O meu, por exemplo, diz-nos o prof. Fraga de Azevedo, sendo sobre as «Bilharzioses nos territórios portugueses da África», ficou incluído na 4.ª secção, que se relacionava com as Schistosomoses. O professor Francisco Cambournac apresentou um trabalho sobre a febre amarela em Angola e o dr. Alberto Soeiro, um estudo sobre o Paludismo em Moçambique.

—Todos esses trabalhos foram amplamente discutidos por notabilidades presentes ao congresso como Gabaldon, da Venezuela, M. Russel e Kinsley, da Grã-Bretanha, Bustamante, e outros.

—Houve alguma contribuição especial dos parasitologistas turcos?

—Houve alguns interessantes trabalhos de colaboração, como por exemplo, os de I. S. Aksel e N. Polvan sobre Malária Nervosa: os de R. Adasal, S. Dogulu e N. Mutlu, sobre Malária cerebral e esclerose multipla, e um de S. Baruch, sobre o «Test de Histamina no diagnóstico diferencial da Lepra».

—Quais as principais resoluções tomadas no congresso?

—Intensificar de todas as formas a acção terapêutica e sanitária para o combate das endemias tropicais que ainda afectam extensas áreas de populações no Mundo; definição de novos conceitos sobre o tratamento da malária com base numa dieta lactea sugerida pelo dr. Maegraith, da Inglaterra; novas formas de tratamento das Filarioses e novas soluções apresentadas para resolver o problema da nutrição com relação a certos estados de anemia, avitaminose e outros estados de carência nas regiões tropicais.

E acrescentou:

—Conta-se para tanto ao lado da ajuda dos governos de cada país, com o auxílio prestado pela Organização Mundial de Saude, que tem sido um factor de decisiva importancia para o combate sistemático das endemias tropicais.

—E o próximo Congresso Internacional de Medicina Tropical, onde se reune?

O prof. Fraga de Azevedo, diz-nos:

—Foi resolvido em Istambul que o próximo congresso seria em Portugal. Entretanto, o que lhe posso dizer é que, por aclamação geral dos congressistas presentes, fui eleito presidente da comissão organizadora do próximo 6.º Congresso Internacional de Medicina Tropical, comissão que é constituída por três delegados da África, quatro delegados da América, quatro da Ásia e cinco da Europa.

Prestando-nos, com inexcedível amabilidade, estes esclarecimentos, o professor dr. J. Fraga de Azevedo não esconde a excelente impressão com que veio da Turquia. Desviando-nos um pouco do tema da conversa, aproveitamos, todavia, a sua disposição para registar as suas impressões:

—A Turquia, em trinta anos da sua evolução, iniciada por Kemal Ataturk, deu um grande passo para a frente e quebrou em grande parte a ortodoxia dos seus costumes.

—O Turco de hoje é mais comunicativo, aberto, ilustrado, diz o que sente, move-se livremente, exprime-se num francês polido e nota-se nele o maior interesse pelo mundo ocidental, o que ainda podemos observar melhor na forma cordial e hospitaleira como fomos recebidos pelos delegados do Governo e pelo próprio povo de Istambul

E prosseguiu:

—Istambul é uma cidade linda, conservando a sua velha arquitectura, sem rival ao lado dos seus arruamentos largos e modernos. Mas a fina traça dos seus edifícios bizantinos dá-lhe uma nota de particular encanto.

—Recordo—um passeio ao Bósforo—que foi proporcionado aos congressistas—, cujas margens de sortilégio acordaram em mim a velha história de Xerxes atravessando o Helesponto numa ponte de barcas e aquele tremendo momento da História Universal em que os canhões otomanos, reboando, destruíram a Cruz de Cristo, que se erguia no alto da catedral de Santa Sofia, em Constantinopla.

«Depois, á medida que iamos deslizando sobre as águas, essa imagem confrangedora do passado diluiu-se no meu espírito e vi o Bósforo azul, cintilante na sua superficie agitada, o Bósforo que me lembra o Tejo tão cheio de colorido e beleza.

E com esta evocação deixámos o prof. J. Fraga de Azevedo, que na sua incansável actividade científica aqui veio parar agora, ás margens do Mandovi, numa missão que ficará na memória de todos como um grande passo para aproximar ainda mais duas parcelas longínquas da mesma pátria.

RENATO DE SÁ

Tribunais

O caso da Biblioteca

No 3.º juizo correccional da Boa Hora, sob a presidência do juiz sr. dr. Pinto Coelho, continuou hoje o julgamento dos cinco encontidores do roubo praticado na Biblioteca Nacional, pelo falecido funcionário dr. Ataíde e Melo.

Reaberta a audiência foi chamado a prestar esclarecimentos o ex-tenente Joaquim Fialho de Oliveira, que recentemente foi posto em liberdade condicional, em resultado de, em 1951, ter sido condenado em prisão maior e degredo no Tribunal Militar, em Santa Clara, por ter estado envolvido tambem no roubo dos livros, juntamente com o ex-capitão José António, que foi condenado pelo mesmo motivo naquele tribunal e que, presentemente, goza da mesma regalia.

O declarante confirmou tudo quanto dissera no processo, comentando que não tem presente quais as especies que entregou ao sr. Marcelino Peixoto, para venda, e que não o acompanhou nessas transacções, nem á ré Alice Bastos, que ainda é aparentada com a sua familia.

A uma instancia do juiz, disse que facultara a venda dos livros á ré, em consequência desta atravessar uma grave crise financeira e que a sua irmã, Berta Fialho Cerca, só encarregou uma ou duas vezes de vender livros, mas desconhecia como ele a sua origem criminosa.

A certa altura, o sr. dr. Fernando Calisto, patrono da ré Alice Bastos, não concordando com algumas passagens do declarante, apresentou um documento que repula de alta importancia, porquanto esse manuscrito, segundo indicação da sua constituinte, fora elaborado pelo filho do declarante, Fernando Fialho, com indicações para o julgamento do ex-tenente Fialho em Santa Clara, em que ela deveria atribuir ao falecido tenente Canelas e não ao ex-tenente Fialho a entrega do «Tratado de Paz de Utrecht», que ela fora vender ao Museu de Arte Antiga e que a direcção deste museu verificou logo que se tratava de uma especie pertencente á Biblioteca Nacional.

O dr. Fernando Calisto pediu a junção do documento, que foi deferida.

O juiz mostrou então o documento ao ex-tenente Fialho, para ver se reconhecia a letra do filho e o declarante respondeu que lhe parecia, efectivamente, ser do seu filho.

Quanto ao texto do manusorito, não se lembra de ter tratado do assunto, nem com o filho nem com a ré Alice Bastos.

O juiz dr. Pinto Coelho, em presença destas contradições e duvidas, resolveu que, antes de começarem os debates, amanhã, compareça no tribunal o tenente Fernando Fialho, filho do declarante, para esclarecer a autenticidade do manuscrito.

A audiência continua.

DE LUTO

António Santos Sobral Junior

Faleceu ontem o sr. António Santos Sobral Junior, figura preponderante no Sport Lisboa e Benfica, do qual foi fundador e era sócio n.º 1, tendo sido nos primeiros tempos do clube seu dedicado atleta, muito popular nos tempos heroicos do futebol. Mais tarde, sempre fiel ao clube dos «encarnados», Sobral Junior continuou a prestar relevantes serviços á colectividade, desempenhando cargos directivos, missão de que se ocupou sempre em termos de se impôr á admiração dos seus consócios, granjeando grandes simpatias e conquistando apreciável prestígio.

O popular Benfica acaba de perder uma das suas figuras de primeiro plano.

SUFRAGIOS

Pelos Italianos mortos na guerra

Na igreja italiana do Loreto celebrou-se esta manhã missa por alma dos Italianos mortos na guerra, mandada rezar pelo ministro de Itália. Ao acto assistiram os membros da colónia residentes em Lisboa, o ministro e pessoal da legação.

CONSTRUÇÃO ESCOLAR

No próximo dia 20, ás 15 e 30 horas, efectua-se nos Paços do Concelho o concurso para a empreitada da construção do grupo escolar da Calçada da Cruz da Pedra, cujo programa e caderno de encargos vêm publicados no «Diário Municipal» de hoje.

New York

Gozará voando pela TWA. Sobre a atmosfera, com toda a segurança, num aparelho TWA Constellation, irá suavemente com rapidez e chegará com absoluta pontualidade. Vôe luxuosamente em primeira classe ou econòmicamente, na confortável classe turística. TWA é a linha aérea escolhida por mais de dois milhões e meio de passageiros através do Mundo.

Para informações e marcações, consulte o seu agente de viagens ou dirija-se a TWA

HOTEL AVENIDA PALACE — LISBOA
Telefones 2 1093 — 2 1389

VOE NA TWA
TRANS WORLD AIRLINES
USA · EUROPE · AFRICA · ASIA

ficção científica
na «Colecção Argonauta»

TERMAS DE MONFORTINHO
ABERTAS ATÉ 30 DE NOVEMBRO
HOTEL DA FONTE SANTA
TEL. MONFORTINHO, 4

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

No Teatro da Trindade vai actuar o «ballet» espanhol de Pilar López.

—Alda Garrido partiu hoje para Madrid num avião dos T. A. P. e seguirá dali directamente para o Rio de Janeiro.

—De 12 a 20 do corrente, volta a apresentar-se no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, o ilusionista Richiardi Jr.

—No Teatro Luisa Todi, de Setubal, realiza-se no domingo um espectáculo com a colaboração do conjunto «Os rapazes do ritmo».

—A montagem cénica da comédia «Rapaziadas», em ensaios no Teatro D. Maria II, está a ser dirigida por Lucien Donnat.

—Os «clowns» Diaz fazem parte da 3.ª companhia de circo que, depois de amanhã, se estreia no Coliseu.

—A bordo do «Angola», chega brevemente a Lisboa o actor-declamador Manuel Lereno, que realizou uma digressão pelas nossas Provincias do Ultramar.

—A companhia dos «Artistas Portuenses Associados» representa hoje em Ilhavo a revista «Porto-Benfica», original de Avelino Carneiro.

—O actor Octávio de Matos ficou em Luanda, de onde seguirá em digressão pelas principais cidades de Angola.

—Alberto Ribeiro e o seu conjunto de variedades, que se estreou no Teatro Restauração, com grande exito, tendo esgotado a lotação, seguem em digressão para Lobito, Benguela, Silva Porto, Nova Lisboa, Uije e Malange.

—O ilusionista «Professor Max», depois da digressão por Angola, seguiu para S. Tomé e Principe e Fernando Pó.

—As marcações de bailados da opereta «Maria da Fonte», em ensaios no Teatro Monumental, estão a ser dirigidas pelo ensaiador coregráfico Mariano Franco.

Primeiras exibições

«A morte de um caixeiro viajante», no São Luís

Comecemos pelo fim, na quieta solidão do cemitério, vazio de amigos, pela fala duma das personagens de Miller:—«Um caixeiro viajante não é homem que ponha porcas em parafusos, que nos diga leis ou receite remédios. E' um homem que anda no ar, agarrado a sorrisos e a uns sapatos bem engraixados. E quando os outros começam a deixar de responder-lhe com o mesmo sorriso—é uma derrocada. Começam a aparecer as nódoas no fato—e está-se pronto».

Mais do que o caso pessoal de «Willy», ali se sintetiza todo o complexo problema da vida da classe média americana, quiçá da classe média de todo o Mundo, assoberbada de ideias e processos falsos, criados pela força esmagadora do mecanismo da actual sociedade, demasiado preocupada com o seu aspecto exterior, usando fato escovado sem se preocupar com a limpeza da alma, espesinhando respeito, camaradagem e reconhecimento com o duro tacão de reluzente bota. E o certo é que os outros, aqueles que mais lucrariam em se afastar do terreno pisado, procuram afastar-se dele por caminho errado. Não interessa abandonar o terreno, construir ao lado um pedaço só deles, isento de todas as preocupações que só então podem pôr-se de parte. Não, o que interessa é certo ser isso um dos factos que mais concorrem para complicar cada vez mais a engrenagem, é trepar pelo cabedal acima, agatanhar-lhe o lustro escoregadio, fincar nele as garras da ambição e elevar-se. Chegar ao cimo, tão alto que possa cada um, de per si, calçar uma bota lustrada e pisar os vizinhos. Negam-se as próprias tendencias, amarfanham-se até os sentimentos mas o necessário—e voltamos á peça de Miller—é que os homens com quem cruzamos vejam em nós o sr. Fulano de Tal, bem instalado na vida, comerciante ou industrial valoroso, homem de teres e haveres. Vai-se ao fundo para o conseguir... Dividas monetárias e morais, ódios e falsos orgulhos, tudo se contrai para atingir o fim desejado. E, quando o mundo lhes vira a cara, ele próprio a bracos com preocupações de igual tomo, vem o principio do fim. Que esse mesmo, para maior mal, só atingirá a sua culminancia depois de obrigar a percorrer sendas negras de desregramentos e perturbações, quebrados todos os laços que a ilusão fez atar á vida real, numa conivencia tão íntima que poucos são aqueles que sabem estar no bom ou no falso lado.

A obra, baseado na célebre peça de Arthur Miller, foi cinematizada por Stanley Roberts com uma seriedade de aplaudir. O respeito pelo original é completo. O próprio processo de cinematização, sóbrio, despido de todos os artifícios de que o cinema é capaz, concorre para o tornar mais flagrante. Como se estivesse frente a um palco transformada em passiva espectadora do drama que por ele passa, a máquina para-se. Não há grandes movimentos, ou melhor, como soi dizer-se em linguagem de cinema: não há «travellings». Os grandes planos abundam, a dar-nos a sensação de que fomos nós próprios que o criámos, fixando a vista no intérprete que fala e desprezando os restantes componentes da cena, então relegados para plano secundário. Desses mesmos grandes planos resulta grande parte do êxito de Frederich Marck, talvez no melhor papel da sua carreira artística, de excelente máscara, com uma maleabilidade de expressão deveras notável. O «Willy» de Miller encontrou nele um valioso intérprete, capaz de lhe transmitir toda a gama de emoções que a personagem encerra. Ele e a própria peça de Miller são os dois grandes trunfos do filme ontem estreado no S. Luis, numa sessão onde abundavam «caixeiros viajantes» (de espírito...) para os quais o filme talvez tenha sido uma tremenda massada. Ao lado de Frederic March, que, de vez em quando, também dá um pulo até aos palcos da Broadway, surge uma meia duzia de artistas que o publico cinematográfico desconhecia, profissionais do Teatro, que trouxeram para a película de Stanley a seriedade e sóbria maneira de representar que é própria dos bons actores teatrais. São eles Milched Dunnock, Cameron Mitchel, (nos papeis que representaram em 1949, nos palcos de Nova York), Kevin Mc Carthey, Howard Smith, Royal Beal e outros.

Dos complementos destaca-se o de desenhos animados, «O menino-Buzina», 1.º prémio da Academia Americana.—*Visor 30.*

«A Serpente do Nilo», no Capitólio

A história dos amores de Marco António e Cleopatra—uma lenda que se eterniza—foi o pretexto para o realizador William Casttle cinematizar um espectáculo em fabuloso tecnicolor, num ambiente evocativo do antigo Egipto. Toda a tessitura é, como não podia deixar de acontecer, de uma inverosimilhança já habitual neste género de películas. Assim, o filme constitui mais um passatempo do que propriamente um espectáculo, no verdadeiro sentido cinematográfico.

Rhonda Fleming, Raymond Berr e William Lundingam intervêm nos principais papéis. Fracos complementos.—*Visor 101.*

Cinema nacional

Estão marcadas para segunda-feira as filmagens dos interiores do novo filme «Quando o mar galgou a terra», uma realização de Henrique Campos.

A estreia de hoje

no Império

Estreia-se hoje no Império, como terceiro programa da sua nova temporada, o filme «A cruz da minha vida», magnifica obra do realizador Daniel Mann, que mereceu, além de muitas outras distinções, o primeiro prémio para o melhor filme dramático, concedido no Festival de Cannes, em Abril do ano corrente, onde a intérprete Shilrey Booth, o Oscar para a melhor actriz do ano, nos Estados Unidos, obteve a designação da melhor intérprete feminina do Festival.

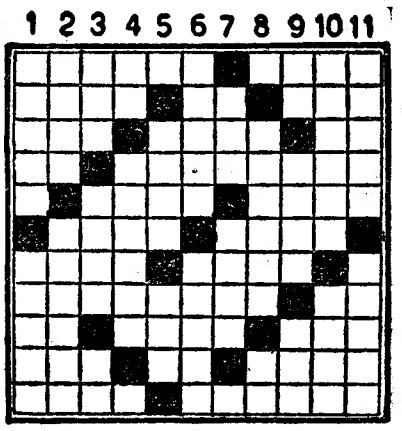
Sensacional estreia

Sexta-feira, nova companhia internacional de circo no Coliseu. Cowboys, ursos, os Alizés, no mais sensacional desafio aereo. Os 5 Fehlers aramistas

Notavel o programa da 3.ª companhia internacional de circo que, depois de amanhã, sexta-feira, estreia no Coliseu. Nela figuram numerosos artistas que já trabalharam no circo Barnum, dos Estados Unidos. Autenticos colossos de pista. Entre outros, os prodigiosos voadores Alizés, rivais dos Codonas, em façanhas sensacionais. Os 5 Fehlers, extraordinários aramistas. Os portentosos Ibarras, os mais fortes bairristas da actualidade. Os super palhaços musicais, Irmãos Diaz. Ursos pretos. Joy More, o rei da fantasia acrobática. Ellon e Tamar, em corda bamba, e muitas outras novidades empolgantes e da mais alta classe.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3998



HORIZONTAIS: 1—Mamifero aquático e carnivoro. Nome de uma flor. 2—Sulcai. Além. Ente. 3—Falsas. Aves pernaltas. Simbolo quimico do niquel. 4—Campeão. Aquece nos braços. 5—Pais dos pais. Compareces. 6—Ovários dos peixes. Filha da filha. 7—Lago salgado da Asia. Ensejo. 8—Tresvariava. Seguir. 9—Preposição. Variação. Para barlavento. 10—Grande de quantidade. A mim. Vê. 11 — Catafalco. Brandas.

VERTICAIS: 1—Limpar com água. Pega. 2—Rezas. Preguemos. 3—Em as. Garantia de pagamento de uma letra dada por terceiro. Reis. 4—Pronome pessoal. Calcula. 5—Famas. Alcool de melaço. 6 — Espiritos. Palacio das odaliscas do sultão. 7—Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Moça. 8—Rigida. Lingua antigamente falada ao S. do Loire. 9—Artigo definido. Creme. Naquele lugar. 10—Percebia. Terra cercada de água por todos os lados. 11—Cantigas. A parte dianteira dos navios, (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3997

HORIZONTAIS: 1—Berro. Balão. 2—Ora. Crato. 3—Lá. Feira. 4—Agi. Adi. 5—Trono. Irra. 6—Destorcerem. 7—Aria. Ornas. 8—Rés. Use.9 —Aramo. Má. 10. Acaso. Tal. 11—Zeros. Sousa.

VERTICAIS: 1 — Bola. Dar. Az. 2—Era. Teres. 3—Rã. Arsis. Ar. 4—Ota. Aço. 5—Oceano. Uras. 6—Rigorosas. 7—Bari. Cremos. 8—Ata. Ien. 9—Ló. Arras. Tu. 10—Odres. Mas. 11—Ou. Iam. Rala.

BOX

HOJE, às 21,30
no Estádio Internacional (Parque Mayer)
(RECINTO COBERTO)
Chegou finalmente a hora do grande combate

F. BRANCO

Chico Santos - Fernando Branco
ambos vencedores de Tafoi e ambos aspirando ao direito de disputar o título nacional de leves

Belarmino Fragoso - Fernando Gonçalves
para o CAMPEONATO DE PORTUGAL DOS MEIOS LEVES em 12 assaltos

Um programa de excepcional categoria com o combate preferido do público e outro em que se disputará um título... e um campeonato valoriza sempre uma sessão.

Os dois pugilistas mais populares, CHICO SANTOS e FERNANDO BRANCO, face a face no combate do ano.

Dois combates complementares de grande interesse:

ARMANDO PONS contra ARMANDO OLIVEIRA
e ARLINDO MATEUS contra NEVES LEITE

Espectáculo para maiores de 18 anos

COLARINHOS «Van Heusen»
TORRE EIFFEL
104 — RUA DO CARMO — 106

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
Todas as noites às 21 e 45, a comédia de OLAVO DE EÇA LEAL
A TAÇA DE OIRO
(Para adultos)
Palmira Bastos, Mariana Rey Monteiro, Amélia Rey Colaço e um grandioso elenco artístico

CLUB DANCING-COSMOPOLITA
— Para adultos —

HOJE OUTRA ESTREIA COM AS FORMOSAS VEDETAS DE BAILE
ROSSY y SOLÉ
Artistas de grande categoria internacional
Mais uma notável atracção a juntar ao notável programa cheio de maravilhas do moderno
MUSIC-HALL
Todas as noites fados e guitarradas até de madrugada

«O FAIA»
R. da Barroca, 48 a 56 — Telef. 29387
HOJE: Grande ceia dedicada á companhia brasileira de ALDA GARRIDO, que em breve parte para o Brasil
Grandioso sucesso do novo elenco do «FAIA»
BERTA CARDOSO e MARIA PEREIRA
ALFREDO MARCENEIRO o fadista n.º 1
Os magos da guitarra e viola
FRANCISCO CARVALHINHO e MARTINHO D'ASSUNÇÃO
SEXTA-FEIRA o tradicional almoço semanal
Esmerado serviço de cozinha e bar
— (Para adultos) —

RI E FAZ RIR
Leia todas as semanas o jornal humoristico «SEMPRE FIXE», o mais barato e popular do País.

8.ª SEMANA
PRESTIGIO REAL
(CONTO ORIENTAL)
EM DESLUMBRANTE COLORIDO
UM ÊXITO QUE O PUBLICO NÃO SE CANSA DE VER E APLAUDIR
NOS CINEMAS
ODEON
PALACIO
UM EXCLUSIVO DISTRIBUIDORES REUNIDOS

MARIA VITORIA

Emílio Correia

SALVADOR
APRESENTA EM
2 SESSÕES, às 20,30 e 22,45

SAIAS CURTAS

POR

UM ELENCO COLOSSAL
com
SALOMÉ
TERESA GOMES
HUMBERTO MADEIRA
EMILIO CORREIA, CAMILO DE OLIVEIRA
MAX
MARIA DO CARMO, TONY DE MATOS e MARIA JOSÉ DA GUIA
A mais alegre e popular de todas as revistas dos ultimos anos!!!
Espectáculo para adultos

AIDA ULTZ

UMA DAS INTERPRETES DA COMEDIA
...e o patrão enlouqueceu

ADEGA PERES

Restaurante Típico
AV. CONDE VALBOM, 114 — Telef. 73134
(Avenidas Novas)

Maly Socorro

Alberto Costa

MALY e ALBERTO COSTA cantam todas as noites nesta Adega para os seus clientes acompanhados por Ilídio dos Santos, Nicolau Neves e Francisco Peres, onde V. Ex.ª tem um óptimo serviço de cozinha e bar num ambiente familiar e seleccionado.

N. B.: Amanhã inauguração dos Almoços das Quintas-Feiras, sendo este dedicado ao grande aficionado tauromáquico Snr. Joaquim Lopes da Neta, onde esperamos a vossa visita. Prato do dia: Chispe á Portuguesa.

Para adultos

Recintos de diversões

No Ritz Clube estreiam-se hoje as bailarinas espanholas Rossi y Solé, de categoria internacional.

TEATRO MONUMENTAL

TELEF. (55133)

ESPECTACULO APRESENTADO POR **VASCO MORGADO**

Triple escamoteio
Canários e pombas obedecem às mãos mestras de
RICHIARDI JR. EM
Cavalgada Mágica
Que se manterá em cena só até domingo
Duas sessões: às 20.45 e 22.45
Para maiores de 13 anos

5.ª FEIRA às 16 horas «Matinée» Infantil — «ERA UMA VEZ UMA PRINCESINHA»

MAXIME

PARA ADULTOS — O MELHOR EM TUDO
ÊXITOS E ENCHENTES!

A formosa vedeta **MARY MERCHE** em canções admiráveis

ENCARNITA FLOREZ e o seu guitarrista RIERA—**ROSINA GRACIA** — WIKI VARNET — MISS ASTURIAS — ROSITA DARGEL—BEL MARY—HERMANAS MONTIJO—ANTONITA CORONEI — HERMANAS ARILLAS

Musica de baile pela ORQUESTRA TROPICAL BOYS com MÁRIO DE JESUS e CONJUNTO FERNANDO D'ALBUQUERQUE com RICARDO LUIZ

LUSO

Jorge Silva

T. DA QUEIMADA
Tel. 32889
Animador **Filipe Pinto**
Hoje—**NOITE POPULAR**
Canções, por *NOEMIA CRISTINA*. Fados, por José Pereira, Maria Loureiro, Jorge Silva, Brigida Silva, Mario Rocha e Lidia Pereira. Solos, por Camarinha e Pedro Leal. (Para adultos).

SEXTA-FEIRA:
Amália
(A EXPRESSÃO MAXIMA DO FADO)
MARCAM-SE MESAS

(PARA ADULTOS)
EM PLENO EXITO:
LIMPIA Clube
TELEFONE 20919
NO RESTAURANTE: TODAS AS NOITES CEIAS ATÉ DE MADRUGADA

As aplaudidas atracções:
LOS GITANILLOS
em danças do mais puro estilo castiço
ANA MARIA
SARA Y PILAR BERNAL
MARU Y ENCARNITA
HERM. ANTEQUERA
Ester de Murillo
com o Conjunto Vilaça

Carteira dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: — A CRUZ DA MINHA VIDA — IMPÉRIO

SÃO LUIZ
Telef. 27172
A's 21.30, o grandioso e extraordinário filme
A MORTE DUM CAIXEIRO VIAJANTE
Numa assombrosa interpretação de Frederic March
(Espectáculo para adultos)

EDEN
Telef. 20768
(Para maiores de 13 anos)
A's 15.15 - 18.15 - 21.30
Charlie Chaplin NA SUA GENIAL OBRA
Luzes da Ribalta

SÃO JORGE
Plat. 54153-Bal. 54154
A's 15.15-18.15-21.30: Desp. da comédia musical
Gosto do Rapaz
com Donald O'Connor e Debbie Reynolds
(Para maiores de 13 anos)

ODEON
Telef. 26283
A's 21 e 15
8.ª Semana do deslumbrante filme colorido indiano
PRESTIGIO REAL
PALACIO
Telef. 47163
Todo a beleza, fascinio e mistério do Oriente fabuloso
(Para maiores de 13 anos)

CAPITOLIO
TEL. 27493
A's 15.30 e 21.30
Em magnífico tecnicolor
Serpente do Nilo
Todo o esplendor dos históricos impérios romano e egipcio, com Rhonda Fleming e W. Lundigan
(Espectáculo para adultos)

TERRASSE
TEL. 20917 — A's 21,15h.
O AVENTUREIRO DE MISSISSIPPI
Uma mulher indomável
ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

TIVOLI
Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (a preços reduzidos) e 9.30 da noite
(Para maiores de 13 anos)
Charlie Chaplin no filme de génio
Luzes da Ribalta

POLITEAMA
Tel. 26305
A's 15.15 — 18.15 e 21.30
Hoje, em despedida, o grande exito
NIAGARA
(col.) com a discutida vedeta Marilyn Monroe e Joseph Cotten
(Para maiores de 18 anos)

CONDES
Telef. 55131
(Para maiores de 13 anos)
A's 15.15 — 18.15 — 21.30
EXITO ABSOLUTO DE
Vento do Oriente
com Fred Mc Murray e Vera Ralston

MONUMENTAL
TEL. 55131
A's 15.15-18.15 - 21.30
- Só hoje e amanhã:
O arrebatador romance da vida mexicana em deslumbrante TECHNICOLOR
SOMBRERO
com Pier Angeli, Ricardo Montalban e Yvonne de Carlo
Para maiores de 18 anos

IMPÉRIO
Telefs.: Plateia 55134
Balcões 55135
A's 21.30, ESTREIA
A CRUZ DA MINHA VIDA
com a extraordinária artista Shirley Booth e Burt Lancaster
(Espectáculo para adultos)

LIS
Tel. 48560
A's 21.15
Continuo a Esperar-te
E' preciso ter azar!
(Espectáculo para adultos)

CASINO ESTORIL
A's 21,30
MADRAGOA
com Santos Carvalho e Deolinda Rodrigues
(Espectáculo para adultos)

Cassino Estoril

TEL. 730

HOJE
no «WONDER-BAR»
depois das 21 horas
JANTARES E CEIAS
— BAILE —
com o esplêndido conjunto musical
TONY AMARAL
e o pianista animador
NICK POWER

Consumo minimo 40$00
(Para adultos)

VARIEDADES

2 sessões às 20.45 e 23 horas
A Companhia **VASCO SANTANA** na hilariante farsa de *FEYDEAU*
O PATO
com Vasco, Ribeirinho, Costinha, Hortense, Maria Helena, Henrique Santana, Luisa Durão e Artur Semedo
ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

FONTÓRIA

Para adultos—**Uma sensação**
BALLET PASTOR

Os resultados da Campanha contra o analfabetismo

(Continuação da 1.ª página)

siado curto para se avaliarem com justeza os benefícios ou inconvenientes de providências legislativas tomadas no campo da instrução e da educação. Neste caso, porém, é já possível a apresentação de um conjunto de elementos que, pelo seu excepcional relevo, hão-de ficar a evidenciar duradoiramente uma época feliz de intenso e fecundo combate ao analfabetismo. Não será, pelo menos, ousado afirmar que começou a ser fielmente cumprida a promessa feita, há meses, na inauguração do 1.º curso de educação de adultos criado em empresas industriais ou comerciais: «O Plano de Educação Popular», afirmou-se então, «será executado pelo Governo, decididamente, teimosamente, a bem da Nação, na certeza reconfortante de que, para além de obstáculos e incompreensões, não lhe hão-de faltar o apoio e o entusiasmo de tantos e tantos portugueses de boa vontade e de boa fé».

Pode hoje declarar-se que o compromisso então assumido teve realização; e manda a justiça dizer que para tal não faltaram ao Ministério da Educação Nacional os melhores estímulos e colaborações.

Houve, é certo, dificuldades a vencer e oposições a eliminar, mas também foram em grande número aqueles que, desde o início, nos compreenderam, nos animaram e connosco acreditaram ser exequível um plano cultural que, por arrojado, alguns julgaram condenado a nunca passar das colunas da folha oficial para o terreno ds realidades.

Para os que têm estado ao nosso lado desde o momento da arrancada vai, ao desenharem-se os primeiros triunfos, o melhor reconhecimento do Ministério da Educação Nacional, que não pode deixar de agradecer especialmente á Imprensa o franco apoio que lhe tem dado, esclarecendo e informando a opinião publica e criando, quase dia a dia, com interesse e inteligência, clima favorável ao pleno desenvolvimento da Campanha contra o analfabetismo.

E, já que chegou a hora de exprimir agradecimentos, não deixará de acrescentar-se uma palavra em louvor da dedicação com que os professores do ensino primário e os regentes dos postos escolares vêm cumprindo o seu dever de educadores e de portugueses. Conheço, como poucos, os mestres da instrução primária e também, como poucos, estou em condições de avaliar o mérito, a abnegação e o patriotismo de uma classe digna e laboriosa a quem o País tanto deve e tanto há-de ficar a dever ainda.

Exaltar, por isso, a atitude de compreensão cívica e o espírito de bem servir do professorado é praticar acto de justiça, a que, por dever de consciência e impulso do coração, eu não poderia eximir-se precisamente quando se comemora o 1.º aniversário do Plano de Educação Popular.

Ditas estas palavras de agradecimento e de louvor, passo a referir-me ao que, nos domínios da instrução popular, se fez após a publicação dos diplomas de 27 de Outubro de 1952, salientando particularmente os resultados que se alcançaram na execução do princípio da escolaridade obrigatória, na intensificação da assistência escolar e na expansão do ensino primário entre os adolescentes e adultos. Mas, para permitir uma ideia da acuidade do problema do analfabetismo nos ultimos decénios, darei alguns elementos, entre os quais os numeros de crianças matriculadas e das que não recebiam ensino, e o numero das escolas e postos escolares que funcionaram, bem como as percentagens de analfabetos apuradas nos diferentes censos da população de 1890 a 1950.

Seria, porventura, mais lógico começar a exposição pela análise do problema do analfabetismo das crianças em idade escolar para em seguida me deter no exame da obra levada a cabo no campo da educação dos adultos. Adoptarei, porém, orientação diferente, por se me afigurar vantajoso comecar pela apreciação da matéria do Plano de Educação Popular, porventura, mais característica e inédita—não digo mais importante—ou seia a da educação supletiva dos jovens e adultos.

Assim farei, mas antes devo esclarecer que todos os dados numéricos provêm ou foram confirmados pelo Instituto Nacional de Estatística, após cuidadoso estudo em estreita colaboracão com o Serviço de Estatística da Direcção-Geral do Ensino Primário.

I — Educação de adultos

Finalidades da educação popular

Nos países anglo-saxões, em que o analfabetismo é práticamente inexistente e em que a quase totalidade das crianças recebe instrução na idade própria, a educação de adultos, situa-se no plano do ensino médio e, por vezes, do ensino superior e visa á melhoria da cultura geral, ao aperfeiçoamento profissional ou á divulgação artística, literária ou filosófica. Ela constitui como que um complemento da escola, não procurando por isso suprir as deficiências desta ou recuperar culturalmente indivíduos sem instrução ou com instrução deficiente, já que o numero de iletrados é de tal forma baixo que não causa preocupação de maior aos governos.

Entre nós, como noutros países de elevada percentagem de analfabetismo, a «educação de adultos» apresenta-se com feição diferente e pretende atingir finalidades mais modestas se bem que fundamentais. Com dizer isto não desejo, de forma alguma, significar que, num futuro mais ou menos próximo, se não deva pensar a sério na elaboração e execução de um plano cultural destinado a difundir as ciências e as artes, a literatura e a filosofia, a geografia e a história, especialmente encaradas nos aspectos de maior interesse para a vida nacional e para o desenvolvimento de uma política do Espírito. Assim se encontraria um complemento lógico para a Campanha em curso contra o analfabetismo e se daria maior projecção e altura á educação popular.

Por agora, e até pela necessidade de seriar os problemas pela ordem da sua importancia, já que é impossível resolvê-los todos ao mesmo tempo, importa, antes de mais, desenvolver a «educação de adultos» comumente designada «educação de base», «educação supletiva», ou «educação fundamental». Esta educação de base, supletiva ou fundamental é, para adoptar a definição feliz do ilustre educador brasileiro professor Lourenço Filho, a que fornece a cada indivíduo os instrumentos indispensáveis da cultura do nosso tempo, com técnicas que facilitem essa cultura—como a leitura, a escrita, a aritmética elementar, noções de ciências, de vida social, de civismo, de higiene—e, com as quais, segundo suas capacidades, cada homem possa desenvolver-se e procurar para si melhor ajustamento social.

Estas serão, nas suas grandes linhas, as finalidades a atingir com a educação supletiva dos adolescentes e adultos. Terá, pois, de começar-se pelo ensino primário das pessoas que não frequentaram a escola na idade conveniente ou que, por falta de exercício de leitura e escrita, esqueceram as mais elemntares noções de cultura, como meio indispensável para se alcançarem outros objectivos mais altos de ordem social e moral que, por definição, se encontram na base de um bem orientado programa de educação integral de adolescentes e adultos.

Visão geral do problema do analfabetismo em Portugal

Foi á luz deste pensamento que se gizou e está a aplicar um plano de combate ao analfabetismo e de educação fundamental do nosso povo. As circunstancias exigiam efectivamente, não obstante o muito que se fez a partir de 1926, que se abrissem mais amplas perspectivas á educação popular. E' sabido que também neste domínio se revestiam de especial gravidade os problemas transferidos para a responsabilidade dos Governos da Revolução Nacional. Não se nega que certos diplomas publicados antes de 1926 sejam indício de terem constituído preocupação para alguns Governos os assuntos da instrução primária. Mas os benefícios de tal legislação foram, infelizmente, muito poucos. São de louvar as boas intenções—que as houve, se bem que em certos casos, se pretendesse apenas fazer política demagógica, através de aliciantes planos legislativos que, positivamente, se sabiam de antemão irrealizáveis. Contudo, a história do ensino em Portugal há-de registar especialmente, não a abundancia de legislação, mas o esforço empregado na execução de leis necessárias e exequíveis, não os propósitos ou os sonhos, mas os objectivos alcançados, o sentido prático dos programas de acção e a continuidade e firmeza da política do ensino publico.

Que interessa, na verdade, que a lei previsse «cursos nocturnos, missões escolares, cursos dominicais e outros análogos, para a extinção do analfabetismo, em ambos os sexos, naquelas localidades onde as circunstancias o exigissem» (art.º 31.º da Lei de 1911) e que prescrevesse que «ás juntas escolares compete estabelecer cursos nocturnos, cursos dominicais e cátedras ambulantes» (Decreto n.º 6.137, de 21 de Setembro de 1919), se passados anos se haveria de verificar que os índices do analfabetismo continuavam quase no mesmo nível de 1910, evidenciando a ineficácia das leis e a falência dos propósitos dos que as fizeram ou as executaram, melhor, não as executaram?

Que vantagens houve em criar «Concelhos de assistência escolar» com competência para fornecer vestuário, calçado, livros, material escolar, consultas, socorros médicos e medicamentos aos alunos pobres, para criar cantinas escolares e jardins de recreio, instalar balneários nas escolas, organizar colónias de férias, campestres e marítimas, fundar escolas ao ar livre, durante a época própria, para crianças débeis ou doentes» se esses Conselhos de assistência escolar» não cumpriram ou não puderam cumprir a missão que a reforma do ensino primário de 1911 lhes cometia de promover o emprego «de todos os meios conducentes ao levantamento físico, intelectual e moral das criancas»? Teria valido muito a pena consagrar legislativamente o princípio da obrigatoriedade da instrução elementar, se este não foi ou não pôde ser aplicado com eficiência, e de tal forma que, quer em 1911, quer em 1930, mais de 500 mil crianças em idade escolar, não recebiam ensino?

Repare-se, por exemplo, para se ver o que era a assistência aos alunos pobres e a frequência escolar, no que diz a Direcção-Geral de Estatística a páginas 5 do volume referente ao movimento do Ensino Primário oficial de 1915-16 a 1918-19:

«O numero de alunos matriculados nas escolas primárias oficiais, que em 1914-1915 havia ficado em 342 763, sendo 203.374 varões e 139.389 fêmeas, eleva-se em 1915-1916 a 342.981, sendo 203.921 varães e 139.060 fêmeas, havendo portanto um aumento de 547 varões e uma diminuição de 1.263 fêmeas, o que representa sómente o aumento global de 218 crianças matriculadas a mais do que em 1914-1915.

No ano de 1916-1917, começa a acentuar-se nitidamente o decrescimento da frequência escolar e assim, em relação ao ano anterior, o decrescimento foi de 4.632 alunos (3.698 varões e 934 fêmeas).

No ano de 1917-1918, o decrescimento em relação ao ano de 1916-1917 salta bruscamente para 15.124 alunos (8.809 varões e 6.315 fêmeas).

Finalmente, no ano de 1918-1919, o decrescimento em relação ao ano anterior é assustador e é o maior de todos: 33.720 alunos, sendo 20.648 varões e 12.972 fêmeas!

A diminuição na frequência escolar, desde o ano de 1916-1917, pode talvez ser atribuída principalmente:

1.º—A' falta de uma eficaz e bem distribuída assistência escolar;

2.º—A' necessidade absoluta do ensino primário obrigatório, para o que se torna necessário um bem organizado recenseamento escolar, pois que sem ele não poderá haver uma perfeita fiscalização, assim como parece não ser viável o ensino obrigatório sem existir uma bem organizada assistência escolar. E tanto assim é que a secção por onde correm estes serviços propôs superiormente e fez publicar em Agosto de 1920 a folha de vulgarização, n.º 2, onde se demonstra em termos concisos a falta enorme da assistência escolar, frisando até que «sem ela o despovoamento das nossas escolas seria um facto em breve tempo».

Para se não atribuirem ás afirmações feitas outra intenção que não seja a de servir a verdade e a justiça, apresento, a seguir, as taxás de analfabetismo apuradas nos censos da população de 1890 a 1950, as quais exprimem, com impressionante clareza, aquilo que as mais eloquentes palavras não seriam capazes de dizer.

QUADRO N.º 1

Anos e taxas de analfab.	De 7 a 11 anos	De 12 a 19 anos	De 20 a 29 anos	De 30 a 39 anos	De 40 a 49 anos	De 50 a 59 anos	e. 60 e mais anos	De 12 e mais anos	De 7 a 49 anos	De 7 a 59 anos	De 7 e mais anos
1890	71,2	74,1	74,2	74,6	78,0	80,5	82,1	76,6	74,4	75,1	75,9
1900	83,8	72,2	69,6	70,1	73,0	77,4	80,8	73,1	73,2	73,7	74,5
1911	79,4	65,1	65,4	66,5	69,8	73,5	78 8	68.8	68,6	69,2	70,3
1920	73,5	61,4	59,8	63,3	67,0	71,0	76,3	65,1	64,3	65,0	66,2
1930	73,1	56,0	55,7	56,0	62,0	66,7	72,8	60,2	59,6	60,4	61,8
1940	46,2	39,1	43,9	52,6	52,2	59,0	64,6	49,4	45,5	47,0	49,0
1950	20,3	30,3	33,6	41,9	48.7	52.9	62,8	42,8	35.3	37,3	40,4

Segundo cálculos feitos, com os elementos existentes, chegou-se á conclusão de que, no corrente ano de 1953-54, a taxa de analfabetismo das crianças dos 7 aos 11 anos de idade não deverá ser superior a 8,2 por cento.

O estudo das taxas mencionadas no quadro anterior permite concluir o seguinte:

a) a taxa geral do analfabetismo da população portuguesa de 7 e mais anos de idade, que em 1890 era de 75,9 por cento, exprimia-se ainda pela percentagem de 61,8 em 1930.

Em quarenta anos, a taxa geral dos analfabetos decresce apenas de 14,1 por cento, ou seja, menos de 0,4 por ano;

b) De 1911 a 1930, essa taxa diminui de 8,5 por cento (0,4 por cento em cada ano);

c) Entre 1930 e 1950, a redução é de 21.4 por cento (1,1 por ano). Por outras palavras: nos dois ultimos decénios, consegue-se uma quebra na taxa geral sensívelmente maior do que a verificada nos quarenta anos anteriores, e mais do que dupla da conseguida de 1911 a 1930:

d) Convém esclarecer que, em certos países, se segue o critério de não fazer intervir nos cálculos para a determinação da taxa dos iletrados as pessoas que se encontram para além de certa idade, em regra os 60 anos. Por isso, e ainda porque se sabe ser muito difícil a recuperação cultural dos indivíduos analfabetos com mais de 60 anos (37,3 por cento), e até com mais de 50 anos (35,3 por cento), tem certo interesse fazer a comparação entre as taxas de analfabetismo respeitantes a tais idades.

Entre 1890 e 1930, as taxas de analfabetismo das pessoas dos 7 aos 49 e dos 7 aos 59 anos acusam a quebra pouco expressiva de 14.8 e 14.7 por cento, respectivamente. Entre 1911 e 1930, as diferenças são, correspondentemente, de 9 e 8,8 por cento, atingindo porém, 24.3 e 23.1 por cento as reduções apuradas de 1930 a 1950.

e) Confrontando-se as taxas relativas ás diversas idades, desde 1890 a 1950, confirma-se que é, sobretudo a partir de 1930, que a situação começa a melhorar. De facto, as percentagens de 1890, 1900, 1911 e 1920 são quase iguais em todas as idades. São, por exemplo, sensívelmente iguais, em 1890, as percentagens de analfabetismo dos indivíduos de 12 a 19 anos, e as dos de 60 e mais anos. A diferenca é apenas de 8 por cento. Isto prova que, de 1830 a 1900, foram nulos os benefícios resultantes das reformas do ensino primário. Até 1930, a situação em pouco se alterou para melhor—a diferença é apenas de 16,8. Em contrapartida, a diferença acentua-se em 1940 para 25.5, e para 32,5 por cento em 1950.

Mais sintomático é o cotejo entre as percentagens de crianças analfabetas dos 7 aos 11 anos em 1900 (83,8) e em 1911 (79,4) e as relativas ás dos iletrados com mais de 60 anos que, nessas mesmas datas, eram de 80.8 (menos 3) e de 78.8 (menos 0,6). Mesmo em 1920, a taxa de analfabetos, com mais de 60 anos, é apenas inferior em 2,8 por cento á dos menores dos 7 aos 11 anos.

Repare-se, por outro lado, que, em 1950, a diferença entre a taxa de analfabetismo das crianças dos 7 aos 11 anos e a das pessoas com 60 e mais anos é de 42,5 por cento, devendo ser, presentemente, de cerca de 52 por cento.

Isto prova que foram perdidos, no combate ao analfabetismo, os 100 anos anteriores a 1930, e que, só a partir de então, passa a existir uma política séria de ensino primário.

Sentido da nova legislação de combate ao analfabetismo

O favorável balanço da obra realizada de 1930 a 1950 poderia levar o Governo a descansar sobre os resultados conseguidos.

Entendeu-se, porém, que não só era mister prosseguir, como importava dar impulso ainda mais vigoroso á luta contra o analfabetismo, pois o problema assumia ainda aspectos muito delicados, mormente nos distritos de Beja (57,9 por cento de analfabetos), Portalegre (51,2 por cento), Castelo Branco (51.2 por cento), Funchal (48,9 por cento), Évora (48,3 por cento), Faro (47,3 por cento), Bragança (45,8 por cento) e Leiria (45,4 por cento).

A existência de 2.916.600 iletrados deveria constituir, e constituiu, séria preocupação para os responsáveis.

Daí, as providências legislativas sobre instrução obrigatória cujo êxito, no fim de um ano de vigência, fica a assinalar a capacidade realizadora do regime nos domínios da educação. Daí, o alargamento da assistência escolar, através de uma legislação prática e simples já em execução, com os mais auspiciosos frutos. Daí, o ter-se reforçado o princípio da obrigatoriedade do ensino, numa nova e mais firme orientação imposta pela própria natureza das causas do analfabetismo entre nós, e, em especial, pelo facto de, mormente nos meios rurais, o nosso povo, pelas condições da sua vida, pelo regime do seu trabalho, e até pela força do hábito e da rotina, não sentir necessidade de aprender a ler. Por isso, e a fim de despertar em todos e, em particular, nos encarregados de educação, a convicção de que o saber ler não só não é inutil, como é indispensável na vida moderna, estabeleceram-se para os analfabetos várias incapacidades e inibições, algumas das quais começaram já a provocar em muitos um marcado interesse pela sua instrução ou pela de seus filhos.

Proibiu-se, assim, que nas entidades patronais do comércio e da industria admitam ao seu serviço menores de 18 anos sem a habilitação da 3.ª classe. E espera-se tornar extensiva, na primeira oportunidade, esta providência ás actividades agrícolas ou equiparadas, pois se sabe que é, nos meios rurais, que mais urge criar um clima favorável á expansão do ensino primário

Por outro lado, o ministro das Corporações e Previdência Social ficou a dispor de poderes para proibir o ingresso, em qualquer profissão ou em quaisquer categorias ou classes profissionais, de indivíduos que não possuam a 3.ª ou a 4.ª classes do ensino primário. A exame para condutor de veículos automóveis não poderá ser admitido quem não possuir aprovação no exame de ensino primário elementar. Passou a ser exigida a habilitação da 4.ª classe para o ingresso nas categorias superiores á de auxiliar de limpeza dos Serviços do Estado, corpos administrativos, organismos corporativos ou de coordenação económica e instituições de previdência ou de abono de familia. Prescreveu-se ainda que não pode ser passada a autorização para emigrar a indivíduos de certas idades que não possuam a 3.ª classe, e condiciona-se pela posse da mesma habilitação a passagem á disponibilidade dos mancebos incorporados nas forças armadas.

Deu-se mesmo mais um passo em frente: pela primeira vez, entre nós, se estabeleceu, para os adolescentes e adultos em certas condições, a obrigatoriedade do ensino primário elementar. Sujeitaram-se, na verdade, á frequência de cursos de adultos das empresas comerciais e industriais com mais de 20 assalariados, os trabalhadores entre os 14 e os 35 anos, que não tenham exame de ensino primário elementar, com dispensa apenas dos que sofrerem de incapacidade física ou mental impeditiva do aproveitamento escolar.

Cursos de Educação de Adultos e Campanha Nacional de Educação de Adultos

Perante a severidade destas medidas, só um caminho havia a seguir: o de se abrirem as mais largas possibilidades de instrução a todos quantos quisessem ou tivessem necessidade de aprender a ler. Foi o que se fez, encarando-se, pela primeira vez em Portugal, em extensão e profundidade, o problema do ensino supletivo e da educação de base dos adolescentes e adultos analfabetos ou semi-analfabetos.

Remodelou-se a desactualizada regulamentação dos cursos nocturnos e substituiram-se pelos novos cursos de educação de adultos, cuja eficiência se revelou logo no primeiro ano do seu funcionamento. Instituiu-se, por outro lado, uma Campanha Nacional de Educação de Adultos destinada a criar na opinião publica uma verdadeira psicose de combate ao analfabetismo, a despertar o espírito de cooperação das pessoas cultas, a convencer os iletrados da vantagem e necessidade de se valorizarem através da instrução e a facultar-lhes uma educação de base á altura da sua dignidade de homens e das próprias conveniências nacionais de ordem

(Continua na página seguinte)

Os resultados da Campanha contra o analfabetismo

(Continuação da pág. anterior)

cultural, económica e social. Procurou-se ainda, com a Campanha, fomentar a matrícula na escola de todas as crianças sujeitas á obrigatoriedade do ensino, pois que, e como se diz no relatório que precede o Plano de Educação Popular, se sabe que «a incultura dos pais leva estes, tantas vezes, a não cuidarem da instrução dos filhos. O analfabeto não tem a noção da vantagem do ensino e entende, na sua visão deformada das coisas, que os filhos não carecem, para as lutas da vida, de quaisquer habilitações literárias. Esta triste realidade torna ainda mais premente a necessidade de fazer alguma coisa para educar os analfabetos, os quais irão, por experiência vivida, convencendo-se do interesse prático em instruir os filhos».

Poderia a Campanha ter assumido carácter obrigatório para todos os Portugueses cultos e iletrados. Foi esta a orientação seguida em vários países e em especial no México, onde a lei de emergência que, em 1944, instituiu a Campanha contra o analfabetismo, prescreveu:

1.º Todo o Mexicano maior de 18 anos e menor de 60, que não seja incapaz e saiba ler e escrever, tem a obrigação de ensinar, a ler pelo menos, outro habitante da Republica que não saiba fazê-lo. (artigo 1.º).

2.º Toda a pessoa residente no território nacional, que não saiba ler e escrever e seja maior de 6 e menor de 14 anos e não esteja inscrito na escola, ou maior de 14 e menor de 40 anos, tem a obrigação de aprender a ler e escrever e gozará do direito a ser ensinado por qualquer mexicano. (artigo 2.º).

3.º Todos os professores, federais, estatais, municipais e particulares, são obrigados a tomar providências, sem prejuizo do cumprimento da obrigação de ensinar pelo menos um analfabeto, para que, no decurso da primeira fase da Campanha, não haja omissões e se corrijam as deficiências encontradas. Mais são obrigados a reservar uma hora diária para esclarecerem e aconselharem as pessoas que se dirijam ás escolas, e a dedicar, após o termo da primeira fase, pelo menos, dois dias em cada semana, á tarefa de receber as cartilhas e verificar o grau de aproveitamento das pessoas leccionadas na Campanha (artigos 24.º e 25.º da referida lei).

Esta orientação fundamentou-a o Governo mexicano com estas expressivas palavras: «numa terra em que unicamente metade das pessoas sabe ler, constitui um privilégio não ser analfabeto e por isso quem dele goza tem o dever de ajudar o Estado, na medida das suas possibilidades, a salvar a outra metade dos seus compatriotas dos perigos que implica o estarem privados dos mais elementares recursos do conhecimento e da acção social». O pequeno relatório que precede a Lei de 1944 conclui que «nenhum mexicano letrado deve ser dispensado de participar na Campanha contra o analfabetismo, que, por isso, se institui com carácter urgente e obrigatório: compromisso tão nobre e puro que deixar de cumpri-lo constituiria falta absoluta de patriotismo».

Esta referência á lei mexicana assume certo interesse, mormente perante a crítica que nos tem sido dirigida de que exageramos na insistência com que pedimos a colaboração de todos, e, em particular, dos professores oficiais.

Quero crer que seriam, porventura, mais pertinentes os reparos por não ter sido adoptado entre nós o princípio da obrigatoriedade e gratuitidade da colaboração a prestar por todos a um empreendimento do mais largo alcance nacional e humano.

Também aqui o Governo não deixou de enveredar por caminho prudente e seguro, por entender que bastariam, por um lado, a boa-vontade e o espírito patriótico dos Portugueses letrados e, por outro, a concessão de prémios pecuniários (quinhentos escudos por cada analfabeto aprovado no exame do ensino primário elementar) ou a melhoria da classificação profissional.

Como há cerca de um milhão de iletrados entre os 14 e os 35 anos, seria de desejar que o Estado fosse, pelo menos, posto perante a obrigação de conceder prémios no valor de 100 mil contos, o que representaria a leccionação de duzentos mil analfabetos. E feliz se sentiria o Governo se tivesse de despender com a Campanha 500 mil contos só para efeitos de alfabetização. Mas este resultado não pode ser atingido. Ao afirmá-lo, pretendo, mais uma vez, chamar a atenção para os inconvenientes de vária ordem que podem derivar de uma previsão demasiado optimista quanto ás futuras baixas no índice geral do analfabetismo. Já ouvi dizer que, dentro de muito poucos anos, estaria solucionada essa gravíssima questão. Bom seria que assim fosse, mas não alimentemos ilusões excessivas. Pense-se que, numa população de 7.213.662 indivíduos com mais de 7 anos, eram, em 1950, analfabetos 2.916.600 e, além destes, 2.292.000, embora sabendo ler, não possuiam o exame da 3.ª classe, nem frequentavam o ensino. O melindre da situação apreende-se melhor ao atentar-se em que cerca de dois milhões de analfabetos tinham, segundo o censo de há três anos, mais de 35 anos de idade, o que equivale a dizer que, em relação á quase totalidade destes, e não obstante todos os esforços a fazer, e todos se farão, só o decurso do tempo há-de levar a que deixem de ser registados pela estatística. A própria recuperação dos iletrados entre os 14 e 35 anos é bem difícil, mormente nos meios agrícolas, tão desprovidos de ambiente e de estímulo de carácter intelectual.

Terá de ser precisamente a grandeza das dificuldades a vencer o maior incentivo para se prosseguir, corajosamente, sem pausas ou descrenças: que, na verdade, é mister continuar a trabalhar nos próximos 15 ou 20 anos, como se está presentemente a trabalhar, para se ver reduzido o numero de analfabetos a coeficientes aceitáveis que não nos envergonhem, já não digo perante os outros países, mas perante nós próprios, na nossa dignidade pessoal e nacional.

Os primeiros resultados conseguidos na educação dos adolescentes e adultos

Feitas estas considerações, a que não pude ou soube fugir, seria vantajosa uma rápida menção do conjunto de providências tomadas no decorrer do ano lectivo findo para dar vida ao Plano da Educação Popular, dos métodos adoptados, dos esforços desenvolvidos, e até das incompreensões e das hostilidades de alguns, a fim de dar uma ideia do que tem sido, no seu dia a dia, a batalha em que o Ministério da Educação Nacional está empenhado.

Mas, porque não devo alongar-me muito mais, indicarei apenas, através de alguns dados provisórios recolhidos pela Direcção-Geral do Ensino Primário, os resultados conseguidos no primeiro ano de execução dos diplomas de 27 de Outubro de 1952.

a) Em cerca de 6 meses, tornou-se realidade o funcionamento de 3.613 cursos de educação de adultos, dos quais 987 em empresas do comércio ou da industria e 515 nas unidades militares do Exército;

b) Nesses cursos, inscreveram-se 98.369 adolescentes e adultos;

c) No regime da Campanha, começaram a ser leccionados 69.801 individuos, na sua grande maioria analfabetos;

d) no ano lectivo findo, houve 27.105 aprovações de adultos nos exames de ensino primário elementar (21.525) e nos da 4.ª classe (5.580).

e) Se ao numero de adolescentes e adultos juntarmos o de 90.145 alunos e mais nas escolas, concluir-se-á que cerca de 260 mil portugueses beneficiaram, logo no primeiro ano, da nova legislação sobre instrução popular.

Carácter educativo da Campanha

A Campanha não poderia limitar as suas preocupações á tarefa de difundir as primeiras letras, porque, por força das normas legais e dos principios orientadores da nossa educação, nos incumbe, para além da alfabetização, proceder á elevação educativa da nossa gente, cultivando nela as qualidades e atributos que tornaram o homem um ser superior na sua dignidade e personalidade. Foi também nesta certeza que se suscitou e obteve a colaboração dos grandes instrumentos de expansão da cultura, que são a rádio, o cinema, o teatro, a Imprensa, o livro, as missões culturais, em obediência a um plano préviamente estabelecido. Se, nesse plano, as finalidades informativas e de propaganda ocupam lugar de interesse, não se esqueceu que importava atribuir predominancia aos objectivos de natureza educativa. A segunda fase da Campanha, que, de há um mês a esta parte, se pode considerar iniciada, caracterizar-se-á, sem prejuizo do combate ao analfabetismo, por uma feição nítidamente educativa: será dado o maior alcance possivel á divulgação de noções de educação moral, cívica, familiar e sanitária, de organização corporativa e de previdência, de agricultura e pecuária, de história pátria e de tudo o que possa contribuir para uma mais perfeita integração dos iletrados, como valores activos, na colectividade nacional.

A Rádio ao serviço da cultura popular

Tem prestado a Rádio inestimáveis serviços á Campanha, através de noticiários, esclarecimentos e de programas especiais, que têm agradado pelo seu nivel e equilibrio.

Espera-se propor brevemente á Rádio particular um plano de mais intensa actividade e está-se a trabalhar, em plena colaboração com a Emissora Nacional, na elaboração de um novo e mais vasto programa de acção em que os nossos valores do teatro e literatura radiofónicos possam ser aproveitados não só para a propaganda da Campanha, mas, principalmente, para a realização dos seus objectivos de ordem cultural.

Entre as novas iniciativas em estudo, salientam-se as que se referem ás reportagens a realizar nos cursos de adultos, ás entrevistas a fazer com pessoas que tenham mostrado interesse pela educação popular, a uma série de palestras muito simples de conteudo educativo, e á formação de pequenas discotecas circulantes, com o indispensável material de transmissão a fornecer aos diversos centros de instrução de adultos, as quais serão constituidas por gravações destinadas a auxiliar o professor na função docente, a interessar os alunos pela aprendizagem, e em especial, a aperfeiçoar a lingua portuguesa falada (correcção de pronuncia, articulação, dição, etc.) para o que se aproveitarão trechos vernáculos interpretados por bons actores.

Devo ainda dizer que, pelo menos, através da Emissora Nacional, se transmitirá um novo programa, espécie de curso de leitura de textos, onde se fará a análise e interpretação de alguns dos melhores trechos, em prosa ou verso, da literatura portuguesa, com breves notas sobre os autores. Assim se realizará obra de cultura e se fomentará o gosto pela leitura. Dar-se-ão instruções para que os programas se jam sugestivos e bastante simples e se dirijam, não a meia duzia de intelectuais ou eruditos, mas á grande massa da população portuguesa.

O Cinema da Campanha

O cinema da Campanha que, por distribuição especial, está a correr em todas as casas de espectáculos do Continente e Ilhas, tendo já sido projectado, em três meses, a mais de 200.000 pessoas, parece não desmerecer da qualidade normal das fitas portuguesas. E se, por ventura, como o acentuou a Imprensa, revela sob certos aspectos, alguma superioridade, isso se deve ao facto de, na realização das fitas, muito embora de propaganda, estar já presente uma finalidade desinteressada de educação. A' série de pequenas fitas já realizadas, seguir-se-ão outras integradas num plano educativo em estudo, pois não poderia deixar de se aproveitar o ensejo para fazer, entre nós, uma experiência sobre cinema educativo, que deverá começar a ser utilizado como valioso, e já hoje imprescindivel, instrumento de ensino e de cultura.

O teatro no recreio e educação dos adultos

O teatro já participou nas actividades da Campanha, tendo constituido, com o cinema e as exposições, a 1.ª Missão Cultural. Dado o forte poder educativo que á arte dramática sempre se reconheceu, e considerando o cuidado artistico posto na preparação e representação das peças especialmente escritas para a Campanha, os espectáculos do teatro da Mocidade Portuguesa, colocado ao serviço da cultura do povo, têm constituido um exito que é justo assinalar.

O «Teatro» passará, de futuro, a deslocar-se, com a regularidade possivel, a diferentes pontos do País e, em particular, ás fábricas e organismos corporativos, agremiações culturais, recreativas ou desportivas onde funcionem cursos de educação de adultos.

Aliás, sendo o teatro uma actividade artística de grande alcance educativo, far-se-á o possivel para desenvolver a sua acção nos vários centros de ensino de adultos, para o que se estimularão iniciativas, sugerirão ideias e orientações e se fornecerão peças de interesse para recreio sadio e elevação do nosso povo.

A colaboração da Imprensa

A Imprensa, diária ou regional, vem dando uma cooperação espontanea e decidida que muito tem contribuido para os primeiros exitos alcançados. Tem-se procurado fugir a dar-lhe sugestões, muito embora alguns órgãos de maior circulação os tenham solicitado com interesse. Julga-se de manter a orientação inicial, até porque se sabe que todos farão o que estiver ao seu alcance para colaborar com o Governo na execução de um plano educativo do maior interesse para o País e para própria expansão e futuro da Imprensa, o qual, como bem se compreenderá, importa transformar, para poder produzir todos os frutos, de empreendimento do Estado em verdadeiro movimento popular.

Aproveita-se o ensejo para salientar que sempre se agradecerão as críticas bem intencionadas feitas á política seguida ou á obra realizada, porque, ou são justas, e facilitarão a revisão de posições tomadas ou de erros cometidos, ou são infundadas, e tornar-se-á possivel esclarecer as pessoas mal informadas ou com visão incompleta ou viciosa dos problemas.

Bibliotecas das escolas primárias. Biblioteca central e bibliotecas móveis da Campanha

Serão brevemente instaladas as primeiras bibliotecas junto das escolas primárias, que se espera venha a ser precioso instrumento didáctico ao serviço do professor, estímulo benéfico para a criação do gosto e hábito da leitura e do interesse pela aprendizagem, e factor relevante na formação moral que á escola primária incumbe. Elas poderão e deverão ser ainda, além do mais, causa de fortalecimento das relações de amizade e convívio entre os professores e os alunos e encarregados de educação, e constituir uma das maiores forças da luta contra o analfabetismo e um dos principais instrumentos da educação fundamental.

Mas, para além da função permanente das bibliotecas das escolas primárias, julgou-se indispensável criar uma biblioteca central da Campanha, donde serão enviadas colecções de livros escolhidos para os organismos e entidades idóneas que os solicitem, e, em especial, para as associações culturais e recreativas, clubes desportivos, Sindicatos, Casas do Povo, Centros de Alegria no Trabalho, hospitais e estabelecimentos prisionais, empresas do comércio e industria e cursos de educação de adultos.

Renovando a afirmação já feita, esclareço ainda que, dentro de dias, sairá a primeira biblioteca móvel, numa experiencia, que será alargada, se, como se conta, os resultados forem animadores.

E tudo isto por se continuar a entender que, não bastando ensinar o povo a ler, é preciso dar-lhe que ler e criar-lhe, a pouco e pouco, o gosto pela leitura. Assim, se terá presente que os primeiros livros a escolher deverão ter carácter recreativo ou informativo, e ser sugestivos, sóbrios e adequados á mentalidade e aos interesses dos adultos em recuperação cultural.

Reconheço, todavia, que esta campanha da disseminação do livro, do bom livro, e especialmente a de levar o povo a ler com certa regularidade e proveito, é das mais difíceis e complexas que pode apresentar-se á reflexão e ao espírito de iniciativa dos responsáveis pelo progresso cultural do povo. Precisamente por isso, nos empenhamos em enfrentá-lo com energia e reflectido entusiasmo, embora se saiba que a sua solução há-de desenhar-se lentamente e se reconheça que, perante ele, também têm especiais responsabilidades todos os que, de algum modo, se podem considerar como pertencendo ao escol intelectual da Nação.

Bifes à cortador, Oh! Lacerda

Avenida Berna, 36-A, modernizado, aguarda a visita dos seus clientes

Jornal da Campanha. Jornais de parede

Neste pensamento, se filia, ainda, a decisão de criar um órgão de expressão específico da Campanha e um jornal de parede destinado a ser afixado nas fábricas, Casas do Povo, Sindicatos e centros de reunião da nossa gente. Daquele primeiro órgão de Imprensa, que se intitula «A Campanha», saiu já o primeiro numero com a data de 27 de Outubro findo, ou seja a do aniversário do Plano de Educação Popular. Pelo seu aspecto gráfico e pelo seu conteudo informativo, recreativo e cultural, deve interessar não apenas os educadores dos adultos, a quem também se destina, mas sobretudo ás largas dezenas de milhar de pessoas que estão a ser leccionadas em todo o País. Também aqui, nos animou o desejo de fazer obra séria, e, por isso, se entendeu que, muito embora a distribuição de o jornal a mais de 50.000 leitores seja gratuita, se deverá dar-lhe todas as condições de ordem artística e literária indispensáveis a um órgão destinado ás classes populares de maior atraso cultural.

Publicações de doutrina e de educação

Algumas publicações da Campanha foram já dadas á estampa ou estão no prelo. Reconhece-se porém ser necessário publicar vários folhetos e pequenos livros destinados a consolidar os conhecimentos elementares dos recuperados para as letras, a lançar a semente de uma vasta e criteriosa acção educativa, a incutir o gosto pela cultura e a orientar os jovens e adultos que se encontram no final do seu curso de instrução primária ou já tenham feito o respectivo exame, preparando-os para ocupar conscientemente o seu lugar na vida social de hoje e auxiliando-nos no seu próprio aperfeiçoamento intelectual e moral. Não é possível dizer ainda até onde, neste terreno, se poderá ir. Tentar-se-á, porém, fazer alguma coisa de util através de várias séries de publicações, entre as quais, se destacam as seguintes:

Doutrina (discursos, legislação e despachos); Informação e propaganda; História pátria e Geografia de Portugal e do Império; Arte Portuguesa, Etnografia e Folclore; Literatura e pensamento portugueses; Educação moral e cívica; Educação Familiar, Economia doméstica e Puericultura; Educação sanitária e Educação Física e Desporto; Aperfeiçoamento profissional; Organização corporativa; Seguro social e Segurança no Trabalho; Agricultura e Pecuária; Artesanato; e, finalmente, Psicologia de adultos—Educação de adultos (didáctica geral e especial).

Missões culturais

Continuarão a ser organizadas missões culturais. Os resultados obtidos com a primeira Missão, que acaba de percorrer o litoral do norte e centro do País—, com o cinema, o teatro, a exposição da obra realizada e a exposição: «A História de Portugal nas obras de arte»,—confirmaram as vantagens deste processo de propagar e estimular a cultura.

Assim, dentro de dias, partirá uma missão de cinema, convenientemente apetrechada, com o objectivo de levar, aos meios rurais de mais expressiva percentagem de iletrados, um conjunto de fitas educativas e de propaganda do combate ao analfabetismo. Aproveitar-se-á a missão para iniciar, nas terras visitadas, uma campanha de educação sanitária, em estreita cooperação com o Subsecretariado de Estado de Assistencia Social. A missão será acompanhada de um médico que exercerá a sua acção, quer proferindo pequenas palestras ilustradas gráficamente, quer comentando as próprias fitas que, sobre higiene e defesa da saude, serão projectadas.

Para se alargar a acção do cinema ao maior numero possivel de freguesias, reduziram-se a 16 milímetros as fitas da Campanha, estão a ser adquiridos filmes de interesse para a educação popular, e serão distribuidas pelas direcções dos Distritos Escolares máquinas de projecção de fácil transporte e manejo.

A preocupação de juntar o maior numero possível de actividades educativas explica que, nesta missão de cinema, se integre também uma biblioteca móvel constituida por várias colecções de livros que se entregarão á responsabilidade dos professores, dos párocos ou das entidades administrativas locais, para que promovam a sua distribuição, organizem sessões publicas de leitura, e informem sobre os resultados obtidos.

Exposições itinerantes e visitas a Museus e Monumentos

Realizar-se-á também, na próxima quinzena, a primeira visita de alunos de cursos de adultos ao Museu Nacional de Arte Antiga, e com ela se inicia um novo serviço da Campanha que, desenvolvido, pode vir a ter importancia fundamental na formação do gosto artístico e da cultura histórica do nosso povo e, principalmente, no fortalecimento dos sentimentos de respeito e de amor por tudo o que é belo e português.

Começar-se-á, assim, pela organização de visitas aos museus e monumentos dentro ou próximo das cidades; mas deseja-se também esti-

(Continua na 11.ª página)

A Oposição vai ás urnas

segundo o manifesto ao eleitorado

elaborado pelos candidatos por Lisboa

Os candidatos oposicionistas pelo circulo eleitoral de Lisboa elaboráram o seguinte manifesto, cuja publicação nos pedem:

«Eleitores! Chegou o momento de tomar resoluções. Os candidatos oposicionistas do círculo de Lisboa acabam de reunir e vêm declarar que resolveram combater até ao fim; isto é: daremos a palavra ao eleitorado para que no dia 8 se pronuncie por nós ou contra nós, votando cada qual conforme a sua consciência. Persistimos na luta até final, porquê? Acaso estão garantidas todas as condições, insistentemente reclamadas pela Comissão Promotora do Voto, que imponham o próximo acto eleitoral como acto cívico impecável e de resultados convincentes? Sabe-se que não é assim que as coisas se passam; e uma breve resenha o evidenciará melhor.

Tendo partido por assim dizer do nada, á mingua de organização nunca consentida antes ou sequer no período eleitoral, os candidatos encontraram-se numa posição que se pode resumir deste modo:

Na propaganda escrita, a intervenção da Censura mutilou e retirou da publicidade não poucos depoimentos. Os locais de reunião só muito escassamente puderam ser aproveitados. Ao uso da Rádio bastou um pretexto futil para inutilizá-lo. E até um cartaz da autoria de artista nosso dos melhores não pôde ver a luz da publicidade com receio dos efeitos subsersivos da figura desenhada! Tudo isto, depois de haver o Governo prometido processos de liberdade e tratamento equitativo com respeito áquele que usufrui, vai num quarto de século, em regime de monopólio, a União Nacional. Partiu-se, é certo, da conquista da igualdade nas listas, mas breve sobreveio o triunfo da desigualdade pelas formas indicadas.

Como ponto de partida para uma distribuição eficiente das listas impunha-se o conhecimento dos cadernos eleitorais—e isto sem discutir, já, até que ponto é honesto o recenseamento actual. Nunca foi possível aquele conhecimento: de modo que só o partido unico sabe onde estão e quais são os eleitores.

Sobre a fiscalização acumularam-se pouco mais do que vagas promessas e a Comissão Promotora do Voto é a primeira, no seu ultimo comunicado, a pôr-nos de sobreaviso a este respeito.

Portanto, eleitores, a situação oferece um quadro de insuficientes garantias e não há qualquer intenção nossa de ocultá-lo.

Pode então perguntar-se: porque insistem os candidatos, porque não recuam, porque não fecham mais uma vez o curto período de propaganda eleitoral com a nota plangente da desistência forçada?! Porquê? Porque entendem que as sucessivas desistências mais não têm feito que enfraquecer as energias cívicas da população e que a elas cabem sérias responsabilidades neste marasmo político com que a Situação se compraz, para viver, descuidosa, sua vida folgada e farta!

Pode perguntar-se ainda: mas o que vai acontecer na votação do dia 8? Pois não são de prever, dadas as condições precárias do combate, manifestações iniludíveis de uma pesada derrota? E é para esta pesada derrota que nós, candidatos, convidamos o nosso eleitorado?! Será isto servir a nossa causa, a causa comum da Democracia? Importa que analisemos a objecção.

Não existe derrota que possa impressionar, que possa o adversário averbar na conta dos seus melhores sucessos, que ajude a consolidar-lhe a posição interna ou externa, quando préviamente— e é este o caso—se definem com clareza, como estamos definindo, as condições precárias da luta. Quando se apontam, como estamos apontando, as insuficiências insupríveis que rodearam a nossa intervenção; quando se está de antemão prevenido, como aqui prevemos, que toda a votação obtida para a nossa lista que se afaste grandemente da contrária não será mais que a prova da maneira viciosa como nos obrigamos, voluntáriamente embora, a combater. E este aspecto será tanto mais saliente quanto mais baixa se anunciar a votação oposicionista.

Está entretanto, em boa parte, nas mãos do eleitorado democrático diminuir as possibilidades daquela derrota. Votem quantos possam votar, tentem a fiscalização quantos houverem coragem para tentá-la e os numeros, sem nunca serem capazes de representar a nossa força real, poderão todavia firmar na consciência do País aquele lugar que, sabêmo-lo bem os da Oposição, nos pertence por direito incontestável.

Há que reparar na atitude correcta daqueles democratas, destacados, que, partindo de uma discordancia a respeito de ser a concorrência ás urnas a atitude mais conveniente, têm declarado que se preparam no próximo dia 8 para depôr na urna o seu voto, como apoio moral aos que marcharam em frente nesta hora, na intenção e na esperança de melhor servirem, deste modo, a grande causa comum.

De facto, a abstenção nesta altura, neste transe, o que representará? A favor de quem reverte? Que causa serve? Reverte a favor do Governo e do seu partido unico tão sómente, e apenas serve a causa impopular de um regime de força que todos desejam ver abolido na terra portuguesa!

Eis por que terminamos brandando, com entusiasmo e convicção: Cidadãos-eleitores! A's urnas! Pela Liberdade e pela Democracia! Viva e reviva a Republica! Viva a Pátria.—OS CANDIDATOS DE OPOSIÇÃO DO CIRCULO DE LISBOA.

As condições de fiscalização

Os candidatos oposicionistas pelo distrito de Lisboa comunicam-nos, com pedido de publicação, o seguinte:

«Da Comissão Promotora do Voto, receberam os serviços desta candidatura a informação de num ofício da Presidência do Conselho, datado de 2 do corrente, ter sido feita a afirmação de que o próximo acto eleitoral se realizaria por forma a «todos os que, por lei, tenham acesso ás assembleias ou secções de voto poderão, livremente, fiscalizar todas as operações»;

«Podem assistir ao acto do voto, á conferência final do numero dos votantes com o numero de listas entradas nas urnas, bem como o apuramento do *numero de listas submetidas ao sufrágio. E se algum facto se passar digno de reparo não poderá a mesa negar-se a receber qualquer protesto.*

Estes protestos são obrigatóriamente mencionados na acta respectiva e acompanham o processo que há que ser aprovado pela assembleia de apuramento distrital.

Isto, é claro, independentemente do direito de recurso perante o auditor administrativo».

Já em 14 de Agosto findo a mesma Comissão Promotora do Voto, recebera da Presidência do Conselho um ofício onde, entre outros compromissos, lhe era assegurado que «*a fiscalização tanto pode ser feita pelos candidatos ou seus agentes, como pelos próprios eleitores, aos quais se faculta, antes do encerramento da respectiva assembleia, a possibilidade de obterem certidão do numero de votantes, das listas entradas na urna e dos votos respeitantes a cada candidato*».

Para que possa dar-se efectivação ao que acima fica referido, estão já a ser passadas credenciais aos eleitores que, como agentes representantes dos candidatos, hão-de exercer a possível fiscalização, nas secções respectivas.

A' distribuição de listas está a proceder-se ons locais já indicados.

Os representantes dos democratas dos concelhos de distrito podem dirigir-se á Praça da Alegria, 62 1.º, em Lisboa, para obtenção de listas, comprovando a sua identidade.

No concelho de Sintra, podem dirigir-se ao sr. Silva e Sousa, de Lameiros, directamente ou pelos telefones: Pero Pinheiro 2, e Lisboa, 24184».

As sessões de propaganda

promovidas pela Oposição

Promovida pelos candidatos da Oposição realiza-se hoje, ás 20 e 30, no Centro Escolar Republicano «Almirante Reis», uma sessão de propaganda presidida pelo sr. dr. Camara Reis. Falarão os srs. drs. Acácio Gouveia, Adão e Silva, Fernando Mayer Garção, Felix Horta, Rodrigues Direito e eng. Sá Cardoso.

—Também hoje, em Aveiro, haverá uma sessão promovida pelos candidatos oposicionistas, á qual preside o sr. coronel Helder Ribeiro. Usarão da palavra os srs. eng. Cunha Leal, dr. Carlos Cal Brandão, dr. Luís Veiga, dr. Vasco da Gama Fernandes e dr. Augusto Chaves.

O MINISTERIO DA ECONOMIA

responde ao eng. Cunha Leal

Será publicada amanhã uma nota oficiosa do Ministério da Economia de resposta á ultima carta do sr. engenheiro Cunha Leal, dirigida aos jornais. f

Vender Muito E Ganhar Pouco!...

É a divisa do

BARATEIRO DE S. DOMINGOS

pelos baixos preços que vende *Ouro, Pratas, Joias* e *Relógios* mais baratos do que a tabela.

Rua Barros Queirós, 56

IMPERIUM SALÃO DE CHÁ

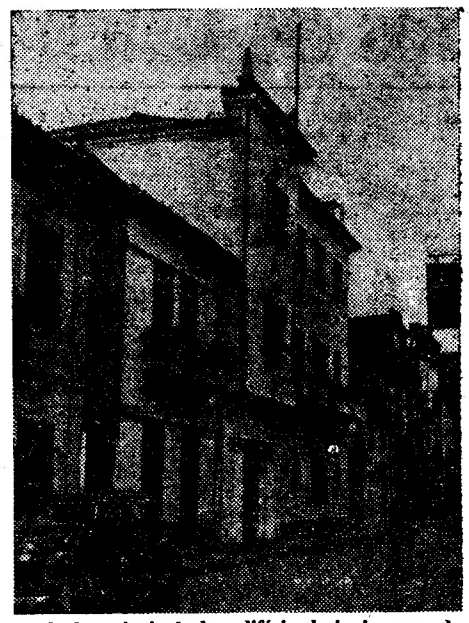
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES

·RUA DE SANTA JUSTA 105-TEL. 27527·

Na Joalharia Mergulhão

pode V. Ex.ª apreciar peças de prata antiga e cópias, que honram a prataria portuguesa.

Rua de S. Paulo, 162—Tel. 30013.



Fachada principal do edifício hoje inaugurado

Inaugurou-se

hoje em Ilhavo

a nova sede do Sindicato

dos Oficiais Náuticos

ILHAVO, 4—(Pelo telefone)—Ilhavo, e principalmente a classe maritima, estiveram hoje em festa. O Sindicato dos Oficiais da Marinha Mercante inaugurou hoje a sua nova sede, e aproveitou a oportunidade para prestar homenagem ao sr. comandante Henrique Tenreiro, como gratidão pelos relevantes serviços que tem prestado á classe dos maritimos, especialmente aos que se empregam na rude faina da pesca do bacalhau.

Pelas 13 horas chegou aos Paços do Concelho o sr. comandante Tenreiro, acompanhado pelo governador civil do distrito, pelo presidente da Camara e por outras entidades oficiais. A' entrada do Municipio estavam os vereadores e os srs. arcebispo-bispo de Aveiro, coronel Gaspar Ferreira, presidente da comissão distrital da União Nacional; o reitor do Liceu, o director da Escola Comercial, o prior da freguesia e outras pessoas.

O presidente da Camara, sr. José Lavado, deu as boas-vindas ao sr. comandante Tenreiro, e o oficial náutico sr. José Leite dirigiu-lhe saudações. Após breves palavras do chefe do distrito, o sr. comandante Tenreiro agradeceu a homenagem prestada.

Formou-se depois um cortejo em que se incorporaram as crianças das escolas, oficiais náuticos e duas bandas de musica de Ilhavo, acompanhando todos o sr. comandante Tenreiro através da Rua Arcebispo de Bilhano, de cujas janelas foram lançadas flores, até á nova sede do sindicato, que se encontrava embandeirada.

Depois do sr. arcebispo-bispo ter lançado a benção ao edificio, foram, no salão nobre, descerrados os retratos dos srs. presidentes da Republica e do Conselho e do sr. comandante Tenreiro, usando da palavra o oficial náutico, sr. Manuel Santos Vidal. Ao homenageado foi oferecida uma rica salva de prata, seguindo-se um Porto de honra, durante o qual usaram da palavra o sr. coronel Gaspar Ferreira e um representante dos pescadores de bacalhau.

Inundação provocada

pela rotura de um cano

Cerca das 9 horas, foram reclamados os socorros dos bombeiros para a Rua Tomás Ribeiro, em virtude de uma inundação provocada pela rotura da conduta geral, quando alguns operários procediam á abertura de caboucos para um edifício que ali vai construir-se.

Os trabalhos de abertura fizeram ruir parte do pavimento, destruindo, também, a canalização do gás e os cabos condutores da corrente eléctrica.

No local compareceram os sapadores bombeiros da 3.ª companhia, dirigidos pelos chefes Ricardo e Castelo que, com o auxílio de bombas, procederam ao esgotamento da água, naquele local e ainda na garagem militar na Rua do Viriato, onde a água chegou a atingir cerca de um metro.

Compareceram, igualmente, piquetes de operários das Companhias das Aguas, e Gás e Electricidade, que procederam aos trabalhos de reparação das canalizações.

O acidente chamou a atenção de muitas dezenas de pessoas, que se concentraram no local.

PALLADIUM

SEXTA-FEIRA	BREVEMENTE
◆	◆
Bacalhau à· Palladium	**Reabertura do Salão de Chá**

No quartel d

foi homenag

e inauguraram-s

Esta manhã, no regimento de Artilharia Pesada n.º 1, com sede em Sacavém, realizaram-se várias cerimónias para inauguração de melhoramentos na unidade e despedida do actual comandante, sr. coronel Francisco da Silva Alpoim, que deixa este cargo por ter sido colocado no Instituto de Altos Estudos Militares.

Pelas 11 horas, chegou ao quartel o sr. general Leonel Vieira, governador-militar de Lisboa, acompanhado do seu chefe de estado-maior, sr. tenente-coronel Oliveira Vitoriano, e ajudante de campo, sr. tenente Cambeses. A' entrada da unidade foi recebido pelos srs. coronel Francisco da Silva Alpoim e tenente-coronel Afra Noses, respectivamente, primeiro e segundo comandantes, e por toda a oficialidade do regimento.

O governador militar visitou demoradamente as instalações da unidade, começando pela casa de carga e tratamento de batarias, melhoramento da iniciativa do actual comandante, onde se podem carregar cem batarias ao mesmo tempo.

Terminada a visita, o sr. general Leonel Vieira deu entrada nas novas instalações destinadas aos sargentos, ainda por concluir, mas onde há já devidamente mobilada, uma moderna sala de estar e alguns quartos. Na ampla sala, onde se vêem as fotografias dos srs. marechal Carmona e dr. Oliveira Salazar e dos antigos comandantes da unidade, srs. coronel Guerreiro de Andrade e general Faro Viana, reuniram-se com os oficiais os sargentos da unidade. Perante todos, o 1.º sargento Silvino Glória, em nome da corporação dos sargentos da unidade, saudou o comandante sr. coronel Alpoim afirmando que os sargentos da unidade não ignoravam os esforços realizados por ele no sentido de melhorar as instalações e como preito de gratidão quiseram dar o seu nome á sala que hoje se inaugura, como ficarão ali a ates-

Por ciúmes

um funileiro matou um homem

e feriu gravemente

mais duas pessoas

TORRES VEDRAS, 4—(Pelo telefone)—Hoje, pelas 9 e 20 horas, José Martins, de 35 anos, solteiro, funileiro, natural do sitio do Cardal (Ferreira do Zêzere) morador no Choupal desta vila, movido por ciumes da mulher com quem vivia e que o deixou, foi a casa dos locatários da casa onde ela se recolhera munido dum punhal, em que transformou uma lima.

Com ele agrediu o dono da casa, António Dinis, de 42 anos, casado, natural de Loures, bem como Olegário Melo Martins, divorciado, natural de Arneiros (Aldeia Galega) que estava vivendo com a mulher do agressor.

Seguidamente, e sem dar qualquer alarme, correu ao mercado coberto desta vila, agredindo ali a mulher do António Dinis, Rosalina Rodrigues, vendedeira de frutas, pondo-se em fuga, para procurar a mulher que lhe havia fugido, e ameaçando todas as pessoas que dele se queriam aproximar.

A certa altura, apareceu o guarda da P. S. P. n.º 2976, Alberto Cardoso, que o desarmou e prendeu.

O Olegário faleceu pouco depois de entrar no Hospital da Misericórdia. A Rosalina encontra-se em estado desesperado. E o António Dinis seguiu para Lisboa, na automaca dos Bombeiros Voluntários, sendo grave o seu estado.

A mulher do agressor conseguiu fugir, e a isso deve certamente o estar ainda viva.

FIGUEIR

—A MAIS LINDA P

ZONA DE JOG

FINS D

GRANDE HOTE

O mais moderno hotel de luxo

Privilegiada situação em fren

panorama

Todos os quartos com ban

Os hóspedes têm entrada gratuit

GRANDE CAS

e na sua magnificente «BOITE»,

Marque hoje mesmo o seu q

e Sacavém

ado o comandante

e melhoramentos

tar uma placa e uma fotografia do homenageado.

Seguidamente, uma filhinha de um sargento fez a entrega de um ramo de cravos vermelhos ao sr. coronel Alpoim e o 1.º sargento Glória procedeu ao descerramento do retrato e da lápida de homenagem ao comandante da unidade, acto que foi sublinhado por uma salva de palmas.

Falaram em seguida os 1.os sargentos Almeida Faria e Eugénio Alves, o primeiro para descrever a obra realizada desde 11 de Julho de 1946, data em que o sr. coronel Alpoim entrou para a unidade como 2.º comandante, e o segundo para fazer o elogio do comandante e expressar, a ele e a todos os obreiros que se dedicaram áqueles empreendimentos, o muito reconhecimento da corporação dos sargentos,

O sr. coronel Alpoim agradeceu a homenagem prestada, afirmando que a considerava imerecida quanto á pessoa, mas merecida quanto aos que o acompanharam nos trabalhos realizados, cuja acção, desde o tenente-coronel Afra Noses até aos capitães Enes e Peres Brandão e aos sargentos, é justo salientar.

Disse que, pondo de parte falsas modéstias, tomava a homenagem para todos os oficiais e para todos aqueles que colaboraram nas obras, não esquecendo os soldados. A terminar, afirmou que vai partir com saudades da unidade onde permaneceu sete anos e agradeceu a presença do sr. governador militar de Lisboa e demais convidados. As suas ultimas palavras foram para reafirmar que a corporação dos sargentos do Regimento de Artilharia Pesada 1 merecia a confiança do comandante que lhe sucedesse.

O sr. general Daniel Vieira disse da sua muita satisfação em assistir á significativa homenagem prestada ao sr. coronel Alpoim, salientando que a gratidão é uma virtude essencialmente portuguesa, e por isso muito bem ficava aos sargentos da unidade em levar a cabo essa homenagem. Fez o elogio do comandante da unidade como oficial sabedor e distinto e salientou que as suas qualidades de comando naquele regimento são inapagáveis e inesquecíveis, pelo que lhe tinha sido muito grato assistir a tão justa homenagem.

Depois de ter sido servido um almoço frio, o sr. general Daniel Vieira e a oficialidade da unidade dirigiram-se para a sala do comando, onde foi descerrado o retrato do sr. coronel Alpoim, a quem também foi oferecida uma lembrança pela oficialidade.

O segundo comandante, sr. tenente-coronel Afra Noses, embreves palavras, enalteceu as qualidades do sr. coronel Alpoim, que todos vêem afastar com saudade.

Depois de breves palavras do sr. governador militar de Lisboa, de homenagem ao coronel Alpoim, este agradeceu e disse que jamais poderá esquecer as provas de confiança sempre manifestadas por todos, pelo que se sentia satisfeito, e afirmou que todos os oficiais podiam contar com um amigo.

Desastres de aviação

Avião boliviano desaparecido

LA PAZ, 4.—Um avião de transporte no qual se encontravam 18 passageiros e 3 tripulantes, desapareceu ontem nas proximidades de Chuquisaca. Este aparelho pertencia á Companhia de Transportes Aéreos da Bolívia. Receia-se que as 21 pessoas que se encontravam a bordo tenham morrido.—(F. P.).

Queda dum avião dinamarquês

COPENHAGUE, 4.—Um avião Glosfer Meteor de reacção, da aviação dinamarquesa, despenhou-se no solo, na noite passada, na Jutlandia. Os dois ocupantes morreram.—(F. P.).

Se passar por Salvaterra
Visite o **Café Restaurante Ribatejano**

A DA FOZ
IA DE PORTUGAL —
E DE TURISMO
EMANA no
L DA FIGUEIRA
de Portugal, a preços turísticos.
e ao mar, com deslumbrantes
oceanicos
o privativo W. C. e telefone
no
O PENINSULAR
nde se exibem atracções com baile
uarto para o 2146 (10 linhas)

O governador militar e o comandante do regimento na inauguração da sala dos sargentos

As aulas

de Medicina

começaram hoje

a funcionar

no Hospital Escolar

As aulas da Faculdade de Medicina começaram, esta manhã, a funcionar no novo Hospital Escolar. O imponente edifício ganhou vida, que lha insuflaram as dezenas de raparigas e rapazes que, hoje, ali foram para assistir á primeira aula de Histologia deste ano lectivo.

Todos exteriorizavam a admiração que lhes causou o novo hospital que passará, desde agora, a ser o centro de todas as suas actividades escolares.

Só o que lhes faz esfriar o entusiasmo—e nisso têm certa razão—é a dificuldade que a grande maioria vai ter para se deslocar, todos os dias e a diversas horas, desde suas casas até á escola.

Ainda para mais, o problema dos transportes não foi, logo de princípio, bem resolvido e este primeiro dia de actividades escolares serviu para lhe descobrir as deficiências e, consequentemente, apontar o melhor processo de as anular.

—Quis tomar o autocarro na Avenida Duque de Avila, mas ele já vinha cheio e, como só tinha outro dali a 50 minutos, tive de vir de eléctrico.

No rosto do jovem aluno reflectia-se o aborrecimento causado por aquele percalço, tanto mais que do eléctrico até ao Hospital Escolar ainda são uns bons mil metros, que têm de percorrer-se a pé.

Foi em redor do problema dos transportes que se avolumou a maioria das queixas.

Na realidade, a carreira, aliás provisória, que a Carris estabeleceu entre o Campo Mártires da Pátria e o Hospital Escolar tem alguns defeitos que o tempo e a boa vontade corrigirão. A frequência de carros que a servem é pequeníssima. Assim, por exemplo, ás 11 da manhã de alguns dias da semana há aulas de cursos em que estão inscritos três a quatro centenas de alunos, os quais terão, para se fazerem transportar, dois autocarros, um ás 10 horas e outro ás 10 e 50.

Notou-se, também, que a Carris empregou, hoje, naquela linha, autocarros de um piso só, o que agrava ainda mais a situação criada pelos horários.

Claro que as sugestões para a resolução do problema surgiram, nas conversas dos estudantes, com os mais variados aspectos.

Não faltava quem sugerisse que talvez não fosse mal criar carreiras a partir dos Restauradores ou do Marquês de Pombal, para descongestionar um pouco a afluência de passageiros á carreira que existe.

Outro problema que se nos afigura premente é o da criação de uma cantina onde os alunos que, por exigências do seu horário escolar e distancia que os separa de casa, sejam obrigados a almoçar nas cercanias do hospital.

O prof. dr. Celestino da Costa, que se despede este ano das suas actividades docentes, foi o primeiro a ministrar aulas no novo Hospital Escolar, cujas instalações elogiou.

ficção científica
na «Colecção Argonauta»

O Ministério do Exército

esclarece em nota oficiosa

o caso do capitão Valadas

Assinado pelo sr. tenente-coronel António A. dos Santos, chefe do gabinete do ministro do Exército, recebemos a seguinte comunicação:

O jornal «Republica» de 25 de Outubro ulmo, na secção de «Perguntas do Espectador», refere-se ao caso do capitão Jorge Faro Valadas. Cita-se nessa local o apêndice á Ordem do Exército N.º 8—2.ª Série—de 1949, do qual constam, além dos elementos que ali se foram buscar para fazer algumas afirmações, também as respostas a quase todas elas.

Mas, porque não será fácil aos leitores do mesmo jornal consultarem o referido Apêndice, a seguir se responde ás afirmações feitas:

1.º—*Recusou-se este oficial a ser cumplice da série escandalosa de crimes, roubos e atropelos que foram cometidos nos Comandos Militares da Terceira e dos Açores em 1944 e 1945, sobre a responsabilidade e proveito do senhor F. P. e dos seus cumplices (V. o apêndice á O. E. n.º 8—2.ª Série—de 1949, pág. 436). A relação dos crimes e criminosos está presente nos tribunais competentes: nunca o capitão Faro Valadas foi julgado como difamador.*

Do despacho do ministro da Guerra, de 4 de Outubro de 1948, dado sobre o processo de inquérito realizado pelo general Santos Correia, consta:

«Analizando maduramente os factos e infracções cometidas pelo capitão Valadas, notam-se neles seguros indícios de procedimento escandaloso, com inobservancia dos preceitos da moral e da honra que impõem aos militares sensatez nas atitudes, prudência nos juizos, sentimento de respeito pelos seus superiores, não os denegrindo sem fundamento averiguado, nem tentando apoucá-los ou diminui-los no respeito e na consideração publica. Os actos praticados pelo capitão Valadas, que parece continuar no uso de todas as suas faculdades mentais, afectam a sua respeitabilidade como oficial e tornam-no por ventura incompatível com o exercício das suas funções. Determino assim que, nos termos das alíneas a) e e) do N.º 2.º do Art.º 168.º do Regulamento de Disciplina Militar, seja o mesmo oficial julgado em Conselho Superior de Disciplina do Exército».

Este Conselho Superior, constituído pelo general José Victor Franco, presidente, e pelos generais Gaudêncio Trindade (relator), Joaquim Maria Neto, Manuel Ferreira da Silva Couto Junior e Miguel Pereira Coutinho, reuniu-se em 12 de Agosto de 1949, na Sala das Sessões do mesmo Conselho, para completar o julgamento, e «decidiu, por unanimidade de votos e em harmonia com as respostas dadas aos quesitos apresentados pelo relator, que o referido oficial não possui a capacidade moral necessária para o prestígio da sua função oficial e decoro da sua farda, e assim é de parecer que lhe deve ser aplicado o disposto no Art.º 178.º do Regulamento de Disciplina Militar».

Dos quesitos e respostas formuladas para o julgamento consta:

Quesito 5.º:

«Está provado que o dito oficial fez acusações contra o comandante militar da Terceira de se servir de gasolina criminosamente desviada do seu legal destino, cuja existência se não manifestava para fins mais do que censuráveis, com escandalo publico, acusações estas não provadas, revelando o acusador falta de ponderação por as não ter estudado previamente, além de serem feitas em termos imoderados e ofensivos para a dignidade de superiores?»—Sim (por unanimidade).

Quesito 6.º:

«Estando provado o quesito 5.º verifica-se que o acusado procedeu:

a)—Com escandalo?»—Sim (por unanimidade).

b)—Com inobservancia dos preceitos da moral?»—Sim (por unanimidade).

c)—Com inobservancia dos preceitos da honra?»—Sim (por unanimidade).

d)—De modo a tornar-se incompatível com o desempenho das suas funções?»—Sim (por unanimidade).

e)—De modo a tornar-se incompatível com o decoro militar?»—Sim (por unanimidade).

f)—De modo a afectar a sua respeitabilidade?»—Sim (por unanimidade).

.....

Quesito 11.º:

«Verifica-se que o mesmo oficial, sem fundamento sério e com espírito de revindita, que ultrapassa os limites de uma bem formada consciência, ataca tudo e todos, lançando sobre as pessoas que julga em oposição á sua actividade as mais graves suspeições?»—Sim (por unanimidade).

2.ª—*Foi condenado, isso sim, por deserção inventada, depois de ter feito sucessivas apresentações (nos termos do Art.º 169.º do Código de Justiça Militar) ás autoridades. Toda a gente sabe que está inocente, mas mantém-se esta monstruosidade que afronta o Exército e desonra a governação.*

O 1.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa que condenou, por unanimidade, o capitão Valadas na pena de cinco anos de presídio militar ou na alternativa em seis anos e duzentos e quarenta e três dias de prisão militar, era constituído pelo coronel Augusto Bernardo Freitas Junior, juiz auditor Acácio Amorim Girão e tenente-coronel Bento de Jesus Seguro Ferreira.

Da sentença proferida em 9 de Junho de 1949, constam as seguintes passagens:

.....

a)—«Tendo-lhe sido conferida guia de marcha pela 1.ª Repartição da Direcção da Arma de Artilharia, por ordem do ex.mo director, e a solicitação do Conselho Superior de Disciplina do Exército, para se apresentar no referido Conselho no dia 24 de Janeiro ultimo, a fim de ser intimado do dia do seu julgamento, tendo-lhe sido entregue essa guia pelas 14 horas do dia 22 daquele mês, sem motivo justificado deixou de cumprir a ordem que legitimamente lhe foi dada, factos que constituem crime previsto e punivel no Art.º 91.º, n.º 4.º do Código de Justiça Militar»;

b)—«Encontrando-se apresentado na dita 1.ª Repartição da Direcção da Arma de Artilharia, desta cidade, onde devia comparecer todos os dias uteis entre as 14 e 30 e as 15 h., conforme se verifica do documento de fl. 4, de que tomou o devido conhecimento, deixou de fazer tal comparencia no dia 24 de Fevereiro ultimo, conservando-se seguidamente em ausencia ilegitima até ás 17 horas do dia 12 de Março, também do corrente ano, em que se apresentou voluntariamente no Quartel General do Governo Militar de Lisboa, factos estes que constituem crime previsto e punível pelo Art.º 163.º, n.º 1.º, referido ao Art.º 173.º, n.º 3.º, e seu § unico, do Código de Justiça Militar».

... ...

Quanto á matéria da alínea a):

«que o réu, sem motivo justificado, deixou de cumprir a referida ordem, alegando os motivos e razões que constam das suas sucessivas declarações e da contestação, invocados com o propósito (outro não se compreende) de embaraçar e confundir, que não podem ser julgados procedentes e que, salvo o devido respeito, até depõem contra aquela inteligencia e espírito de disciplina que se lhe tem atribuido.

... ...

Quanto á matéria da alínea b):

«que o réu deixou de cumprir a dita ordem, a pretexto também de que ela não era legítima, e invoca que interrompeu o período de ausencia ilegítima por, em 28 do mês de Fevereiro, ter estado no Governo Militar de Lisboa em comunicação com oficiais do respectivo Quartel General; mas o réu quando esteve nesse dia 28 naquele Quartel General não disse que ia fazer a sua apresentação, tendo sim estado a escrever num papel, que tanto pode ser o que está junto nos autos como qualquer outro, não havendo manifestado o propósito de interromper a sua ausencia ilegítima do lugar onde devia comparecer, caso em que se teriam seguido os termos que se seguiram quando ele de verdade ali se foi apresentar no dia 12 de Março próximo passado, pelo que se julgam assim verificados também os legais requisitos do crime de deserção».

Esta sentença foi ulteriormente confirmada pelo Supremo Tribunal Militar constituido pelo contra-almirante Alvaro de Almeida Marta, generais Fernando Falcão Pacheco Mena e Luis António Carvalho Viegas, sendo adjunto do relator o dr. Gilberto Beça Aragão; o mesmo Tribunal decidiu, em conferencia de 22 de Julho de 1949, que o capitão Valadas cumprisse a pena de prisão militar.

3.ª—*Ignora o orador que em consequencia daquelas garantias de respeito pela moral e pela lei que, segundo o orador, são apanágio do partido unico, foi dissolvido o honrado primeiro Tribunal Militar de Lisboa que se opôs ás ilegalidades e mentiras do processo?*

Não houve qualquer dissolução em 1949, do I Tribunal Militar Territorial de Lisboa, que julgou o capitão Valadas em Junho do mesmo ano como pode verificar-se nas Ordens do Exército. Houve, sim alteração, dentro das normas legais e correntes, da constituição do Segundo Tribunal Militar Territorial de Lisboa, no final do primeiro quadrimestre de 1949, aliás por motivos que em nada respeitavam ao referido oficial.

Para encerrar estas respostas ás afirmações feitas no jornal «Republica» transcreve-se ainda a seguinte passagem da sentença do tribunal que condenou o capitão Valadas:

«E só por espírito de rebeldia—tão grave quão deselegante num oficial—se compreende que o acusado tenha assumido as atitudes escandalosas que tem manifestado e que impróprio seria não reprimir aqui exemplarmente, a bem da ordem e da disciplina militar. Mal iria á Nação, ao Exército e a todos nós se ordens tão legítimas e tão fáceis de cumprir como aquelas de que se trata pudessem ser impunemente murmuradas e desobedecidas».

AS JOIAS
Como se compram, também se vendem quando é preciso ou nos desgostamos delas. Se o pretender fazer ninguém lhe paga melhor do que a
Grande Ourivesaria da Moda
RUA DA PRATA 257

Concurso para 16 lugares
de médicos estagiários do Instituto Maternal

Pelo prazo de 30 dias, está aberto concurso de provas publicas para o provimento de 16 vagas de médicos estagiários do Instituto Maternal (6 na delegação de Coimbra, 6 na do Porto e 4 em Lisboa). Os documentos a entregar na secretaria do Instituto, na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, onde se darão todos os esclarecimentos, são os constantes do artigo 39.º do Regulamento Provisório para a Admissão do Pessoal Técnico, sendo aplicáveis aos candidatos as disposições dos artigos 44.º, 45.º e 46.º daquele diploma.

As obras de prolongamento
da Rua Carvalho Araujo

Nos Paços do Concelho serão esta tarde abertas as propostas para a empreitada do prolongamento da Rua Carvalho Araujo. A base de licitação é de 90.000$00.

Carreiras de camionagem

CACILHAS, 3—Pedem-nos que lembremos a quem de direito a conveniência de as camionetas que fazem as carreiras de Cacilhas para Almada contornarem o edificio do mercado daquela vila, a fim de facilitar o transito naquele local.

VIDA MUSICAL

Concerto Sinfónico no S. Carlos

Com o encurtar dos dias, um pouco de frio, um bocado de chuva, já tardava o recomeço dos concertos sinfónicos, que se efectuou de facto com um programa pela Orquestra Filarmónica de Lisboa, sob a direcção do seu fundador dr. Ivo Cruz.

A bilheteira pôde afixar o letreiro «Esgotada a lotação», o que se deve—julgamos nós—em parte á intensa propaganda do organismo em questão, em parte á referida sequiosidade de musica sinfónica, e ainda á apresentação do oboista Santos Pinto, de regresso do estrangeiro, onde se foi aperfeiçoar como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura. E foi esta apresentação, quanto a nós, a justificação do programa. A escolha do distinto oboista, já muito estimado como membro do Quinteto Nacional de Sôpro, recaiu sobre o Concerto para oboé e orquestra, em dó maior, de Mozart, concerto já conhecido numa versão no tom de ré, para flauta e orquestra, com ligeiras e justificadas modificações. José dos Santos Pinto houve-se com muita seriedade, um pouco prejudicado pelas condições atmosféricas e por um natural nervosismo, pois é o próprio concertista que abre agora o necessário precedente. O som é especialmente bonito, bem tratado, e muito correcto o discurso musical. O mais que se poderia fazer como interpretação dependia da direcção e da orquestra, infelizmente anuladas por frouxidão, falta de afinação e escassa musicalidade. Esta ausência de sentido das responsabilidades só seria aceitável tratando-se de uma inofensiva reunião de amadores, ou então se estivéssemos num cantinho perdido da provincia, longe dos centros onde há os necessários elementos de cultura e esclarecimento. E' tecla que temos pisado e repisamos agora numa crescente perplexidade.

A Sinfonia Incompleta de Schubert não foi muito mais feliz do que o Concerto de Mozart. O Preludio em dó menor, de Rachmaninof, numa boa orquestração de sir Henry Wood, e «A grande Pascoa russa», de Rimsky-Korsakof, apesar da exagerada pompa com que as afectou a direcção e da falta de registos graves que se nota na orquestra, deram mais gosto ao publico. Duas já ouvidas «Dolorosas» de Oscar da Silva representaram a contribuição portuguesa e foram discreta mas afectuosamente executadas.

O aspecto gráfico do programa, como sempre, é excelente, e o recheio mais satisfatório do que precedentemente.

FRANCINE BENOIT

CONTRA O ANALFABETISMO
Vitória Clube de Lisboa

Na sede do Vitória Clube de Lisboa, iniciaram-se, ontem quatro cursos nocturnos, integrados na Campanha contra o Analfabetismo e que vão funcionar com 129 alunos, 46 dos quais do sexo feminino. Este clube, que no populoso Bairro da Picheleira exerce a sua actividade na educação, desporto e recreio, facultou aos seus moradores a inscrição livre, não tendo em conta se eram ou não sócios.

Com as trinta e duas meninas e sessenta e quatro rapazes dos cursos diurnos, perfazem duzentas e vinte e cinco pessoas que recebem instrução.

PUBLICAÇÕES
«Revista Militar»

Está publicado o fasciculo n.º 10 da «Revista Militar», referente ao mês de Outubro, e que, entre outros artgos, insere trabalhos sobre o «General Alfredo M. Gruenther», «Algumas impressões sobre um estágio na Big Red One», pelo capitão Ribeiro Ramos; «O 1.º Centenário do Jornal do Comércio»; «Notas referentes aos exercicios no C. I. M., em Santa Margarida»; «A África e a estratégia francesa»; página gráfica de actualidades militares; crónica militar, naval e de aeronáutica; bibliografia e boletim bibliográfico.

Companhia Colonial de Navegação

LINHA DE AFRICA

Paquete **PATRIA**

A sair em 10 de Novembro, com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito. Moçamedes, Cap Town, Lourenço Marques, Beira** e **Moçambique**

RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORIFICO

N/M **«LUANDA»**

A sair em 20 de Novembro, com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé, Santo António do Zaire, Ambriz, Luanda, Lobito** e **Moçamedes**

RECEBE CARGA GERAL E DE FRIGORIFICO

«N/M **BENGUELA**»

A sair em 11 de Dezembro, com escala por **Leixões**, para: **Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Nacala**

RECEBE CARGA GERAL

Paquete **«IMPÉRIO»**

A sair em 15 de Dezembro, com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cap-Towne, Lourenço Marques, Beira** e **Moçambique**

RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORIFICO

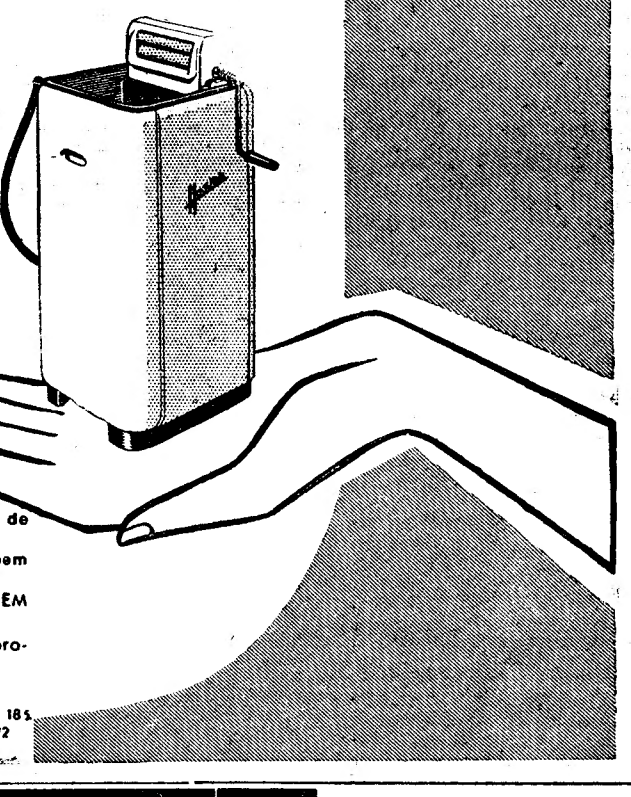
Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telefone 23342

HOOVER

A HOOVER poderá vir a ser a sua melhor amiga apenas por 175$00 mensais.

Tão rápida,... tão suave,... tão eficaz,.. não cança não estraga a roupa e é mais económica.



Em 4 minutos lava cerca de 2 kg. de roupa.
Por $50 de energia 30 kg. de roupa bem lavada
Não danifica a roupa porque NÃO TEM PÁS.
Peça uma demonstração sem compromisso a

LEACOCK (LISBOA), L.DA

Av. 24 de Julho, 16 — Telef. 6 1127/8 — LISBOA
R. José Falcão, 185 — Telef. 29561/2 — PORTO

IMPERIAL Portátil

COMPANHEIRA INSEPARÁVEL
A MAIS RESISTENTE DO MUNDO
UM PRODUTO DA
Imperial TYPEWRITER C.º, L.DA
O ORGULHO DA INDÚSTRIA BRITÂNICA

AGENTES EM LISBOA E SUL:
"SAPEL" Sociedade de Acessórios para Escritório, L.DA
Rua da Madalena, 48, 2.º Telefone 21136 LISBOA

Figueira de Castelo Rodrigo, Escalhão e Mata de Lobos

Todas as estações de caminho de ferro vendem bilhetes e despacham bagagens e mercadorias para a vila de Figueira de Castelo Rodrigo e para as localidades de Escalhão e Mata de Lobos.

No Despacho Central instalado na vila de Figueira de Castelo Rodrigo aceitam-se a despacho mercadorias para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada e vendem-se bilhetes e despacham-se bagagens para várias estações de caminho de ferro.

EVITE A GRIPE!!! HIP LIQUIDO usando

Depositários:
Pestana & Fernandes, Lda.
R. dos Sapateiros, 39 — LISBOA

Viaje com comodidade

Aproveitando a redução que a C.P acaba de fazer no preço das passagens em 1.ª classe de todas as suas tarifas especiais.

Não receie a viagem

Mande reservar imediatamente um lugar no «Foguete» que circula entre Lisboa e Porto e tem ar condicionado.

Comodidade — Segurança e Velocidade.

SEMANA DA FERRAMENTA

PREÇOS SENSACIONAIS!

Alicates, almotolias, berbequins, brocas, buris, corta-tubos, escalas, fitas-métricas, martelos, machos, mandris, niveis, punções, rebolos, serrotes, tarrachas, tornos de bancada e outras coisas mais,

A PREÇOS COLOSSAIS!

Chaves de boca, chaves de luneta, chaves de caixa, chaves de tubo, chaves de fenda, etc., etc.

A PREÇOS EXCEPCIONAIS!

Equipamentos para Garagens e Estações de Serviços. Elevadores, máquinas de lavar e baterias de lubrificação. Máquinas e Motores.

PREÇOS ESPECIAIS

P. G. L. AV. DA LIBERDADE, 28

PARA RAPIDEZ E CERTEZA NOS CÁLCULOS

Hamann Automat

UMA CALCULADORA ELECTRICA TOTALMENTE AUTOMÁTICA PARA AS 4 OPERAÇÕES, FUNCIONANDO COM TODAS AS CORRENTES

DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO
AGENTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES:
DACTILO, LDA. R. DO ARSENAL-70-TELEF.-29838-LISBOA
DISTRIBUIDORES NO NORTE:
A. LENCASTRE & SOUZA, LDA. R. ST.º ANTÓNIO-216-PORTO

Leiam o "SEMPRE FIXE"

As declarações políticas do dr. Albino dos Reis

(Continuação da 1.ª página)

numa violência de paixões que prejudicam algum efeito util que se podia esperar dela.

—Acha, então, V. Ex.ª inteiramente improcedentes todas as criticas á obra da Situação?

—Não; não é isso. A Situação tem, naturalmente, os seus pontos fracos ou discutiveis. É que na algazarra da batalha foi-se até á negação das coisas mais evidentes, e eu começo a duvidar do próprio principio de contradição, do ser e do não ser. Assim, começo a recear chegar á convição de que o movimento militar de 28 de Maio não foi feito para acabar com «o que estava», porque não era bom, mas antes para ressaltar as maravilhas e as excelências «do que estava», que era óptimo, mas mal agradecido do País: a maravilhosa administração financeira, a perfeita organização da Assistência, a sábia organização do ensino em todos os seus graus, a excelente rede das nossas estradas, o esplendoroso estado da nossa frota mercante, aquela edénica tranquilidade e superior dignidade da nossa vida publica, as invioladas garantias de liberdade e segurança individuais! etc., etc., etc. Aquele movimento não teria sido determinado pelas lastimáveis circunstancias da politica e do País, mas por um gesto infeliz de mau humor ou mero desporto das forças armadas da Nação que, afinal de contas, pôs termo a um periodo de glória e de esplendor de Portugal, de felicidade colectiva e individual, espécie de «ciclo de ouro» intercalado na nossa modesta e atormentada vida publica!...

—Quer V. Ex.ª dizer que a «negação» dos factos tem sido sistemática, absoluta?

—Não, senhor; ás vezes reconhecem-se os factos, mas anula-se-lhes o alcance politico; assim há estradas, mas é para estrangeiros passearem, e há muitas obras, mas ou são de espavento ou são feitas com o dinheiro do povo! pudera... É esse o tom geral da campanha oposicionista: por um lado, repudiar as responsabilidades do passado; por outro, reabilitá-lo e erguê-lo ás alturas do reinado de Astreia a que se seguiu a terrivel idade de ferro que decorre.

—Mas não admite V. Ex.ª que esta campanha eleitoral venha a ter quaisquer consequências futuras?

—Algumas lições uteis há que extrair do que se está a passar; e, mesmo na hipótese provável da derrota total das oposições, creio que algumas venha a ter.

—Poderá indicá-las?

—Sim, creio que, como resultante final, o regime verá apressada a marcha da sua evolução politica.

—Então não considera V. Ex.ª definitivas as formas actuais em que o regime está moldado?

—Trata-se de um Estado Novo; portanto, em periodo de desenvolvimento; e não ná formas politicas imutáveis. A lei biológica da adaptação dos seres vivos rege inexorávelmente a vida das próprias instituições que, ou se adaptam ao constante «devenir» das sociedades humanas, ou não resistem e morrem.

—Mas, como entrevê V. Ex.ª o sentido daquela evolução?

—O lógico, o natural, é o da institucionalização corporativa da Nação em todas as suas actividades; não para reconstituir fósseis, mas para aproveitar as realidades vivas do Portugal de hoje, dar-lhes uma organica adaptada a essas realidades, e capaz de, no seu todo, exprimir o modo de ser geral da comunidade.

—Nessa concepção não ficará comprometido o futuro da Assembleia Nacional?

—O problema não é precisamente o mesmo. O que pode perguntar-se é se bastaria á organização politica da Nação uma representação corporativa. Não estou seguro disso. Inclino-me a pensar que, pelo menos, o «contrôle politico» da Administração será sempre necessário e não dispensará uma representação de natureza politica. Há-de haver sempre grandes correntes de pensamento e de ideais por sobre os interesses organizados corporativamente.

—Está V. Ex.ª, portanto, com os propugnadores do parlamentarismo?

—O parlamentarismo é já um abuso da instituição e é, assim, evidente que não posso defender esse abuso. A instituição parlamentar, em si, teve uma época brilhante no século passado, o século do liberalismo e do individualismo. Mas a fisionomia do Mundo e dos Estados mudou completamente. A intervenção dos Estados, que o mesmo é que dizer dos governos, em matéria económica, é hoje um facto de ordem geral. O Executivo resolve em matéria económica e financeira, por decreto, quando não por simples despacho, questões da mais alta importancia. São imposições das realidades contemporaneas. O processo parlamentar é longo e complexo actualmente. A instituição, se quiser sobreviver, terá de adaptar a sua aparelhagem, a sua técnica; porventura, limitar a sua competência em matéria legislativa em beneficio das suas atribuições politicas. Mas isto vai já fora dos limites próprios de uma entrevista jornalistica, incompativel com o estudo, a reflexão e o exame da doutrina e dos factos.

—Não faltará quem veja no seu pensamento politico influências do passado...

—Talvez. Eu, infelizmente, não nasci para a vida publica com o advento do 28 de Maio. A minha mocidade politica vai longe. Ainda há dias, me recordava, descaridosamente, e sem me pedir licença, a minha velhice politica o jornal «A Republica» publicando uma carta minha de 1928... dirigida ao meu chefe partidário de então, eng. Cunha Leal... O que se há-de fazer? Quando se tem um longo passado, não se está nunca livre de que se incorpore na nossa frente um pecado velho—*peccatum meum contra me est semper*—(não estranhe; a campanha começou com latim penitencial!). O pior é que não estou muito arrependido da carta e da veemência do estilo, que o não se destinar ela á publicidade e os factos de vexame politico nela referidos explicam se não justificam. Ela traduz a reacção viva ante o acinte politico e pessoal contra mim e contra a U. L. R. a quem o movimento do 28 de Maio devia alguma coisa, acinte concretizado nos factos apontados. Aqueles, porém, cuja correcção imediata na carta se pedia foram atendidos antes da eleição do chefe de Estado, em 25 de Março de 1928.

—Mas a carta está datada de 7 de Março de 29?...

—Assim o vi na «Republica». Mas a verdade é que, depois dos cumprimentos do estilo, ela começa assim: «Vi nos jornais do Porto de hoje que o Governo ia convidar a U. L. R. a votar nas próximas eleições presidenciais». Ora os jornais do Porto que inseriram essa noticia eram os de 7 de Março de 1928—pois a eleição presidencial se ia realizar em 25 de Março desse ano, por virtude do decreto de 25 de Fevereiro anterior. Afigura-se, pois, claro que a data da carta não está certa: talvez, por lapso tipográfico, talvez, por minha própria culpa ao datá-la *(nostra culpa, nostra culpa!)*, culpa aliás leve, porque o erro tem minima importancia, embora seja bom, uma vez que a epistola mereceu as honras da publicidade, rectificar o que está errado.

—Não tem importancia?

—Não. A gente, na vida publica habitua-se a «estas amabilidades». Elas acontecem a todos... São ossos do oficio.

Não se tornam necessárias

uma oposição organizada no Parlamento

nem a supressão da censura

— diz-nos o dr. Pires da Costa

O sr. dr. José Mendes Pires da Costa, que desde os seus tempos de estudante tem manifestado o mais vibrante entusiasmo nacionalista, é uma brilhante figura da advocacia, cujo valor se tem evidenciado com a intervenção em alguns dos importantes processos julgados nos ultimos tempos. Revestem-se, pois, de interesse as suas declarações na presente conjuntura politica, sobre a qual começou por nos dizer:

—Se não fosse o significado que os campos oposicionistas quiseram dar a estas eleições, não seriam mais que a efectivação regular de um momento constitucional na vida do País realizado num clima politico tranquilo, dentro do qual os eleitores exerceriam o seu direito de voto sem outra preocupação que não fosse escolher entre listas adversas aquela que contivesse nomes de candidatos que melhor pudesse, com observancia das instituições vigentes, interpretar, sentir e satisfazer as aspirações dos diversos agregados regionais.

E acrescentou:

—Não é, porém, assim, porque os candidatos que se intitulam paladinos de uma oposição apresentam-se ao eleitorado não com o espirito de colaborar com o Governo na solução dos grandes problemas de interesse regional e nacional, mas tão sómente procurando reviver um processo politico já posto á prova e afastado, depois, pela Nação, por ser julgado meio improdutivo e absolutamente ineficaz para satisfazer os interesses colectivos. E o mais curioso é que o afastamento dessas fórmulas politicas, no momento em que o problema atingiu a sua máxima acuidade e o reconhecimento da sua ineficácia, foi preconizado e aceite por alguns daqueles que hoje promovem o seu regresso. Causas do absurdo fenómeno? Talvez saudosismo doentio, talvez saturação de ambiente calmo e tranquilo, talvez temperamento demasiadamente irrequieto.

O dr. Pires da Costa diz-nos ainda:

—Há apenas que verificar o facto e ver, com tristeza, que alguns desses homens podiam pôr ao serviço da comunidade a sua inteligência, o seu saber e o seu espirito de sacrificio, colaborando no engrandecimento do País com o Governo e com o estadista eminente que o chefia, hoje de dimensão universal, e que tudo tem dado á Pátria sem nada lhe pedir.

—As oposições—acrescenta—colocam os problemas destas eleições no campo dos principios politicos que não são vigentes, e isso significa colocar perante o eleitor uma aceitação ou reprovação de candidatos que, se fossem eleitos, consumiriam os seus esforços para obter o triunfo de métodos politicos afastados pela Nação em 1926 e, em consequência, obter a destruição do regime que vigora. E isto se deduz, legitimamente, do que as oposições já disseram e do que por não ousarem ou não puderam dizer nos diversos manifestos dirigidos ao País. Já disseram que queriam uma organica politica com base na existência legal de partidos. Mas não disseram quais os meios a adoptar para impedir o desencadear dos seus perniciosos efeitos tão dolorosamente experimentados em Portugal.

—Pensa que os campos estão muito extremados?

—Sim. Os campos estão extremados. Há que decidir por um ou outro lado, votando no dia 8.

—E quem, no entender de V. Ex.ª, melhor interpreta o interesse nacional?

—O bem comum é melhor interpretado pelos candidatos da União Nacional. Eu lhe digo porquê. Para todos aqueles que, como eu, não estão enfeudados a directrizes de grupo e apenas, na sua faculdade de formar juizos, obedecem á sua consciência, existe um critério que norteia a apreciação da politica dos governantes: esta será boa ou má quando, não desligada da moral que nos rege, satisfizer ou não as necessidades sentidas pela população.

—Entende que tudo está bem e que a Situação completou a sua obra?

—Não. Mas o que entendo é que, o que se fez, mostra a enorme capacidade e a idoneidade para corrigir e aperfeiçoar espontaneamente ou por sugestão alheia, o que estiver mal, iniciar o que ainda se não fez e completar o que já se iniciou sem que, para tanto, haja que mudar as directrizes.

—A conclusão a que chegou não poderá ser abalada pelo que a Oposição tem dito, cognominando «de fachada» as obras já realizadas?

—A conclusão a que cheguei foi o fruto do critério que anteriormente formulei. No desejo de rectificar juizos de valor, tenho lido e meditado os comunicados e demais escritos oriundos das diversas correntes de oposição. Os argumentos usados reduzem-se, uns, a negar a utilidade da obra situacionista, outros, a reduzir o valor da acção governativa e, outros ainda, propõem-se convencer que o País viverá melhor se regressarmos á luta partidária.

—E o problema da censura?

—Pretende-se atacar a Situação apontando a existência de uma Censura como um mal absoluto e a carência, na Assembleia Nacional, de uma oposição organizada, que importa falta de fiscalização dos actos do Governo. Pelo que diz respeito á Censura, reveste o problema da sua existência aspectos muito melindrosos. Se a considerarmos em si mesmo desligada dos casos concretos de aplicação, olhando-a, apenas, como meio de coartar o exercício de uma critica que vise á obtenção de melhores soluções na administração das coisas publicas, não hesito em a classificar como um mal. Se o seu uso se confinar a impedir a apologia dos baixos instintos, do ódio e da calunia, será um bem e até uma necessidade.

E acrescenta:

—Há, não obstante, quem defenda a sua eliminação pura e simples, advogando, em sua substituição, para os casos apontados, uma legislação fortemente repressiva. Entendo, porém, por mais fortes e pesadas que sejam as penalidades, que de nenhum modo se evitará o mal produzido e a dor sentida pela actuação da mentira e da calunia na honra de quem quer que seja. Por isso aceito, consequentemente, que a Censura, confinada aos limites apontados, é uma medida preventiva inteiramente justificada que não pode ser apontada como um mal da Situação.

A terminar:

—Uma oposição organizada no seio da Assembleia Nacional não me parece constituir fiscalização superior á que podem exercer os deputados livres e independentes que a outra coisa não obedecem senão á lei e á sua própria consciência. A lei portuguesa pressupõe para os deputados á Assembleia Nacional determinadas modalidades de conduta nem qualquer condicionalismo. Por isso mesmo são livres na sua faculdade de crítica aos actos do Governo e livres e independentes também para discutir e votar as leis. Não se vê, pois, porque há-de haver uma oposição organizada como meio de fiscalização. Enfim, como disse o dr. Fernando Castelo Branco, na sua notável entrevista concedida ao «Diário de Lisboa»: «será crivel que, da Oposição, os de boa fé, um dia, mais tarde, convencidos pela evidência, esquecendo agravos e erros que, no conjunto da actividade de um Governo têm de ser perdoados e compreendidos, dêem o concurso da sua inteligência e da sua honestidade ao Estado actual».

O CASO DO INQUÉRITO

ao recenseamento de Vila Real

Recebemos hoje o seguinte comunicado da Comissão Promotora do Voto:

«Em relação á nota da Direcção-Geral da Administração Politica e Civil, que dá a entender não ter esta Comissão enviado a documentação prometida para Vila Real, ao sindicante encarregado de averiguar acerca da não inscrição de determinado eleitor, declara-se que: Em 22 de Outubro, por correspondência registada (registo n.º 8.901), foram enviados com aquele destino os documentos seguintes: fotocópias das certidões de não inscrição de Manuel Lima, Mário Julio Durão, Julio Pereira Galvão, Sebastião Nobrega Pinto Pizarro, Henrique Ferreira Botelho e José António Lima; cópia da sentença proferida na Auditoria Administrativa do Porto sobre o recurso eleitoral n.º 1.050, que manda inscrever no recenseamento mais de 50 recorrentes, entre os quais os 4 ultimos citados, por terem indevidamente sido indeferidos os seus requerimentos de inscrição».

A campanha contra o analfabetismo

(Continuação da 7.ª página)

mular, por todo o País, o interesse pelas obras monumentais e históricas que nele abundam. Para que essas visitas e esse interesse atinjam a sua finalidade, é necessário proporcionar itinerários escolhidos com critério propedêutico e cumpridos com o auxilio de comentários especialmente estudados para a iniciação artística e cultural dos adultos que estão a ser leccionados em cursos ou em regime de Campanha.

Ainda dentro do mesmo objectivo de educação artística e histórica, continuará a Campanha a promover exposições itinerantes como a que acompanhou a 1.ª Missão Cultural, para fazer chegar ás populações, que tenham maior dificuldade em visitarem os museus, reproduções das obras de arte e dos monumentos históricos, coordenadas segundo uma ideia de progressão no conhecimento. E' de esperar que estes dois processos paralelos de divulgação artística e histórica possam fomentar verdadeiro interesse no nosso povo pela Arte e pela História. Algumas exposições ilustrativas da cultura que no ensino elementar se começa a revelar aos alunos adolescentes e adultos, irão a vários cursos para serem vistas pelos alunos e comentadas pelos professores em lições simples e práticas.

* * *

Se não fora a preocupação de não exagerar, para além do razoável, a extensão das minhas palavras, diria ainda alguma coisa sobre outras iniciativas em execução ou em estudo, como a da criação de um serviço destinado a defender, no plano popular e em colaboração com entidades qualificadas, o nosso património linguístico, através de palestras, de programas radiofónicos, de respostas a consultas, de secções próprias no jornal «A Campanha», da revisão de livros utilizados na educação de adultos, e até de convites e sugestões para a correcção de letreiros que possam causar confusão e anular o proveito das lições recebidas pelas crianças ou adultos na escola ou nos cursos.

Falaria na organização dos cursos de preparação de educadores de adultos na grande maioria das escolas do Magistério Primário, não apenas para os seus alunos, mas também para os professores ou particulares que desejem frequentá-los.

Referir-me-ia ao estado dos trabalhos de elaboração de livros adequados ao ensino de adultos e ao sentido de dar aos cursos de Aperfeiçoamento Pedagógico do professorado primário que, este ano, se dedicarão, quase exclusivamente, á discussão dos problemas ligados á educação de base, quer no plano geral da pedagogia, didáctica e psicologia de adultos, quer no plano especial da didáctica da leitura, da escrita, da aritmética, e dos outros conhecimentos previstos nos programas do ensino supletivo aprovados. Daria notícia dos critérios perfilhados na escolha, distribuição e afixação de cerca de noventa mil cartazes e decalcomanias de propaganda da Campanha.

Falaria sobre as directivas transmitidas ás Comissões Regionais, e á maneira como têm trabalhado as Comissões Centrais de Informação e Propaganda, Executiva e de Orientação Pedagógica, e Administrativa, bem como aos estudos estatísticos feitos sobre analfabetismo encarado nos seus aspectos nacionais e locais. Deter-me-ia sobre a forma como têm decorrido as visitas feitas aos diferentes distritos, aos beneficios delas derivados, á compreensão evidenciada pela maioria das entidades administrativas, pelos párocos, e por muitas entidades patronais do comércio, da industria e da agricultura.

Enfim, relataria as mil e uma dificuldades que houve a ultrapassar para, em poucos meses, se ter lançado, em plano nacional, o mais forte e estruturado movimento de combate ao analfabetismo e de educação popular até então concebido em Portugal.

Mas o tempo não permite mais considerações. Que, de resto, as já produzidas bastam para, como era nosso indiclinável dever, dar conta ao País do que se fez, do que se tenciona fazer, e, sobretudo, dos propósitos que animaram e animam o Governo ao conceber e realizar uma obra de educação que, por ser de cultura e do espírito, não pode perder-se na efemeridade do tempo, antes há-de conter os sinais das coisas que frutificam e perduram».

Concluída a exposição do sr. dr. Veiga de Macedo, o presidente do Grémio Nacional da Imprensa Diária agradeceu as referências elogiosas feitas á Imprensa, afirmando que não devia causar admiração ter esta cumprido o seu dever quanto ao Plano de Educação Popular, visto que ela é por natureza o órgão sensitivo de todos os acontecimentos nacionais e internacionais. Acrescentou que a Imprensa tinha também verificado que surgira o homem capaz de resolver o problema do analfabetismo entre nós e prosseguir a cruzada nacional a que o Governo lançou e chegará a bom fim.

A conferência de Imprensa prossegue amanhã, á mesma hora, sobre o problema da educação das crianças em idade escolar.

As palestras de propaganda

no Rádio Clube

Hoje, ás 21 horas, fala, ao microfone de Rádio Clube Português, o candidato oposicionista por Aveiro sr. dr. Virgílio Pereira da Silva.

MERCEDES-BENZ

Novo modelo DIESEL

170 SD

Aproveitando a experiência
obtida nos modelos **170** DA e DS
a fábrica **MERCEDES-BENZ**
apresenta agora
o seu único modelo DIESEL

MAIS PERFEITO
AINDA MAIS ROBUSTO
MAIS BARATO

REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
29 - AVENIDA DA LIBERDADE - 41
LISBOA

DISTR. E TP

Sociedade Geral

O n/m «ANA MAFALDA»

para: **Bissau, Praia** e **S. Vicente**
(Via Leixões)

Carrega na Doca de Alcantara nos dias 5, 6 e 7 para sair a 10 do corrente

Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Chamamos a atenção dos senhores passageiros para a disposição em vigor acerca do transporte de bagagens

ANGOLA/NORTE EUROPA (Carreira Regular)

O n/m **«ANTONIO CARLOS»** carrega nos portos de Angola, e S. Tomé se convier, para os portos do Norte da Europa na 2.ª quinzena de Novembro.

Tratar em:
LISBOA, Rua do Comércio, 39 Tel. 30551
PORTO, Rua Sá da Bandeira, 82 Tel. 27363

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA DA AMERICA CENTRAL
PAQUETE
"Serpa Pinto"

COM ESCALA POR: **LEIXÕES, VIGO** e **FUNCHAL**

RECEBE PASSAGEIROS E CARGA PARA:

HAVANA, CURAÇAO e LA GUAIRA

e com baldeação para outros portos da América Central

A SAIR DE LISBOA EM 13 DE NOVEMBRO

LISBOA — R. DE S. JULIÃO, 63
Telefones n.os 30131 a 30138
PORTO — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 23342

UMA DELICADA NOVIDADE

Elegante e prática — um adôrno para o vosso lar — e com um magnífico estôjo de pele para viagem!

Esta «pendulette» possui a famosa máquina de precisão CYMA, permitindo que o toque agradavel da sua campainha se faça ouvir exactamente no minuto desejado.

E uma única chave dando corda simultaneamente ao movimento e ao alarme — uma patente CYMA — É mais simples, é mais seguro!

O MAIS LINDO DESPERTADOR DO MUNDO

CYMA AMIC

Feira de S. Martinho

GOLEGÃ
em Auto-Carro **Capristanos**
Inscrições
Agência de Viagens ZEPA, LDA.
RUA CAPELO, 22
Tel. 31255

PELES

DAVID KIT

O maior e mais fino sortido para o ano de 1954, principalmente em visons e astrakans
Grande desconto para revenda
AVENIDA SIDONIO PAIS, 24
Telefone 48089

Rêdução nos preços da taxa de velocidade nas linhas da C. P.

A partir de 15 de Outubro os Srs. Passageiros utentes de bilhetes de assinatura ou de livretes quilométricos passam a ter nas linhas da C. P. uma grande facilidade, visto poderem adquirir, para seu uso, cadernetas de 100 senhas de taxa de velocidade, de 50 quilómetros cada senha, cujos preços representam a apreciável redução de 20 % sobre os preços tarifários da taxa de velocidade.

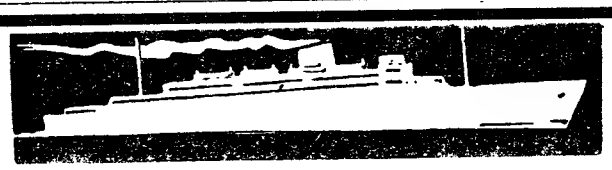
Aos doentes de estomago

e aos com reumatismo, pedimos o favor de enviarem o seu nome e morada para Laboratório Gastromil. — VISEU.

Horário dos comboios

LINHA DO NORTE
COMBOIOS «FOGUETE»

Previne-se o Publico de que, até 31 de Dezembro do corrente ano, continuam a efectuar-se os comboios «FOGUETE» n.os 2 e 5, com partidas das estações de Porto-S. Bento e Lisboa-Santa Apolónia ás 9-15 e 19-25, respectivamente, e as suas ligações de e para Coimbra.



LISBOA-CANADÁ-NEW YORK

SERVIÇO EXPRESSO DE PASSAGEIROS
PRÓXIMA PARTIDA:
"NEA HELLAS" — 23 de Novembro
17.000 TONS.

GREEK LINE

Agente. Gerais:
Carlos Gomes & C.ª, L.da
15, Rua dos Fanqueiros
Telefs. 21143-21789

Agentes no Porto:
Ag. Mar. Lusitano - Americana
108, Rua Nova Alfandega
Telef. 22981

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
Rua do Carmo, 98-2.º

Medicina, coração e pulmões — Dr. Amaro d'Oliveira, 18 horas.
Cirurgia geral e operações — Dr. Amaro d'Almeida, 18 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel de Magalhães, 13 horas
Pele e sifilis — Dr. Norton Brandão, ás 2.as 4.as e 6.as, ás 16 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loft, 15 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos. 14 horas.
Estômago, figado, intestinos e doenças anorretais—Dr. Fernando Vasconcelos Dias, todos os dias ás 15 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Afonso Simão, 15 e 30 horas.
Doenças das senhoras, operações — Dr. C. Afonso, 15 horas.
Doenças das crianças — Dr. Gonçalves Coelho, 17 horas.
Boca, dentes, prótese — Dr. Pinto Bastos, 10 horas.
Raios X — Dr. Aleu Saldanha, 16 horas.
Fisioterapia — Dr. Mário Jacquet, 16 horas.

PACKARD 300

De 1951, todas as garantias de novo.
Facilita troca e pagamento.
Casa Brás—Alcobaça.

DEFENDA

a sua garganta com os caramelos Seivomel.
São deliciosos e protegem a saude.

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

«HUBERT E MINNIE»

CONDENSAÇÃO

do conto de

Aldous Huxley

PARA Hubert Lapell, a sua primeira aventura de amor era uma coisa extremamente importante. Sentia bem que aquilo marcava uma verdadeira reviravolta na sua evolução espiritual. Voltaire, escrevera ele no «diário»—Voltaire disse que nascemos duas vezes, sendo a segunda no momento em que nos apaixonamos pela primeira vez. Então, nascemos num novo mundo, um mundo de mais fortes sentimentos, mais altos valores e mais penetrante conhecimento».

No que dizia respeito ao caso presente, Hubert achara este novo mundo um poucó decepcionante. Era certo que, no seu «diário» e nas cartas para Minnie, pintava uma série de brilhantes e romanticas paisagens do novo mundo. Mas tratava-se de paisagens imaginárias, mais ricas, mais silvestres, mais pitorescamente claro-escuras do que a realidade. Havia ocasiões—geralmente a altas horas da noite—em que tentava persuadir-se de que era, realmente, o mais desesperado, o mais desditoso e o mais apaixonado dos amantes. Mas, mal rompia o dia, voltava ás suas ocupações, guardando como que um agravo contra o amor.

Para Minnie, todavia, o amor nada tinha de falso. Pelo menos, adorava-o desde o primeiro instante. Um amigo comum havia-o levado a uma das suas reuniões de quarta-feira. «Aqui tem Mr. Lapell; é ainda muito novo para que não possamos tratá-lo por Hubert».

Eis como ele tinha sido apresentado. E, rindo-se, ela pegara-lhe na mão e logo o tratara por Hubert. Ele também se rira, um tanto nervosamente.

—Chamo-me Minnie—disse ela.

Mas naquela tarde, Hubert fora timido demais para a tratar fosse como fosse. Os seus timidos olhos cinzentos só fitavam as pessoas por instantes, desviando-se logo como que receosos. Tinha uma ruga pensativa entre os olhos e a boca, tinha uma expressão de amuo, como se exprimisse um crónico descontentamento do Mundo.

—Mas, em conclusão, dissera ele, com toda a sinceridade—todo o homem tem o mundo dos seus pensamentos para viver. Seja como for, a verdade é que isto é simples, claro e belo. Há sempre maneira de vivermos afastados do brutal dia a dia.

Ela tinha-o amado á primeira vista. Agora, que olhava esse tempo passado, podia dizer que fora á primeira vista. Adorava-o protectoramente, maternalmente—pois ele tinha apenas vinte anos e parecia ainda mais novo, apesar da ruga entre as sobrancelhas, das suas frases muito solenes e da sua ciencia de estudante. Tinha apenas vinte anos e ela já andava pelos vinte e nove. Mas apaixonara-se também pelo seu todo físico.

Hubert, ao percebê-lo, sentiu-se surpreendido e altamente lisonjeado. Eis o que nunca tinha acontecido. Desde que Minnie se enamorara tão apaixonadamente, parecia-lhe natural enamorar-se de Minnie. Achara-a de facto, muito bonita a primeira vez que a vira, mas não particularmente perturbante. Depois, o manifesto sentimento de adoração que ela lhe tributara, levou-o a achá-la mais interessante e, por fim, a enamorar-se também. Mas, no entanto, nos seus momentos íntimos, ao pressentir que havia na sua paixão qualquer coisa que não estava certa, considerava que o amor sem a sua posse nunca poderia constituir um objectivo verdadeiro. Dera-o a entender a Minnie, quando voltaram a encontrar-se. A conversa que se seguiu, toda ela cheia de filosofia e de confidencias pessoais, foi deliciosa.

Na manhã seguinte, Minnie telefonara á sua amiga Helen Glamber perguntando-lhe se podia ir tomar chá com ela nessa mesma tarde. Tinha algumas coisas a contar-lhe.

Mrs. Glamber suspirou, ao poisar o auscultador.

—A Minnie vem tomar chá connosco!—dissera ela, voltando-se para o marido.

—Valha-nos Deus!—exclamou ele, num tom de vago horror, com uma resignação distraida.

Helen pôs o livro de lado e, começando a polir as unhas, pensava na pobre Minnie. Porque seria que sinceramente, ambos haviam suspirado. «Valha-nos Deus!», quando ela anunciara que iria tomar chá

A pobre Minnie não tinha sequer o encanto dum saguim doente. Era um pedaço de rapariga saudável, de menos de trinta anos, bem digna de estar casada e de ser mãe de filhos. E não estava casada nem tinha filhos. Nenhum dos homens que ela conhecera quisera casar com ela. E que admirava, se quando ela entrava numa sala a luz parecia tornar-se mais escura? Não trazia vida consigo, absorvia a que estava presente, era como se fosse feita de mata-borrão.

—Jonh!—chamou Mrs. Glamber, subitamente. —E' verdade que aquilo se dá com os furões?

—Com os furões?—repetiu a voz ao fundo do corredor, com uma remota irritação. Que é isso da verdade dos furões?

—Que as femeas morrem, se não forem acasaladas.

Minnie veio para o chá. Começou por apresentar o caso hipotéticamente e depois, ganhando coragem, apresentou-o como um caso pessoal. Lá das profundezas da sua inocencia imperturbávelmente pagã, Helen aconselhou-a, brutalmente.

—Se o que tu queres é ser amante dele—disse —anda para diante. Isso não tem grande importancia. Apenas permite confidencias mais íntimas, fortalece afeições, torna o homem de certo modo mais independente de nós.

Naquela mesma tarde, quando o marido voltou para casa, Mrs. Glamber perguntou-lhe:

—Meu amor, quem foi que inventou a religião e o pecado e todas essas histórias? E por quê?

Jonh riu-se.

—Foi Adão—disse ele—por várias e insignificantes razões transcendentes, que tu terias dificuldade em aceitar. Mas, além disso, por uma outra razão naturalissima e prática—meter a Eva na ordem.

Fora Hubert quem propusera encontrarem-se na azenha. Um dos seus amigos estivera ali uma vez numa excursão e achara o sitio confortável, retirado e estupendamente tranquilo. Atrás da azenha, havia um jardinzito fechado nos seus três lados pela casa, os telheiros e uma alta parede de tejolos. O outro lado abria sobre a água. Olhando-a por cima do parapeito, Minnie contemplava-a deslizando. Sentara-se ali e esperava. Chegara cedo, pelo comboio de Londres, depois do almoço. Hubert, que devia vir pelo campo, não podia chegar antes das seis. E a água lá ia correndo, perante os seus olhos, como o próprio tempo, como o destino, suavemente, em busca de qualquer nova e violenta aventura.

«Se o que tu queres é ser amante dele, anda para diante».

Estava a ouvir a clara e rude voz de Helen a dizer-lhe coisas impossiveis, brutais. Naturalmente, havia o amor. Amor, verdadeiro amor que põe ponto final em todas as diferenças. Absolve-as. Amor—e ela amava tanto, tanto!

O tempo ia passando e a luz tornou-se mais rica, quando o Sol baixou do alto dos céus. O dia fazia-se cada vez mais deliciosamente maduro, intumescendo de inefáveis doçuras.

Pôs-se a pensar em Hubert, nó seu Hubert.

Hubert, Hubert... E, subitamente, num estremecimento, viu-o surgir ali ao seu lado.

Hubert pegou-lhe na mão e voltou a soltá-la de novo; olhou para ela um momento e depois afastou-se. Inclinando-se sobre o parapeito, pôs-se a olhar para baixo, para a água corrente. Não havia contentamento no seu rosto.

—Minnie—disse o rapaz subitamente e com uma ruidosa brusquidão.—Comportei-me muito mal consigo. Nunca lhe devia ter pedido que viesse aqui. Foi mal feito. Perdoe-me.

—Mas eu vim porque quis—exclamou Minnie.

Hubert relanceou-lhe um olhar, desviou os olhos e continuou.

—Foi pedir demais. Não devia ter feito o que fiz. Para um homem é diferente. Mas para uma mulher...

—Já lhe disse que vim porque quis.

—Foi demais...

—Ora—disse Minie—bem sabe que o amo. E, inclinando-se para diante, enfiou-lhe os dedos por entre os cabelos.

—Que grande pateta—murmurou ela.—Julgavas que te não amava o suficiente para isto?

Hubert não ergueu os olhos. Sentiu, de repente, um verdadeiro ódio por aquela mulher. Idiota! Porque é que ela não queria perceber? Não a desejava. E por que cargas de água tinha ela sempre imaginado que sim? Porquê? Porquê? Estivera com Phoebe no dia anterior, na crista do monte de greda, lá em baixo. A seus pés, tal qual o mar, estendia-se a planicie e, por cima dos obscuros horizontes, havia nuvens majestosas. Os dedos do vento esgarçavam-lhe as madeixas ruivas. Dir-se-ia que ela estava suspensa, pronta a saltar do eter tempestuoso.

—Como eu gostava de poder voar!—disse ela. —E pusera-se a correr para o fundo da encosta.

Mas Minnie, com aquele seu cabelo sem cor, aquelas bochechas de maçã, aquele seu grande e lento corpo, era tal e qual uma camponesa. Como se poderia ele ter persuadido de que a desejava? E o que tornava as coisas muito mais complicadas era ela adorá-lo embaçadoramente, aborrecidamente, como um cãozinho dedicado que teima em saltar para cima dos joelhos do dono e lhe lambe as mãos, exactamente no momento em que o dono desejaria estar quieto e concentrado.

Hubert furtou-se ás caricias das mãos de Minnie.

—E' um grande sacrificio—disse ele—numa voz que ressoou falsamente aos seus próprios ouvidos.

—Mas, não é um sacrificio—protestou Minnie. —E' uma alegria, uma felicidade. Oh! Não podes compreender!

Hubert não respondeu. Na sua alma havia só duvida e apreensão.

—Que aconteceu?—disse ela por fim.—Porque tens esse ar estranho? Que foi Hubert? Que foi?

Inclinando-se para diante, puxou-o para si. Os olhos dele estavam vazios e opacos da cólera.

—Que foi?—repetiu ela—Hubert, que foi?

Hubert sacudiu-a.

—Não está certo!—disse ele numa voz sufocada.—Não está nada certo. Foi um erro. Perdoe-me.

E, sem esperar que ela dissesse qualquer coisa, sem qualquer outra explicação, virou as costas e partiu, quase a correr, em direcção á casa da azenha.

A porta fechou-se atrás dele. Minnie viu-se outra vez só no jardim. O dia ia amadurecendo, amadurecendo com os ultimos raios de Sol. Metade do recinto já estava na sombra. Mas o resto, na colorida luz da tarde, parecia chegado, finalmente, a absoluta perfeição da maturidade.

UM NOVO MÉTODO

de exploração de petróleo

Os especialistas da Socony-Vacuum descobriram um novo método de extracção de petróleo, a que chamaram «Combustão in-situ». Pelo novo processo, obtêm-se, pelo menos, os petróleos excessivamente viscosos, até hoje considerados inaproveitáveis.

A «Combustão in-situ» levou seis anos a aperfeiçoar, e consiste em tornar mais fluidos os petróleos, por meio de incêndio subterraneo.

Os peritos calculam que, graças a este método, se podem obter, só nos Estados Unidos, apróximadamente quatro biliões de barris, que de outra forma seria impossivel trazer á superficie da terra.

Eça de Queirós e o «Times»

A Agência Efe esclarece que o comentário acerca de Eça de Queirós e o «Times», a que ontem fizemos referência, foi publicado no diario «ABC» e é do seu correspondente em Londres, J. Miquelarena.

FESTAS ASSOCIATIVAS

No próximo sábado, ás 22 horas, a Sociedade Dramática de Carnide promove um serão cultural e artistico, com baile, variedades, canções e fados.

Casa-Museu Abel Salazar

Enviados pelo sr. Alvaro Figueiredo de Almeida, recebemos 50$00, destinados á aquisição da Casa-Museu Abel Salazar.

PARA OS NOSSOS POBRES

Lembrando o saudoso empresário Ricardo Covões, recebemos, para os nossos pobres, 20$00 de C. F. S., que agradecemos em nome dos contemplados.

COBERTORES ELECTRICOS «CHATHAM»

O melhor e mais confortável cobertor eléctrico, fabricado nos E. U. da América. O mais flexivel, o de melhor apresentação. 75% de pura lã, 25% de algodão. 4 cores: azul, verde, grenat e rosa Controle automático, por termostatos, com 9 temperaturas; lampada piloto, etc.

Isentos de qualquer perigo

Aprovados nos E. U. da América pelos «Underwriters Laboratories»

A' venda exclusivamente na

S. P. I. C. — Praça Duque de Saldanha, 31-B — Tels. 46626 e 51722

VIDA MUNDANA

EM VIAGEM

No avião dos T. A. P. partiu para Madrid o sr. Charles Campbell, de Nova York, que veio ao nossa País tratar com as autoridades portuguesas do Ministério do Ultramar de assuntos relacionados com o fornecimento de locomotivas para Portugal.

—No avião dos T. A. P. regressou ontem a Paris o sr. conde de Tovar, representante permanente de Portugal junto do Conselho do Atlantico, com sede na capital francesa.

—No avião dos T. A. P. partiu para o Rio de Janeiro, via Madrid, o prof. dr. Ernesto Leme, reitor da Universidade de S. Paulo que se deslocou a Lisboa a fim de assinar o acordo entre o Instituto de Alta Cultura e aquela Universidade para a criação de um Instituto de Estudos Portugueses naquela cidade brasileira.

VIDA ARTÍSTICA

II Salão de Arte Fotográfica

Por iniciativa do Foto-Clube 6×6, os salões do Palácio Foz, sede do S. N. I., vão apresentar, amanhã, o II Salão de Arte Fotográfica. A cerimónia inaugural está marcada para as 16 horas.

As declarações políticas do dr. Câmara Reys

(Continuação da 1.ª página)

ditatorial, ignorava, por completo, o que são eleições, contrariamente á quase totalidade dos povos civilizados da Europa e da América. E incitava-nos a levar até ao fim uma campanha que, além de política, é essencialmente educativa.

—Pensa que haja alguma probabilidade de que a lista da Oposição saia triunfante?

—Temos todos a certeza de que, apesar da desigualdade de recursos, de ambiente, de possibilidades, entre as quais se destaca o retraimento, aliás compreensível, de muitos democratas pelas consequências de uma atitude publica quanto ao futuro da sua vida familiar, se nos tivesse sido possível, já não digo remodelar o recenseamento, mas, ao menos, conhecê-lo nas suas limitações; se ainda nos for concedida a fiscalização séria das urnas, então, sim, obteremos um grande triunfo nos três distritos onde apresentamos candidaturas.

—Porquê?

—Porque, desde 1945, se verificou a enorme legião de republicanos e democratas em todo o País, desde as célebres 50 mil assinaturas das listas de Lisboa, subscritas no espaço de uma semana, até aos comícios da candidatura do general Norton de Matos e do almirante Quintão Meireles. E' uma onda disciplinada mas avassaladora, que surpreendeu o Governo e, digamos com inteira verdade, os próprios republicanos. Sempre que há uns dias ou umas semanas de liberdade relativa, sente-se o marulhar de uma sincera maré de aspirações e interesses, baseados numa doutrina de Democracia que é, aliás, apanágio de qualquer país em que os direitos do homem estejam assegurados. A inteligentíssima campanha de António Sérgio, a partir de Maio deste ano, na Comissão Promotora do Voto, a que tem presidido, levou o Governo a aceitar, embora constrangidamente, um debate desigual, a que António Sérgio trouxe o prestígio da sua pena, da sua inteligência, da sua cultura e de um apostolado que dura há quase meio século. A consequência lógica dessa campanha de António Sérgio foi criar um mínimo de condições para que o grupo de republicanos, habituados á luta, ao sacrifício da sua comodidade pessoal, apresentassem as suas candidaturas em Lisboa, Porto e Aveiro. Consultado pelos meus correligionários, obedeci disciplinadamente. Por isso fiquei incluído na lista oposicionista de Lisboa.

—Lembrando a sua condição de educador: nos contactos que tem tido como dirigente político, qual a sua impressão sobre as tendências, formação e aptidões das camadas mais recentes?

—Esta pergunta implica a coordenação do problema educativo com o problema político. Ora, o conceito de educação envolve o problema da formação e desenvolvimento da personalidade do educando, aproveitando as actividades espontaneas, sendo o educador um instrumento de verificação do valor do educando e procurando, desde os primeiros anos, prepará-lo para o ambiente social. Numa Democracia, o fundamento essencial da educação e da vida política é a Liberdade. Liberdade, evidentemente, controlada e disciplinada, consciente, enfim. Parte-se do respeito dos direitos da criança e do homem. A vida em comum, nas escolas modernas de tipo inglês e americano, criou para os educandos, desde a infancia e a adolescência, um ambiente que, até certo ponto, reflecte a vida social. Na educação física e na educação intelectual, há normas de respeito pelo espírito e carácter do aluno, impondo-lhe uma solidariedade, uma mutua confiança, uma constante troca de ideias que os professores e os directores dessas escolas seguem com uma paternal benevolência, intervindo nos pequenos conflitos, suscitando iniciativas e guiando, assim, esses futuros homens, para os quadros da vida social em que encontram um ambiente semelhante de solidariedade, liberdade, tolerancia e de civismo consciente.

E acrescenta:

—Numa ditadura, sobretudo numa ditadura que se prolonga demasiadamente e em que os próprios ditadores sentem, por fim, a dificuldade de encontrar uma maneira aceitável de lhe pôr fim, o ambiente social reflecte-se, imediatamente, no ambiente das escolas. Daí, a formação de instituições e grupos, em que a disciplina rígida da vida social se reflecte por sua vez. As formações da Legião e da Mocidade Portuguesa, copiadas de países estrangeiros, habituaram os adolescentes e os homens a uma disciplina severa, em que a iniciativa individual se torna chocante. Ora, na educação oficial, em lugar de se partir da vida interior do aluno, parte-se de uma estrutura exterior, em que professores e alunos vivem como que apertados num quadro regulamentar que provoca mais fácilmente as rebeldias, as imposições e os castigos. Só o regresso a uma vida social cheia de tolerancia, em que as garantias individuais sejam um facto, é que poderá fazer voltar a educação da mocidade portuguesa a uma completa organização, semelhante á dos países mais civilizados.

E, continuando o seu mundo de deduções e de interpretações de factos:

—Ainda como consequência deplorável do sistema educacional, hoje em vigor, entre nós, verificamos que aos jovens integrados na M. P. é-lhes permitido começar muito novos a exercer uma acção política, erguer a sua voz e pôr pontos de vista, desde que se integrem por completo nos quadros da U. N. ou que, ainda nas escolas, dêem provas de lá poder ingressar. Quanto aos outros, aqueles que, apesar do ambiente em que vivem, revelem as suas tendências democráticas, fica-lhes defeso por completo organizarem-se ou manifestarem-se, no sentido das suas tendências, das suas doutrinas, da sua consciência, enfim. De tudo isto, não poderia deixar de resultar a formação de caracteres falsamente expressos, a falsa adesão, a falsa atitude em que o coração, a inteligência e a consciência deformados não acompanham as palavras e as acções dos homens. E' uma «forma» postiça a que se exibe. Mas, por baixo, está o levedar das verdadeiras virtudes do povo que precisam de ser educadas, para prestígio próprio e do País.

Sugerimos um novo corolário de respostas, perguntando:

—Na sua opinião, qual a influência geral do actual condicionalismo da vida portuguesa sobre a formação do carácter da nossa gente?

—Se passarmos das ideias que acabo de expôr, relativas á formação do acanhado desenvolvimento da M. P. para a totalidade da população adulta, isso, então, verificamos que o medo é uma grande realidade, uma ameaça permanente, no ambiente social português.

E assim concretiza as suas ideias:

—A perseguição movida em todo o País aos signatários das listas de 1945; os assaltos que se seguiram á campanha do general Norton de Matos; a invasão nocturna dos lares pela Polícia Política do regime; as prisões; as torturas físicas e morais, o exílio; as «forcas caudinas», impostas a candidatos embora bem diplomados—aos lugares mais modestos, tudo isso são realidades que criaram no conjunto da população portuguesa o hábito da subserviência, da humilhação e da hipocrisia. Os que reagem sofrem temerosamente na sua vida privada e publica, no bem estar das suas famílias e na possibilidade—infelizmente ainda tão distante—de viver um verdadeiro ambiente de convívio cívico. Para esse convívio andam António Sérgio e os seus companheiros da comissão pro-voto a chamar incansávelmente os Portugueses de todas as tendências e de todos os credos.

E o sr. dr. Camara Reys, falando ainda, a propósito desse citado espírito de acomodação, alheamento cívico e ignorancia dos problemas mais essenciais da vida publica, recorda:

—Alguém me confessou há pouco as linhas gerais deste quadro, de observação pessoal, inteiramente justa: se lhe disser que, entre os homens de mais de 25 anos,—refiro-me ao homem comum, ao empregado publico ou comercial—se perdeu a mentalidade do interesse pelos destinos da pátria e da resolução dos seus problemas, aqui tem uma das imagens das consequências da educação dirigida pela situação. Há mesmo quem suponha que, do mesmo modo que o caixeiro não deve dizer mal do patrão porque este o porá fora, também o empregado publico não deve criticar os actos do Governo, porque este é o seu «patrão» e pô-lo?á na rua em caso de discordancia. A culpa não é deles, empregados, claro. E' de quem lhes faz acreditar que o Governo é patrão, em lugar de mandatário do povo e que só uma inversão de valores políticos pôde criar situações eternizantes de mando e de comando...

E, continuando:

—Certo estado de contemporização, criado pelo medo ou pela conveniência, gerou, naturalmente, uma falsa personalidade, um falso carácter, um comportamento que fica muito para cá da personalidade ou que não tem mesmo nada com a personalidade, uma vez que representa apenas um figurino para uso exterior e exibicionista. A obrigatoriedade de ir a actos que não interessam ao homem comum ou que são mesmo contra a sua maneira de ser e dos quais ele sabe que terá de tirar conclusões impostas, muitas vezes baseadas em factos que ele sabe ou—o que é ainda pior—julga saber deformados, tudo isso, creia, terá servido para tentar deformar o carácter do povo português.

—Durante a actual campanha eleitoral, já foi lançada a fórmula de que, ao medo, é necessário que se substitua a confiança. Perguntamos: como entende V. Ex.ª que pode conseguir-se esse objectivo?

—A resposta cabe mais aos situacionistas do que aos homens da Oposição. Os mais clarividentes partidários e servidores da Ditadura têm abordado o problema com uma certa cautela cheia de reticências. Mas os intelectuais, do tino João Ameal, fazem a espantosa afirmação de que é preciso deixar passar estes pequenos intervalos de liberdade, para regressar á «normalidade» da Ditadura... Como se um regime ditatorial pudesse considerar-se um período cheio de futuro, de novas realizações, para prolongar, indefinidamente, uma situação que deve ter caracter transitório!

E, dando realce ao seu raciocínio:

—Entretanto, o dr. José Alberto dos Reis, por exemplo, não deixou de tocar tal problema, embora timidamente, quanto ao possível termo do regime em que vivemos há 25 anos. A nós, oposicionistas, cabe-nos fazer, serenamente, a crítica ao regime e chamar a atenção do País para o facto de a Ditadura mais prolongada do que nenhuma outra, na História de Portugal, já ter evoluído completamente. Realizou uma obra, boa ou má, que atingiu o auge do seu domínio e da sua discutível capacidade realizadora. Está, não tenho duvida, na curva descendente. O principal responsável e guia deste regime mais de uma vez declarou já sentir-se fatigado do seu trabalho de comando. Evidentemente que os opíparos usufrutuários da Situação, aqueles a quem o padre Condesso, dissidente do regime, apontou como saindo do Governo para os postos rendosos da Finança, esses consideram, sob um ponto de vista puramente abdominal, que tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos. Se, porém, consultarem homens como o eng.º Araujo Correia e os poucos mais que, dentro da Ditadura, nunca renunciaram a um espírito crítico de justiça, eles poderão ser ouvidos com proveito sobre as possibilidades de que o País dispõe, para sair desta angustiosa situação. Nós, democratas, por nossa vez, limitamo-nos a reclamar, sem descanso, o restabelecimento das liberdades essenciais; a abolição das instituições obsoletas; a integração de Portugal no quadro das nações modernas e civilizadas.

E, reatando o fio inicial seguido pela nossa pergunta:

—Desta forma, respondo á sugestão do seu inquérito: ao medo há-de suceder a confiança; ao constrangimento, a tolerancia; á Ditadura, a Democracia. Digo-lhe, porém: quanto mais tarde for resolvido este problema, mais difícil será obter do cidadão português a maleabilidade que lhe permita governar-se a si próprio e integrar-se na governação publica.

Entre o muito a perguntar, havia que saber o que pensam fazer os actuais candidatos e aqueles que os acompanham, terminado o actual período eleitoral. Inquirimos, por isso:

—Procurarão manter-se agrupados, preparados para futuras intervenções na vida publica ou o vosso agrupamento foi puramente ocasional, para a campanha que está agora a chegar a seu termo?

—A pergunta envolve duas respostas... Assim, se formos eleitos, cumpriremos o programa esboçado no nosso manifesto aos eleitores de Lisboa e do resto do País. Na Assembleia Nacional, e apesar de todas as limitações que porventura tentem fazer-nos, teremos ocasião de realizar uma obra utilíssima de fiscalização e, até, de colaboração, tomando esta palavra, não no sentido de irmos na cauda do ditador e dos seus sequazes, mas, sim, de tomarmos a testa de um movimento que resgate Portugal deste quarto de século de abatimento e de obediências passivas. E' uma acção a exercer em todos os campos da actividade nacional.

—Mas se não forem eleitos?

—Continuaremos com António Sérgio e todos os bons cidadãos, que são milhares, do Norte ao Sul do País e em todas as províncias do Ultramar, esta lenta mas segura obra de convívio cívico, organizando o eleitorado, fiscalizando a acção governativa, suscitando iniciativas, alargando os quadros da Democracia, para que, no mais curto prazo de tempo, ela surja, vitoriosa e pacífica, perante o País que fará justiça á nossa acção.

Ainda uma pergunta:

—Caso se considere possível essa permanência de actividade política, para além do escrutínio de domingo, como pensa que poderiam aglutinar-se as forças oposicionistas e promover a sistematização das suas ideias e dos seus métodos de governo?

—A organização da Oposição—acode rápido o sr. dr. Camara Reys—não impedirá que, perante as divergências de doutrina, se vão, a pouco e pouco, criando esboços de grupos ou partidos. Estes, porém, nunca poderão definir-se, sem um mínimo de garantias que já foram reclamadas ao Governo e ao sr. presidente da Republica. Supor que o País poderá viver, indefinidamente, no cumprimento de realizações materiais, muitas vezes mais de fachada do que de fundo—como no-lo afirmou o novo candidato governamental, prof. João Cid dos Santos—supor tal coisa, repito, com um simplismo que excede as raias do inverosimil, é não formar a menor ideia do que seja a vida política de uma nação, na sequência da sua História.

E, continuando a desenvolver o seu pensamento:

—Precisamos, em primeiro lugar, de conseguir essas premissas fundamentais de liberdade, de direito de associação, de dourtinas servidas por uma Imprensa livre. Depois, tenho a certeza: o reflexo das ideias que, lá fora, estão a triunfar—como o Trabalhismo, o Socialismo Reformista, a obra dos partidos radicais e progressivos que já obtiveram, por exemplo, triunfos admiráveis na Inglaterra e nos países escandinavos, nessa altura, repito, o seu reflexo far-se-á sentir em Portugal. A solução do problema do pauperismo, dos latifundios, da assistência, da generalização da educação e de tantos outros aspectos da vida portuguesa, há-de trazer-nos, pouco a pouco, a um bem estar social aberto a toda a gente. Digamos, mesmo, mais uma vez: reconduzir-nos-ão ao convívio, digno e amistoso, de todos os Portugueses, sem que haja, de um lado, um ditador mais ou menos benigno; do outro, oito milhões de criaturas que renunciaram, consciente ou inconscientemente mas muitas vezes com constrangimento, a pensar pela sua cabeça ou a intervir nas decisões mais graves da vida interna e externa da sua pátria.

Já a caminho do fim desta entrevista perguntamos:

—A experiência de agora, que diz a V. Ex.ª? Julga possível que, daqui a quatro anos, elementos oposicionistas tenham podido organizar-se o bastante para apresentar candidaturas em todos os círculos do País?

—Todos os fenómenos sociais—responde o nosso entrevistado—e, muito particularmente, os de carácter político, obedecem a incidentes imprevisíveis. A sua pergunta, no entanto, vem ao encontro de opiniões expressas por alguns eleitores. Segundo eles, a nossa acção de agora, para preparar o eleitorado, deverá continuar durante estes próximos quatro anos para arregimentar um eleitorado sempre mais consciente, que nos levará á vitória em todo o território nacional.

A entrevista vai terminar. Vem, portanto, a ultima pergunta. Pergunta melindrosa mas que a necessária indiscrição do jornalista o não dispensa de formular:

—Os elementos republicanos que tomaram a iniciativa de se apresentar ao sufrágio como candidatos da oposição á União Nacional, têm feito declarações de que não podem ter entendimentos com os comunistas, por estes estarem naturalmente situados fora dos limites das fórmulas republicana e democrática de Governo. Quer expor as razões justificativas do entendimento existente entre esses republicanos e alguns categorizados elementos monárquicos?

—A nossa colaboração com comunistas ou elementos comunizantes, em 1945 e na candidatura do general Norton de Matos, obedeceu á circunstancia de se encontrarem momentaneamente, no mesmo campo de batalha, elementos divergentes que procuravam atingir o mesmo alvo e, triunfantes, assegurar em eleições legítimas a força das diferentes correntes doutrinárias. A ligação com os monárquicos oposicionistas, essa obedeceu ao mesmo princípio: queremos, em comum, restabelecer as liberdades essenciais. Momentaneamente, pomos de parte a questão do regime, questão que, evidentemente— para mim e para a totalidade dos candidatos pelos três círculos oposicionistas—não merece discussão. Somos republicanos e defendemos a Republica muito para além de uma simples questão de bandeira e de hino nacional. A Republica é o regime adoptado, cada vez mais, por todos os Estados. Há meio século que apenas temos visto cair Monarquias em nações que só muito raramente voltaram a readoptar o regime monárquico, hoje, em franco declínio.

E, para terminar, esta afirmação de confiança:

—Se, amanhã, num período mais ou menos distante, se impusesse—e eu não creio na possibilidade dessa imposição—um plebiscito sobre a forma de regime, estou certo de que a totalidade dos votantes imporia a continuação da Republica. Uma Republica, bem entendido, com as características essenciais que hoje não tem...

As assinaturas de 1945 e os concursos de funcionários no Ministério do Interior

Assinada pelo director-geral da Administração Politica e Civil, do Ministério do Interior, recebemos esta tarde a seguinte comunicação:

«Entre as afirmações feitas no editorial do jornal «Republica», de ontem, destacam-se as seguintes:

«E sabemo-lo nós e sabe-o toda a gente, que quando se abrem concursos, ai dos que não pertencem á União Nacional. A sua vida é sujeita a larga devassa policial e, se tiverem assinado as famosas listas, regra geral, são desde logo excluidos».

Para bem se ajuizar do fundamento de tais afirmações, julga-se conveniente trazer a publico, a título de exemplo, os seguintes elementos, respeitantes a processos de concursos realizados no ano corrente, ou em vésperas de realização, na Direcção-Geral de Administração Politica e Civil, do Ministério do Interior:

Cargos a que respeitam	Número de candidatos	Assinaram as listas do M. U. D. em 1945	Excluidas por motivos de natureza política
3.os oficiais do quadro interno.....	293	5	0
Ingresso no quadro geral dos serviços externos	167	3	0
2.ª classe da 2.ª categoria do quadro geral dos serviços externos	71	1	0
3.ª classe da 1.ª categoria do quadro geral dos serviços externos	7	1	0
Escriturários dos Governos Civis e das Administrações dos Bairros...	53	1	0

Mais se verifica, em face dos respectivos processos, que, também no ano corrente, de entre 223 candidatos, em 24 concursos para lugares dos quadros privativos dos corpos administrativos do distrito de Lisboa, houve 18 que assinaram as listas do M. U. D., sem que, no entanto, qualquer deles deixasse, por isso ou por qualquer outro motivo de natureza política, de ser admitido.

Quanto á filiação na União Nacional nunca ninguém cuidou de saber. O que se sabe, positivamente, é que também não pertencem á União Nacional funcionários que, com frequência, fazem parte dos juris dos concursos».

As sessões de propaganda da União Nacional

Realiza-se hoje, no Porto, sob a presidência do sr. eng. Cancela de Abreu, presidente da Comissão Executiva da União Nacional, uma sessão de propaganda eleitoral promovida por aquele organismo. A sessão efectua-se no Coliseu daquela cidade, sendo oradores os srs. prof. dr. António de Almeida Garrett, dr. José Gualberto de Sá Carneiro, major Botelho Moniz, prof. eng. Daniel Vieira Barbosa e major João de Paiva de Faria Leite Brandão.

—Também promovida pela União Nacional se efectua amanhã, ás 21 e 30, no Palácio dos Desportos, do Parque Eduardo VII, uma sessão para propaganda eleitoral, em que serão oradores os srs. dr. Tito Arantes, dr. Bustorff Silva e prof. Mário de Figueiredo, sessão com que encerrará a sua campanha.

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal o Ceu está nublado e os ventos são fracos a bonançosos do quadrante Noroeste, por influência da massa de ar maritimo transportada na circulação dum anticiclone centrado a Leste dos Açores.

PREVISÃO ATÉ A'S 24 (T. M. G.) DE AMANHÃ—Ceu de algumas nuvens a nublado. Vento fraco a bonançoso do quadrante Noroeste. Nevoeiros matinais junto á costa, especialmente a Norte do Cabo Carvoeiro. Temperatura sem alteração apreciavel.

Temperaturas extremas registadas, hoje em Lisboa até ás 15 horas: *máxima*, 21°,2; *minima*, 13°,1. No mesmo dia do ano passado: *máxima*, 23°,2; *minima*, 12°,7.

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA—Ás 18 e 30, Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Concerto pelo Sexteto de Cegos; 19 e 30, Meia-Hora Brasileira; 20, O Caso do Dia; 20 e 15, Musica regional portuguesa; 20 e 30, Noticiário regional; 20 e 35, Solos de piano; 20 e 45, Canconetas; 21, Noticiário.

Programa «A»—Ás 21 e 15, Musica de tecla; 21 e 30, Para um verdadeiro humanismo—«O dever do homem», pelo dr. António de Azevedo Pires; 21 e 45, Concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco—1.ª parte; 22 e 30, Actualidade internacional; 22 e 45, Concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco—2.ª parte; 23 e 50, Junção dos Emissores—Noticiário; 0, Encerramento.

Programa «B»—Ás 21 e 15, Desdobramento—Trechos a dois pianos; 21 e 30, Musica ligeira brasileira; 21 e 45, Viagens ao mundo da dança; 22 e 10, «Que quer ouvir?»; 22 e 45, Orquestras ligeiras; 23, Fados e guitarradas; 23 e 20, Danças; 23 e 50, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Concerto; 18 e 45, Trechos recreativos; 19, Fados e guitarradas; 19 e 30, Aperitivo A. P.-A.; 20, Rapsódias; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Vinte minutos do Monumental; 20 e 45, Programa Robbialac; 21, Cacharolete A. P. A.; 21 e 30, Reportagem integral e directa da sessão de propaganda eleitoral no Porto; 23 e 30, Companheiros da Alegria; 0 e 30, Musica de dança do Cristal; 0 e 50, Noticiário e amanhã; 1, Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—Ás 19 e 45, Marcha; 19 e 46, Anuncio do programa; 19 e 50, Orquestras de dança; 20, Leitura de poesias; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Variedades musicais; 20 e 35, Discos pedidos pelos ouvintes universitários; 20 e 50, Anuncio do encerramento; 20 e 54, Marcha; 20 e 55, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 19 e 30 ás 0; juntamente com o Porto, das 19 e 30 ás 22 e 30.

POSTOS CENTRALIZADOS DE LISBOA—Das 17 ás 19 e 30, Rádio Restauração; das 19 e 30 ás 22, Rádio Graça; das 22 á 1, Rádio Peninsular.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO G—Estrada de Benfica, 648—Tel. 58 096; Alegria—Estrada de Benfica. 277-281 Tel. 58 511; Canto—Estrada das Laranjeiras, 202-B—Tel. 58 841; Prates & Mota—R. da Beneficência, ao Rego, 91—Tel. 73728; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77—Tel. 79 390; Cabrita—Campo Grande, 220-222—Tel. 72397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D — Sitio de Alvalade — Tel. 78380; Bentosinho — Avenida de Oscar Monteiro Torres, 38-A — Tel. 74920; Jaime Mendonça—Av. do Duque de Ávila, 125—Tel. 45225; Ducal—Avenida do Duque de Loulé, 19—Tel. 48946; Ascenso—Rua 19—Bairro da Encarnação—Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua de Alves Gouveia, 19—Tel. 399237; Grijó—Rua do Grilo, 25—Tel. 39144; Martins, Ld.ª—R. de Fernão de Magalhães, 33—Tel. 849448; Morão—Largo da Graça. 63—Tel. 848700; Simões—Rua do Padre Sena Freitas, 10-A—Tel. 842518; Central do Areeiro—Avenida de Paris. 2-2-A—Tel. 70820; Marluz—Calçada da Picheleira, 140-B-C—Tel. 840703; Vitalis—Rua de Morais Soares. 66-A—Tel. 848011; Pancada, Ld.ª—Rua de Rebelo da Silva, 9—Tel. 43340; Confiança—Avenida do Almirante Reis, 46—Tel. 42453; Vicente de Jesus—Largo do Rato. 3-C-D—Tel. 62347; Salutar—Rua B, 75-A-B—Bairro da Liberdade; Pinto—Rua de Campolide,11—Tel. 49210; Pinheiro—Rua do Campo de Ourique, 131-133—Tel. 63640; União—Rua de Saraiva de Carvalho, 119—Tel. 63643; Eduardo A. César—Rua das Trinas, 102—Tel. 62631; S. Jerónimo—Rua dos Jerónimos, 8-C—Tel. 38916; Botanico-Química, Ld.ª—Rua da Junqueira, 38-40—Tel 38132; Bairrão—Rua do Prior do Crato, 25—Tel. 61321; Pinharanda—Rua da Rosa, 94-96—Tel. 21534; Moz Teixeira—Rua do Poço dos Negros, 115—Tel. 63961; Galénica—Rua das Pretas, 12-14—Tel. 22588; Azevedo, Filhos—Praça de D. Pedro IV. 31—Tel. 27478.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	772$	771$5	772$
Consolidado 3 % T. 10	855$	855$	856$
Consolidado 3 1/2 T 10	987$	986$	988$
Centenários 4 %... ...	2.219$	2.218$	2.220$
Obrig. Tes. 2 1/2 1942	975$	974$	—
Obrig. Tes. 2 1/2 1943	—	962$	—
Obrig. Tes. 2 1/2 1944	—	955$	—
Externas 1.ª série... ...	—	1.225$	—
Externas 1.ª carimbadas	—	1.230$	1.235$
Externas 3.ª série	—	1.340$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.340$	1.350$
Cautelas 3.ª série s/ j.	—	157$	—
Acções			
Lisboa e Açores port.	1.730$	1.720$	1.750$
Ultramarino cp. T. p....	1.960$	1.960$	1.965$
Portugal port. T. p....	—	1.630$	1.660$
Mundial	2.350$	2.300$	2.400$
Nacional	—	1.900$	2.000$
Aguas Lisboa port. ...	—	210$	—
Aguas Lisboa 1934 T.p.	215$	210$	220$
Aguas Lisboa 1936 T.p.	—	210$	—
Cimentos Tejo...	395$	393$	400$
Cimentos Leiria T. p.	495$	485$	500$
Crédito Predial port....	—	25$	25$5
Gás Electricidade cupão	187$5	187$	187$5
Alto Alentejo cupão...	141$5	141$5	142$
Industrial Aliança... ...	395$	392$	397$
Portugal e Colónias ...	383$	382$	383$
Nac. Navegação T. p.	1.440$	1.430$	1.450$
Colonial de Navegação	660$	655$	665$
Port. de Pesca T. p....	—	1.100$	1.180$
Port. de Tabacos cupão	458$	457$	459$
Tabacos Portugal cupão	—	595$	600$
União Eléctrica Port.ª	213$	213$	215$
Cassequel	1.465$	1.462$	1.466$
Agrícola das Neves ...	—	1.140$	—
Agricultura Colonial ...	—	665$	680$
Açucar de Angola... ...	3.430$	3.430$	3.432$
Buzi...	260$	260$	260$5
Cabinda	—	212$	217$
Ilha do Príncipe	1.440$	1.430$	1.450$
Zambézia T. de 25 ...	126$5	126$	126$5
Moçambique	161$	160$	161$
Eléctrica das Beiras ...	—	1.460$	—
Obrigações			
Aguas de Lisboa 5 %	—	506$	510$
Norte de Portugal 5 %	108$	108$	108$5

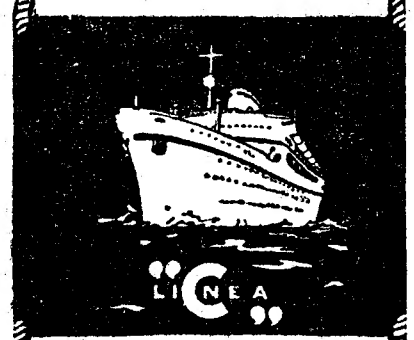
J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO Ouro em barra
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

CHEGOU O «INDIA»

Procedentes dos portos de Timor, Macau e Hong-Kong, entrou hoje, no Tejo, o vapor «India», com 328 passageiros, dos quais 153 são oficiais que terminaram as suas comissões, ou em gozo de licença e soldados indígenas.

RESTAURANTE CLEMENTINA
a dois minutos da estação do Rossio.
Comida o que há de melhor
preços muito acessíveis
Rua Jardim do Regedor, 37-1.º
Telefone 24669

PARA
FUNCHAL, RIO DE JANEIRO
SANTOS, MONTEVIDEO
e BUENOS AIRES
EM 17 NOVEMBRO
O PAQUETE
DE LUXO
ANNA C.



ar Condicionado
PARA PASSAGENS E CARGA
Agentes gerais:
Sociedade Comercial
OREY, ANTUNES & C.ª L.da
P. Duque da Terceira, 4—LISBOA
T. 22271/3—Teleg. «ANTUNITA»
Sub-Agentes no PORTO
Sociedade Comercial
OREY & BARROS LEITE,
— L.DA —
R. Sá da Bandeira, 610

DESPORTOS

FUTEBOL

Resultado de 6-6 num treino da selecção nacional

A selecção nacional de futebol voltou a treinar-se esta manhã, no campo de treinos do Estádio Nacional, sob a orientação do seleccionador nacional, Salvador do Carmo, e do treinador Alfredo Valadas. Para o treino foi formada uma equipa mista de jogadores convocados, e de cinco avançados argentinos que estão a jogar em clubes portugueses.

Selecção: Barrigana; Virgilio e Graça; Barros, Passos e Diamantino; Vasques, Hernani, Aguas, Matateu e Travaços.

Misto: Carlos Gomes; Rocha e Bucheli; Cabrita, Germano e Vaz; Porcel (S. C. P.), Di Pace (Belenenses), Perez (Belenenses), Messiano e Castiglia (Atletico).

Ao intervalo, Carlos Duarte (F. C. P.) substituiu Vasques; e Cesário (Braga) entrou para o lugar de Carlos Gomes, que estava, aliás, a fazer portentosa exibição.

O treino teve ritmo mais acelarado que o costume, porque o misto se empenhou ardorosamente, destacando-se neste pormenor os cinco argentinos. Mas não cremos que tenha sido mais util que o anterior, visto não haver um plano. O misto empenhava-se na luta, mas jogava por inspiração, mais para brilhar do que para dar á selecção uma ideia aproximada das dificuldades que a esperam contra a Austria. Para isso, seria necessário que a equipa treinadora levasse para o campo um esquema estudado e, tanto quanto possivel, aproximado da tactica do futebol austriaco. Isso não se viu.

A selecção, forçada a movimentar-se como se se tratasse de um jogo a sério, com choques, cargas e até pequenas quezilias, deu boa conta de si na primeira, que deve ter demorado meia hora. No fim deste primeiro tempo, o misto ganhava por 4-3. Aos 5 minutos, Castiglia abriu o activo; um minuto depois, Aguas serve Matateu, que remata de cabeça; aos 7 minutos Aguas marca também, depois de bem servido por Matateu; Di Pace volta a empatar aos 14 minutos; Matateu estabece nova desigualdade, mas Messiano e Di Pace dão vantagens ao misto.

Os golos do segundo tempo, foram marcados por Carlos Duarte, Travaços, Carlos Duarte, Perez e Rocha. Este ultimo golo, atirado de longe, surpreendeu Barrigana.

Carlos Duarte beneficiou da liberdade que lhe deu Bucheli, que se adiantava muito e depois não recuperava. Neste segundo tempo o misto jogou muito melhor, com relevo para Cabrita e Messiano.

Carlos Gomes foi o guarda-rêdes que fez melhor exibição; Passos suportou bem o embate agreste com Perez; e Rocha deu-nos a impressão de estar em melhor forma do que Virgilio. No ataque, Aguas, Matateu e Hernani, e depois Carlos Duarte, distinguiram-se.

Verissimo, do Sporting, jogará esta época no Lusitano de Évora

O Sporting resolveu ceder, por uma época, o seu antigo jogador e médio de categoria, Verissimo, ao Lusitano de Évora, com o fim unico de auxiliar a debelar a crise que o clube alentejano atravessa.

A carta de desobrigação foi hoje entregue na Federação de Futebol, e é possivel que a transferência seja deferida a tempo do jogador leonino alinhar no domingo próximo contra o Sporting de Braga.

O Sporting cedeu o seu jogador Verissimo, que esta época já jogou pela equipa leonina, mas não ficando preso, sem condições, apenas por amizade e solidariedade.

E o Lusitano ganha um reforço que certamente lhe será muito proveitoso.

HOQUEI EM PATINS

Vitória do Campo de Ourique em Sintra

Iniciou-se ontem a primeira fase do Campeonato Nacional de hoquei em patins, com os encontros dos torneios de qualificação.

Na zona Sul-Oeste-Centro, a partida mais importante foi a que se jogou em Sintra, entre o clube local e o Campo de Ourique. E' de crer que os dois adversários passem á fase final e, assim, o desfecho do jogo não se revestia do ambiente de interesse que um encontro decisivo pode justificar. No entanto, o equilibrio de forças e a circunstancia de não se poder contar com um vencedor antecipado sempre são razões que atraem o publico.

Sob a arbitragem de José Cabrita, os grupos alinharam:

Sintra—Magalhães, Raio, Edgar, Soares, Pereira e Sales.

C. Ourique—Matos, Fausto, Bernardino, Rebelo, Nazário e Marques.

A partida teve, na generalidade, uma toada de equilibrio, nunca se acentuando o dominio de qualquer dos grupos. Todavia, foi mais prolongado e insistente o ataque dos sintrenses, tendo o C. A. C. O. respondido muito bem, a segurar a vantagem de um golo.

Aos 6 minutos, uma descida fulgurante de Raio proporcionou a Soares a obtenção do primeiro ponto; mas, dois minutos volvidos, os visitantes empataram por intermédio de Rebelo e, logo a seguir, fizeram 2-1, em remate de Nazário. O Sintra tentou responder e contrariar os numeros do marcador, mas o intervalo chegou com o resultado feito naqueles lances.

A segunda parte mostrou, de início, que os sintrenses desejavam modificar a marca e que os ouriquenses, á cautela, não queriam perder a vantagem.

Contudo, foram ainda os lisboetas que subiram para 3-1, novamente por intermédio de Nazário.

Mesmo com uma diferença de pois pontos, o Sintra voltou a tentar o ataque, mas sem êxito. E foi Edgar, de penalti, que reduziu a margem do C. Ourique para 2-3, estabelecendo o resultado final.

Tal como na primeira volta do Regional do Sul, os ouriquenses foram a Sintra ganhar pela diferença mínima uma partida equilibrada.

* * *

Amanhã prosseguem os torneios de qualificação, com os jogos: Campo de Ourique-Sporting de Tomar e Vila Nova de Ourém-Sintra; no Norte defrontam-se: Académico de Braga-Sanjoanense e Estrela e Vigorosa-Vianense.

Todos os encontros se realizam nos rinques dos clubes mencionados em primeiro lugar.

Campeonato Nacional de Juniores

Joga-se esta noite em Sintra uma partida que pode ser decisiva para a atribuição do titulo: o Sintra-Oeiras. Os visitantes levam dois pontos de vantagem sobre os sintrenses e estão em igualdade com a Associação Académica de Espinho. Se vencerem, têm aberta a porta do 1.º lugar, pois recebem em casa os representantes do Norte. No entanto, em caso de vitória do Sintra, os dois clubes do Sul igualam-se na pontuação e talvez que a Académica venha e beneficiar disso. De qualquer modo, tanto as partidas de hoje como as jornadas Sul-Norte de sábado e domingo, são aguardadas com justificado interesse.

EXCURSÕES
FEIRA DE S. MARTINHO
GOLEGÃ
11 de Novembro de 1953
Ida por: VILA FRANCA DE XIRA, (Lezírias do Ribatejo), SAMORA, SALVATERRA DE MAGOS, ALMEIRIM, CHAMUSCA. Regresso por TORRES NOVAS e SANTAREM.—Preço 50$00
Organizações IZIDORO DUARTE
Rua da Palma, 256 (Cabines 2-3)
Garage Navarro — Telef. 21034
PORTO-BELENENSES
Sábado, 7 — Partida ás 14 horas
Domingo, 8—Regresso ás 17,30 h.
Preço 110$00
NOS MAIS LUXUOSOS AUTO-PULLMANS

Apresenta em frasco individual, com a capacidade de 20 grs., os seus aromas clássicos:
TABU * EMIR * BOLERO
20 CARATS * PLATINE
CANOE * CUIR DU CANADA
LAVANDE

MOBILIAS
Quarto ou Casa Jantar em castanho ou mogno 3.300$. Em contraplacado 2.800$. Em castanho e eucalipto 1.800$ T. Fieis de Deus, 69 (á esquina da Rua da Rosa).

Lycée Français Charles Lepierre
COURS ANNEXES
Patio do Tijolo, 25 Tel. 20209
Cursos de francês prático
AS MATRÍCULAS ESTÃO ABERTAS

A resposta soviética

à nota das potências ocidentais

contém um protesto veemente

contra as conversações separadas

(Continuação da 1.ª página)

«considera indispensável lembrar que espera uma resposta á nota de 28 de Agosto findo, relativa ao assunto. O Governo soviético nota ainda que «o exame deste assunto pela via ordinária ainda não está concluido».

O documento conta 21 páginas em que o Governo soviético evoca pormenorizadamente as «medidas destinadas a reduzir a tensão internacional». Por outro lado, a U. R. S. S. protesta contra as conversações separadas das três potências ocidentais. «A nova conferência de Londres e a de Washington, declara, de modo nenhum facilitam a solução dos problemas internacionais em suspenso. Essas conferências não podem deixar de limitar a iniciativa e as possibilidades de acordo entre as potências interessadas, o que, naturalmente, é contrário aos interesses da colaboração internacional».

O Governo soviético entende que a ratificação dos tratados de Bonn e de Paris prescinde do exame da questão alemã numa conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros. A passagem relativa ao assunto diz:

«O Governo soviético desejaria receber esclarecimentos do Governo francês e dos governos americano e britanico para saber se a declaração dos mesmos governos, dizendo que estão prontos a examinar o problema alemão numa conferência dos ministros das quatro potências e se o facto de que reconhecem a importancia que há em garantir a segurança europeia significa que eles mesmos se colocarão numa situação tal que, por um lado, a questão alemã será submetida ao exame da conferência enquanto que, doutro lado, serão tomadas ao mesmo tempo medidas tendentes á ratificação dos acordos de Paris e de Bonn pelos Estados que ainda os não ratificaram».

A nota prossegue: «Esses esclarecimentos são indispensáveis, uma vez que a ratificação dos acordos referidos e a sua entrada em vigor tornam impossível o restabelecimento da Alemanha como Estado unico e por isso mesmo prescindem do exame da questão alemã na conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros das quatro potências, uma vez que essa conferência teria as mãos atadas pelos compromissos separados assumidos antecipadamente por três potências com o Governo de Adenauer, com o propósito de arrastar a Alemanha ocidental para o bloco do Norte do Atlantico e para organizar o exército da desforra da Alemanha ocidental».—(F. P.).

Decepção em Washington

WASHINGTON, 4—Apesar do silêncio oficial mantido acerca do conteudo da resposta soviética ao convite ocidental para uma conferência de quatro sobre a Alemanha e a Austria, afirma-se nos circulos bem informados que a impressão de decepção notada ontem nas esferas que lidam de perto com o Departamento de Estado, provém, sobretudo, do facto da União Soviética manter o seu ponto de vista anterior, isto é: uma conferência de cinco, de que faria parte a China comunista, antes de qualquer conversação a quatro acerca do problema alemão, e um arranjo do problema austriaco por intermédio das chancelarias.

O sentimento que predomina entre os diplomatas americanos é que os dirigentes de Moscovo desejam a neutralização da Alemanha e uma participação do regime comunista da Alemanha oriental nos preparativos para a reunificação alemã. A julgar pelas primeiras reacções colhidas em Washington, a nota soviética de ontem confirmaria a opinião expressa pelo secretário de Estado, John Foster Dulles, durante a sua conferência de Imprensa realizada ontem, quando disse que os dirigentes soviéticos pretendem evitar, a todo o preço, conversações com o Ocidente acerca de assuntos definidos e concretos. Nos circulos políticos de Wahington existe a opinião de que, se as atitudes soviética e chinesa estão em íntimo acordo, como se supõe, o facto explica o «marcar passo» das conversações de Pan-Mun-Jon a propósito da organização da Conferência Política da Coreia.—(F. P.).

As reacções em Londres

LONDRES, 4—As primeiras reacções dos observadores londrinos á resposta soviética são: O Governo da U. R. S. S. quer fazer pressão nos parlamentos e nas opiniões publicas dos países membros da futura C. E. D., nomeadamente na opinião publica francesa e alemã. A tendencia favorável á ratificação do tratado, verificada recentemente tanto em França como na Alemanha, provocou esta nova intransigencia da atitude soviética.

A resposta de Moscovo é classificada de «desconsoladora» pelos circulos diplomáticos londrinos, onde se nota que comporta uma repetição, quase palavra por palavra, das propostas contidas na nota de 28 de Setembro acerca duma conferencia «de cinco e de quatro», com participação da China comunista. O convite claro e explicito de participar numa reunião dos Quatro, em 9 do corrente, em Lugano, redigido em termos que não se prestavam a qualquer equívoco e que pedia uma resposta igualmente clara, de nada serviu, segundo verificam naquelas esferas.

O unico elemento novo, declara-se, é a expressão visivel do mau-humor soviético em face das reuniões tripartidas dos ministros dos Negócios Estrangeiros das potencias ocidentais.—(F. P.).

A repercussão em Paris

PARIS, 4—Embora ainda se não conheçam comentários autorizados á resposta de Moscovo, os circulos diplomáticos pensam geralmente que:

1.º—Esta nota, sob forma nova, é a reedição das anteriores. 2.º—Ao condicionar uma conferência quadripartida a respeito da Alemanha, á reunião prévia de uma conferência de cinco, com a participação da China, a solução do problema alemão é práticamente adiada. Esta conferência de cinco, novamente sugerida para eliminar as causas de tensão que existem actualmente no Mundo, parece implicar um reconhecimento prévio da China comunista e, no espirito da nota sovietica, o seu exito exigiria o abandono das bases avançadas, aereas ou outras, que comporta o dispositivo de segurança ocidental.

Quanto á conferência dos Quatro sobre a Alemanha, apenas seria possivel se a politica concretizada pelos acordos de Bonn e de Paris fosse suspensa.

A nota sovietica, que não responde á das três potências ocidentais de 18 de Outubro, acusa esta mesma nota de iludir as questões postas anteriormente pelo ultimo documento de Moscovo. Acusa, por outro lado, as três potências ocidentais, porque trabalham em conjunto, de não facilitar a colaboração internacional.

A primeira parte da nota de Moscovo é, portanto, um autêntico libelo contra os metodos, as intenções e a atitude em geral das potências ocidentais. E', ao mesmo tempo, uma defesa da China comunista.

Na longa exposição sovietica lembra-se que existe um tratado franco-sovietico, que prevê que a França e a U. R. S. S. podem tomar medidas conjuntas contra o renascimento do militarismo alemão. A União Sovietica declara-se, como sempre, pronta a respeitar as obrigações assumidas por esse tratado. Evoca, também, os acordos de Potsdam.—(F. P.).

ficção científica
na «Colecção Argonauta»

ESTADOS UNIDOS

Vitória

dos democráticos

nas eleições municipais

NOVA YORK, 4—A eleição de Robert Wagner, candidato democrático, para presidente da vereação de Nova York, por uma maioria que se aproxima dos 400.000 votos, é já considerada como certa. E' a mais forte maioria desde a eleição de William O'Dwyer, igualmente democrático, eleito em 1949. O exito obtido por Wagner veio reforçar a fracção liberal do Partido Democrático de Nova York, de que fazem parte Averell Harriman, antigo administrador da E. C. A., e Franklin Roosevelt, filho do falecido presidente e que representa uma circunscrição de Nova York na Camara dos Representantes.

Os resultados até agora conhecidos das eleições municipais das grandes cidades dos Estados Unidos confirmam, de uma maneira geral, a vitória dos candidatos democráticos, isto é, adversários politicos do partido que actualmente detem o Poder.

Em Albany, capital do Estado de Nova York, foi eleito o democrático Erastus Corning. Em Buffalo, o candidato democrático Steven Panhow bateu o seu adversário republicano, que presidia á vereação há mais de oito anos.

Em Oneida, no centro de Nova York, foi eleito o republicano Robert Kruger. Em Bridgeport, Estado de Connecticut, foi eleito o socialista Jasper Mac Levy pela 11.ª vez consecutiva.

Em New Haven, foi eleito um democrático, enquanto em Waterbury a eleição foi ganha por um republicano.

Um exito incontestável para os democráticos foi a eleição de Robert Meyner para governador do Estado de New Jersey, por grande maioria, contra o adversário republicano Paul Troast. Esta eleição revestia-se de alta importancia devido ao facto da candidatura de Troast ter sido ultimamente aprovada pelo presidente Eisenhower, contando os republicanos com a sua eleição como prova de popularidade da Administração republicana.

Ainda no Estado de New Jersey, Harrison Williams, candidato democrático a um lugar vago no Congresso dos Estados Unidos, parece ter obtido, segundo as ultimas noticias, uma forte maioria contra o seu rival republicano George Hetfield.

No Estado de Virginia, conhecido feudo do senador William Byrd, o candidato democrático ao lugar de governador, Thomas Stanley, foi igualmente eleito.

No Middle-West, em Little Roch (Arkansas) foi eleito o candidato republicano.—(F. P.).

Vai começar uma era de dificuldades para o Partido Republicano

WASHINGTON, 4—O presidente do directório nacional republicano, Leonard W. Hall, reconhece que a série de vitórias alcançadas ontem pelo Partido Democrático anuncia, para o Partido Republicano, uma hora de dificuldades politicas. «Não há duvida afirmou, de que a partir de hoje estamos a braços com enormes dificuldades políticas, apesar dos excelentes resultados no Virginia». Explicou a derrota dos republicanos, declarando que o seu partido «herdou, na capital, uma embrulhada que excede tudo quanto se possa imaginar...».

Por sua vez, Adlai Stevenson declara-se muito satisfeito com os resultados obtidos este ano pelos democráticos: «Muitos eleitores, em muitas circunscrições, disse, reiteraram a confiança que têm nos democráticos».—(F. P.).

ESTORIL

Roga-se a fineza, a quem tenha necessidade de viajar no País, ou pelo estrangeiro, que não o faça, sem consultar preços, em carros de aluguer, Hudson dos ultimos modelos, com motoristas conhecendo bem Europa, falando Inglês, e documentos internacionais sempre prontos, telefone 1 2 6 Estoril, Garagem Alvarez.

A organização

de depósitos

de munições atómicas

em bases americanas

fora dos Estados Unidos

WASHINGTON, 4—A organização de depósitos de munições atómicas nas bases americanas, fora do território dos Estados Unidos, é uma medida prevista em caso de hostilidades ou, talvez, em caso de agravação extrema da situação internacional: tal é a opinião de um grande numero de peritos militares do Pentágono. Assim, dizem estes mesmos peritos, há apenas uma contradição aparente entre as declarações feitas pelo secretário de Estado da Aeronáutica, Harold Talbott, isto é, que «stocks» de bombas atómicas poderiam um dia ser acumulados nas bases aéreas americanas em Espanha, e as feitas ontem pelo secretário de Estado, John Foster Dulles, ao afirmar que os Estados Unidos não projectariam acumular «stocks» de armas nucleares em Espanha.

É claro que o caracter hipotético das declarações do secretário do Ar de modo algum significa que a doutrina estratégica americana de «represálias instantaneas», em caso de ataque inimigo, permaneça apenas no dominio da imaginação. Essa doutrina existe e a sua aplicação eventual está preparada, incluindo, segundo se afirma, o uso de armas atómicas.

A aparente confusão resultante das declarações de Harold Talbott e Foster Dulles pode resumir-se na seguinte pergunta: Admitindo que a doutrina das «represálias instantaneas» existe e que a sua aplicação, em caso de ataque inimigo, está prevista, existem já ou existirão em breve depósitos de munições atómicas nas bases americanas fora do território dos Estados Unidos?

Por óbvias razões de segurança, as autoridades americanas não respondem a esta pergunta e lembram que o transporte de armas nucleares, para fora do país, tem de ser expressamente autorizado pelo presidente dos Estados Unidos.

Não é menos evidente que em caso de ataque inimigo ou de se agravar a situação internacional, o transporte de armas atómicas para bases americanas no estrangeiro pode fazer-se em algumas horas. Um tal transporte, porém, requereria o acordo prévio dos governos dos países onde se encontram essas bases.—(F. P.).

O comércio com o Brasil

RIO DE JANEIRO, 4.—Contràriamente ao que foi noticiado, efectuou-se o leilão de divisas, no montante de 200.000 dólares, para frutas secas portuguesas, com o compromisso de Portugal comprar produtos brasileiros, para reequilibrio da balança comercial entre os dois países. —(Lusitania).

Todos podem ser beneméritos

Ricos, pobres, remediados, todos podem fazer imenso bem a tantos outros mais pobres que se abrigam nos institutos de assistência ou vivem mercê dos seus subsidios. Os rendimentos da Lotaria constituem uma das maiores fontes de receita da assistência, e quem a compra presta auxilio valioso a tantas obras que espalham o bem. Seja benemérito através da lotaria e adquira esta na Casa da Sorte, onde já está à venda a popular de 6 de Novembro, com 1.000 Contos de 1.º prémio e o Natal de 1953, com um primeiro prémio de 10.000 Contos.

5$00

Envie esta importancia em selos de 1$00 e receberá o Mapa Humoristico da Europa, edição 1953. Medindo 90X60 e impresso a 9 cores, contém 49 animais diversos, tais como leão, tigre, elefante, urso, girafa, gorila, touro, raposa, corça, pinguim doninha, cavalo, aves, etc., todos num verdadeiro circo, formando assim o mapa da bicharada. As crianças, com a ajuda dos animais, aprendem neste mapa a conhecer geográficamente o local exacto onde fica qualquer país. Os adultos terão ocasião de nele apreciarem a actual politica internacional, num espectáculo cheio de humorismo., J. R. SILVA APARTADO 743—LISBOA.